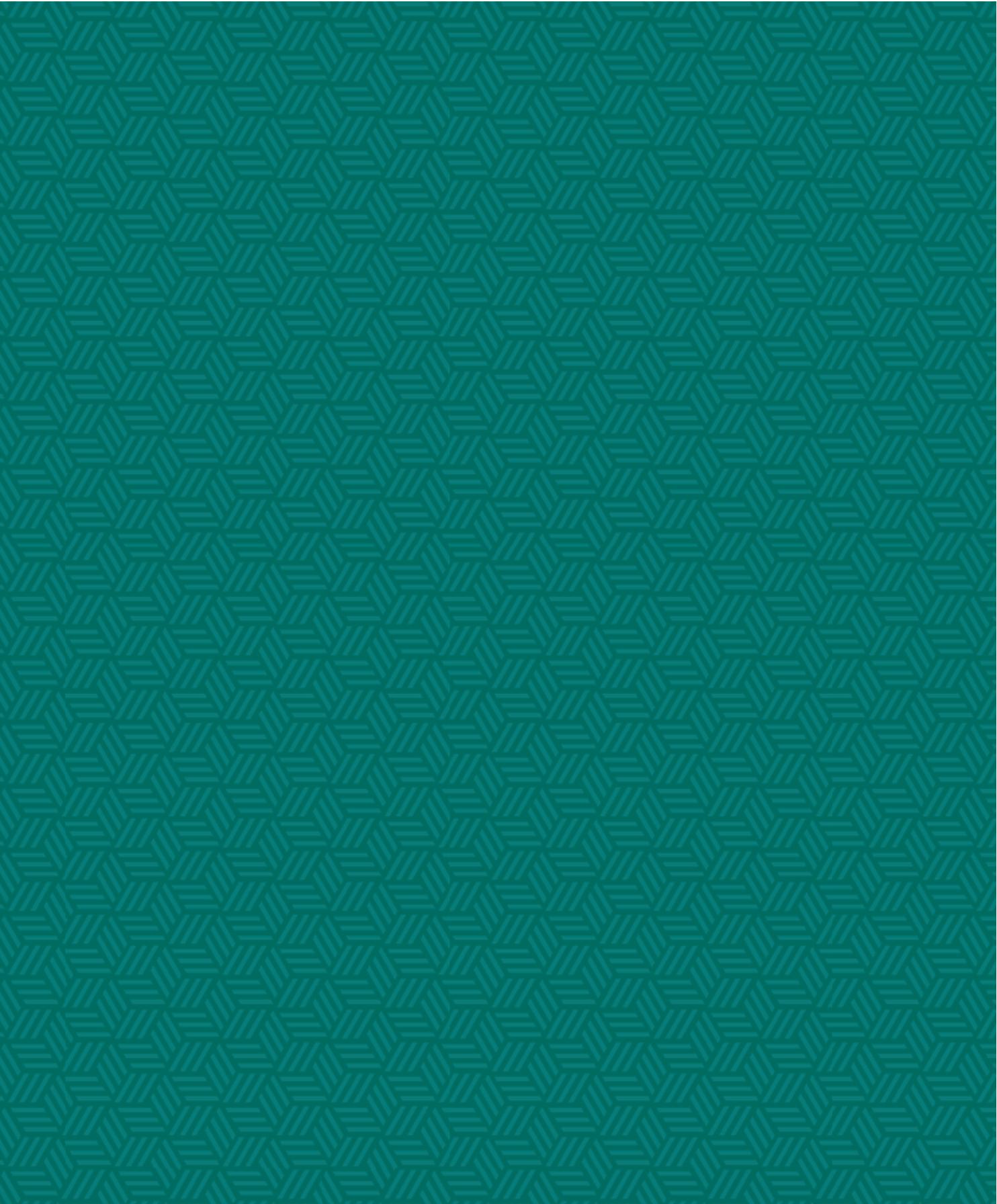
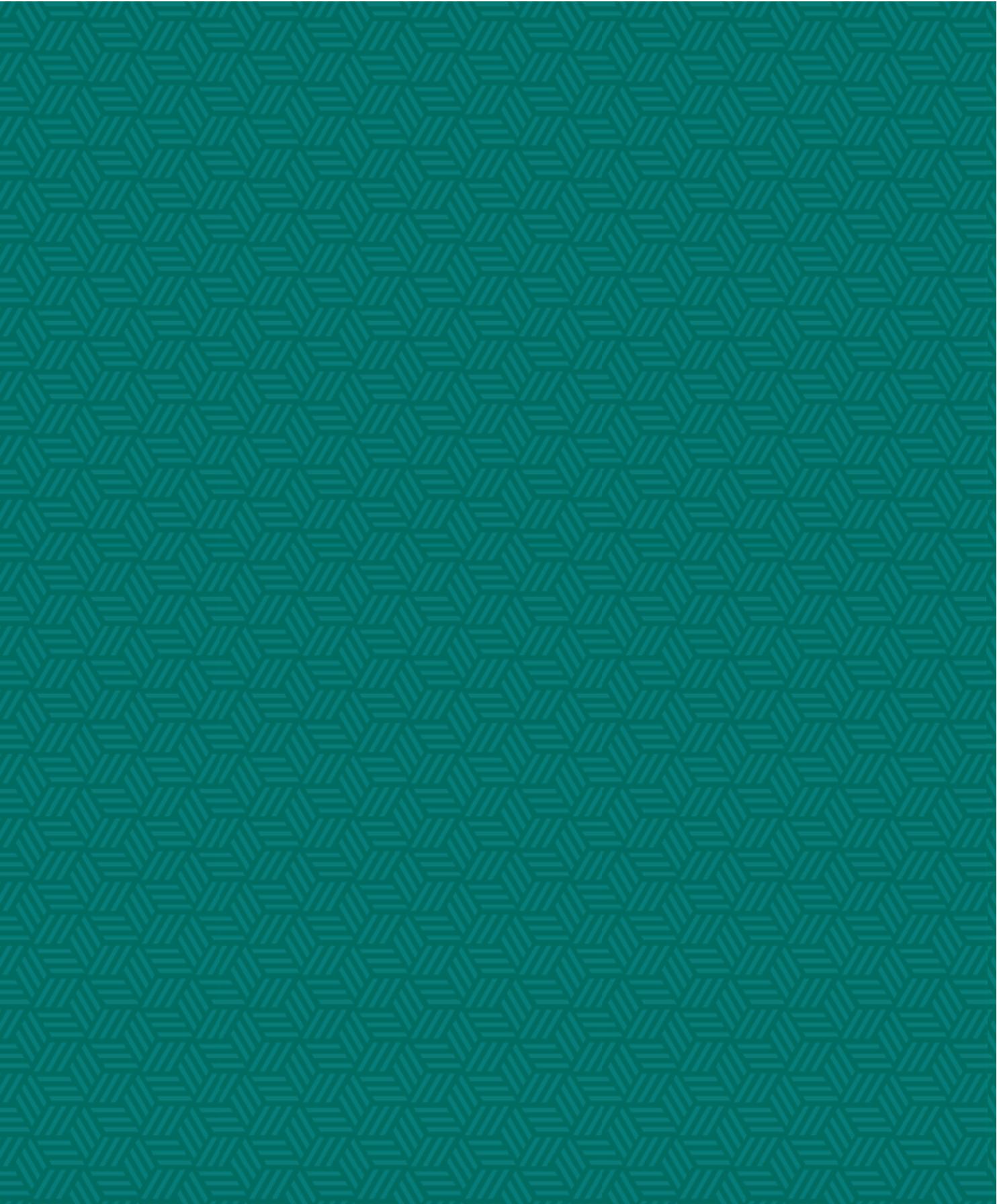
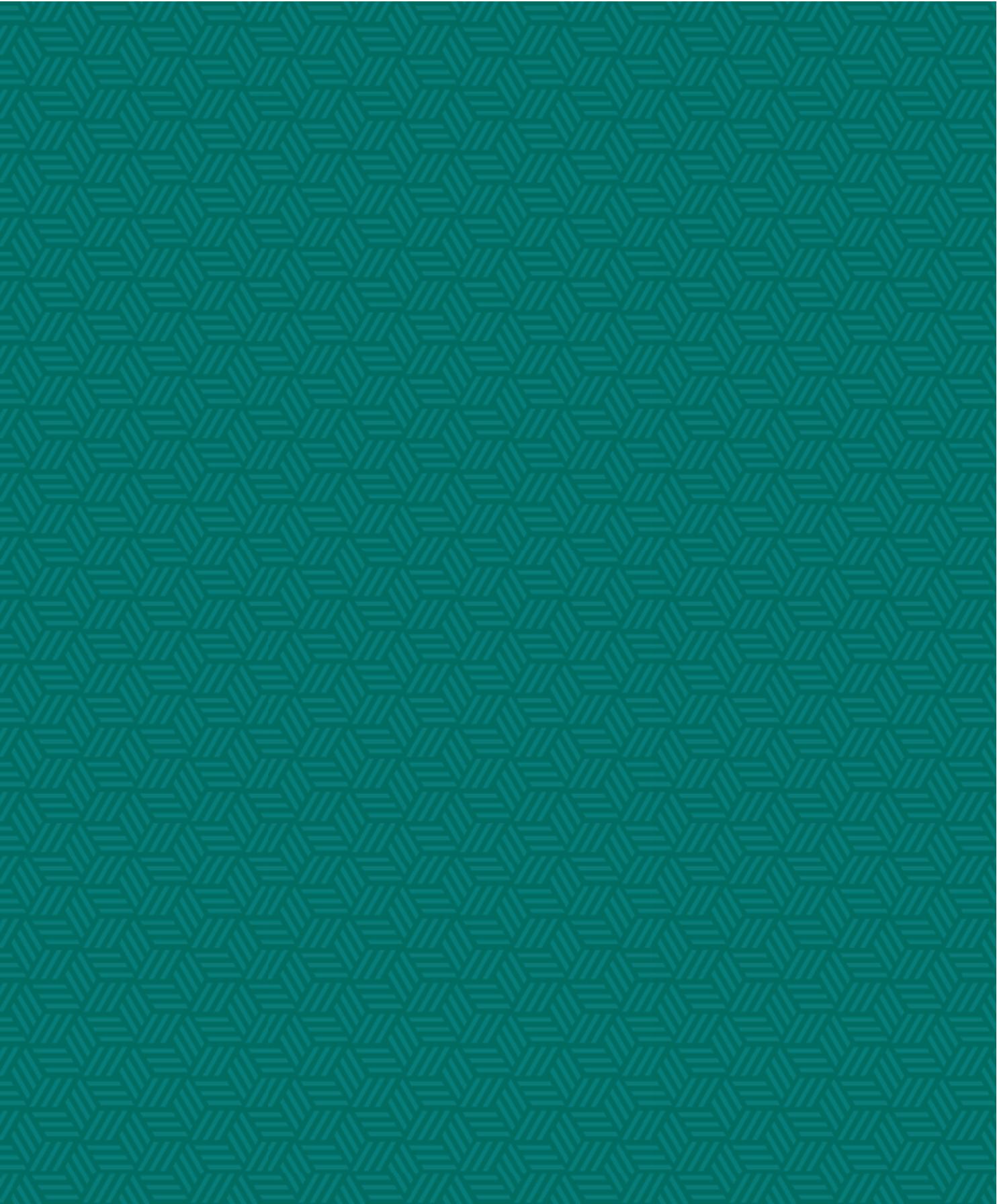


ÍNDICE DE
CIDADES EMPREENDEDORAS
—
BRASIL
2014









POR UMA REVOLUÇÃO EMPREENDEDORA NAS CIDADES

Como toda organização não governamental, existimos para resolver um problema da sociedade. A Endeavor atua no Brasil desde o ano 2000 com o objetivo de transformar nosso país em uma das principais potências empreendedoras. Passados quase 15 anos, podemos dizer que já chegamos lá e atingimos nossa missão?

Uma perspectiva otimista diria que estamos perto: o interesse do brasileiro por ter seu próprio negócio e a quantidade de pessoas efetivamente “botando pra fazer” tem quebrado recordes anualmente. Entretanto, ao olhar mais de perto a qualidade do empreendedorismo que se pratica no país, percebemos quantas batalhas ainda estão por vir: os brasileiros são pouco inovadores, suas empresas tem baixo potencial de crescimento e poucas são referências mundiais, e o ambiente de negócios é bastante hostil aos empreendedores.

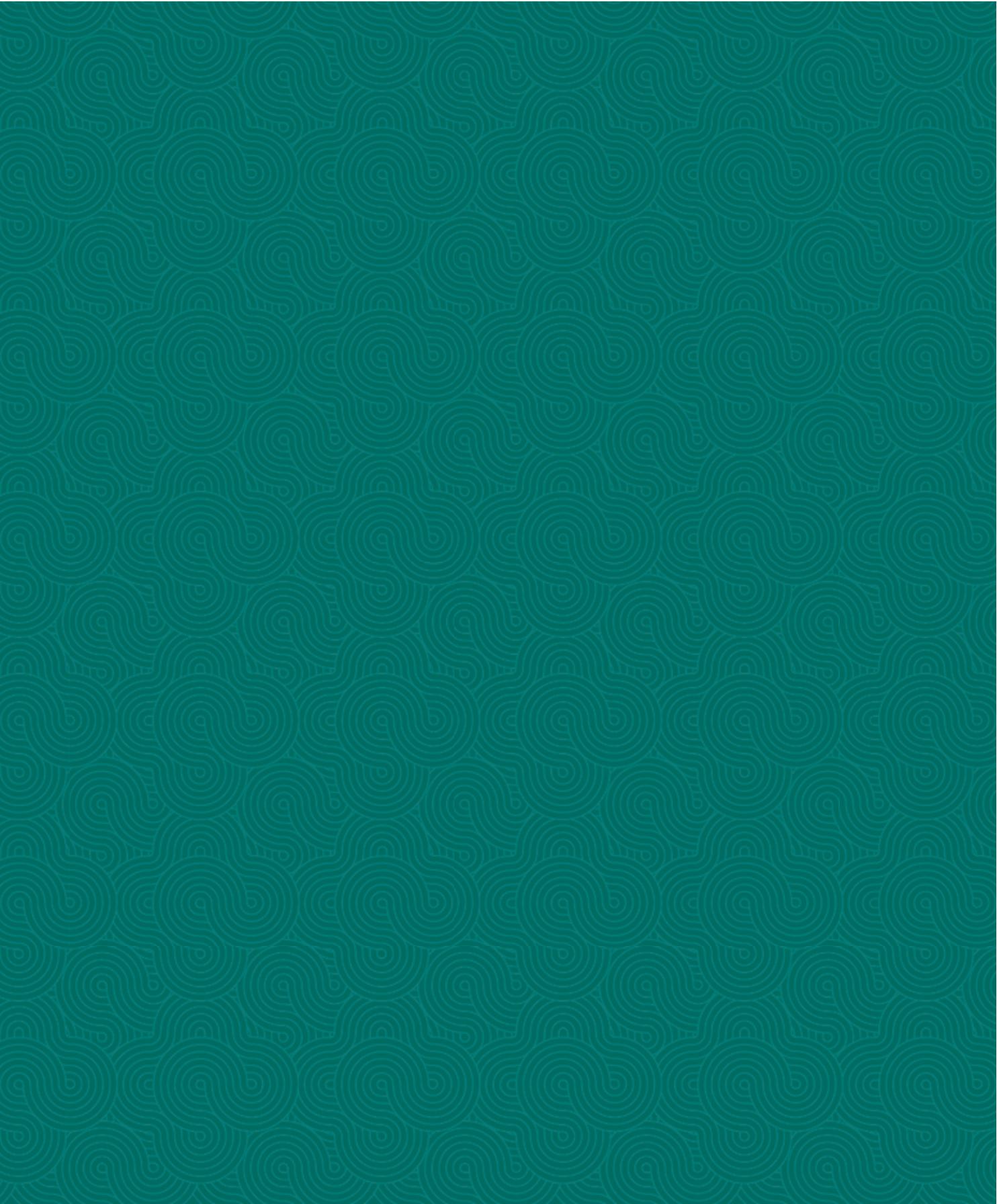
Isso explica em grande medida porque, em um universo de quase 5 milhões de empresas, apenas 35 mil sejam classificadas como de alto crescimento, sendo responsáveis por quase metade da criação de empregos da economia brasileira. Mas como fazer para pelo menos triplicar o número destes empreendedores de alto impacto?

O começo da resposta pode estar nas cidades brasileiras. Embora os desafios nacionais sejam enormes, a disparidade de realidades regionais e locais no país é tão grande que se torna impossível falar de um “ambiente de negócios brasileiro” único, dado que os problemas e as virtudes podem ser bem diferentes de cidade para cidade.

O Índice de Cidades Empreendedoras é uma contribuição da Endeavor para aprimorar o debate sobre o fomento ao empreendedorismo no Brasil, a partir de indicadores e boas práticas que podem ser utilizados por todas as cidades brasileiras e por formuladores de políticas públicas em nível federal, estadual e municipal. Caberá à sociedade, em especial aos empreendedores e à imprensa, o papel de cobrar por melhorias que, com este estudo e suas edições futuras, se tornam mensuráveis e comparáveis país a fora.

Boa leitura!

Juliano Seabra
Diretor Geral
Endeavor Brasil



AGRADECIMENTOS

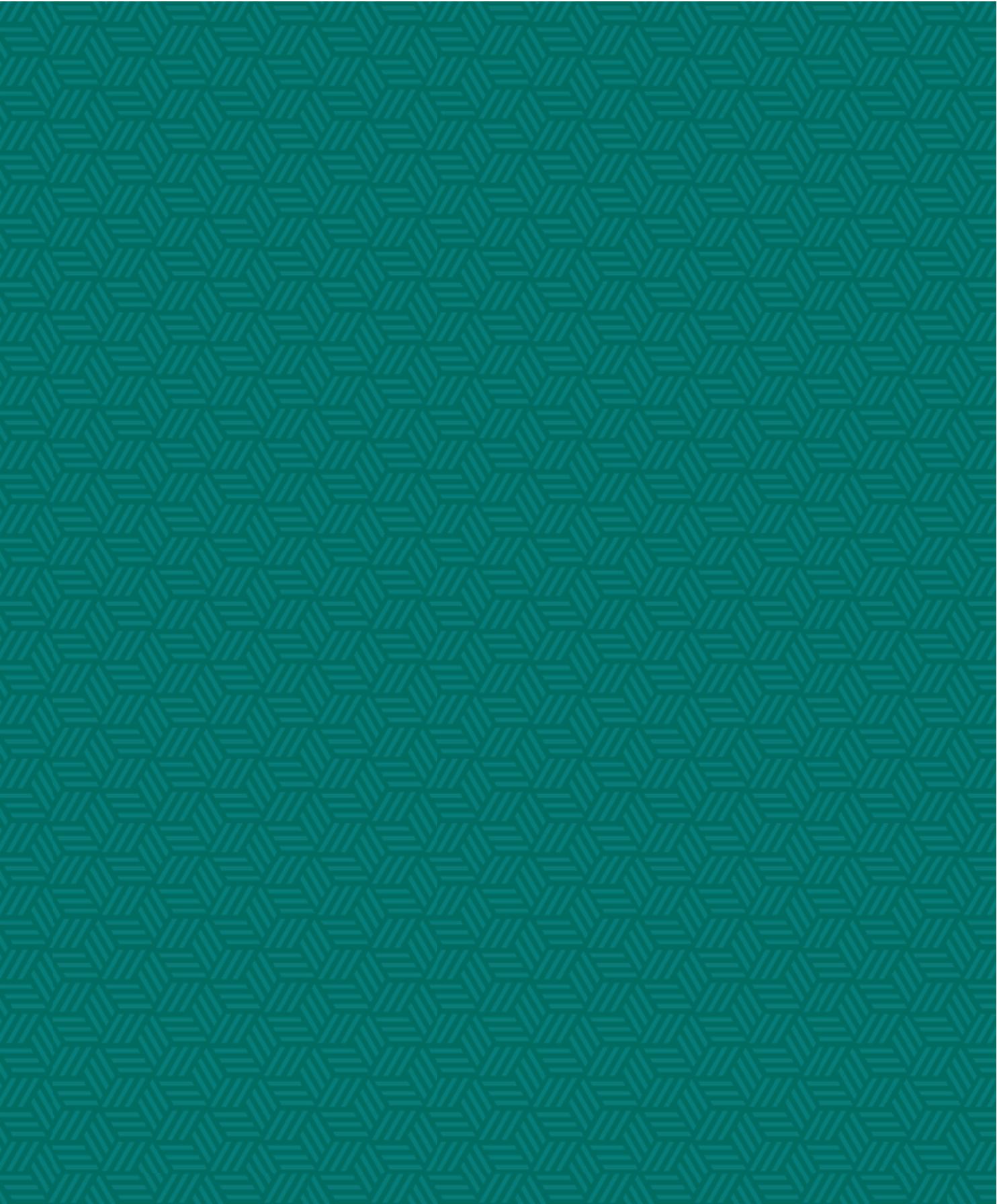
Este estudo é fruto do trabalho e dedicação de diversas pessoas e organizações. Gostaríamos de agradecer ao Conselho e toda equipe da Endeavor Brasil pelo suporte incondicional em todas as etapas do estudo, assim como nossos parceiros na formulação da metodologia e na obtenção de dados: André Leme, Daniel Uno e equipe da Bain&Company (metodologia e revisões); Jaime Troiano, Renata Natacci, Paula Valerio e equipe do Grupo Troiano (índice de cultura empreendedora); Edivan Costa e equipe da SEDI (indicadores de tempo de processos regulatórios); Ricardo Kanitz, Rafael Bassani e equipe da Spectra Investimentos (indicadores sobre o mercado de capital de risco).

Agradecemos também cada um dos mentores que dedicou tempo para rever e criticar o estudo, levando à inúmeras melhorias nesta versão final: Luciano Coutinho e equipe do BNDES; Jorge Gerdau Johannpeter, Carlos Arruda, Anders Hoffman, Marcos Lisboa, Andrea Minardi, Vinícius Licks, Marcelo Moura, Luiz Calado, Rodrigo Moita, José Eduardo Fiates, Marcos Vinícius de Souza, Guilherme Soares, Eduardo Zylberstajn, Marcos Hashimoto, Silvio Genesini, Francisco Saboya, Daniel Ibri, Mario Chady, Cristiano Santos, Denise Yagui, Miriam Ascenso e Luana Tavares.

Por último, agradecemos às equipes das Prefeituras Municipais de Belém, Belo Horizonte, Curitiba, Florianópolis, Fortaleza, Goiânia, Manaus, Porto Alegre, Recife, Rio de Janeiro, Salvador, São Paulo e Vitória; e ao Governo do Distrito Federal, pela diligência com que forneceram dados e informações relevantes.

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO	
Introdução ao Estudo	12
Como ler este relatório	14
Siglas e seus significados	15
ÍNDICE DE CIDADES EMPREENDEDORAS 2014	16
OS PILARES	
Ambiente regulatório	22
Infraestrutura	26
Mercado	30
Acesso a Capital	34
Inovação	38
Capital Humano	42
Cultura	46
PERFIL DAS CIDADES	
Florianópolis	54
São Paulo	56
Vitória	58
Curitiba	60
Brasília	62
Belo Horizonte	64
Porto Alegre	66
Goiânia	68
Rio De Janeiro	70
Manaus	72
Belém	74
Recife	76
Fortaleza	78
Salvador	80
E AGORA? COMO USO ESTE RELATÓRIO?	82
ANEXOS	
Anexo 1: Metodologia do Índice	84
Anexo 2: Metodologia Da Pesquisa De Campo	99
Anexo 3: Pesquisa com prefeituras	102
REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS	105



INTRODUÇÃO

Este relatório é um primeiro exercício para entender o ambiente e os dados que ajudam a retratar a dinâmica empreendedora de 14 capitais brasileiras

Nos últimos anos, **o estímulo ao empreendedorismo ganhou força em todas as partes do mundo como alternativa para a promoção do desenvolvimento**. Por trás de todas as iniciativas está a crença de que o empreendedorismo alimenta a inovação e o crescimento. As empresas ganham escala e, com elas, crescem também as pessoas, o mercado e as possibilidades de transformação da sociedade. Um Brasil com mais e melhores empreendedores, conscientes do seu papel na sociedade, tem grande chance de ser um país melhor para todos os que vivem aqui. Mas os números ainda não correspondem a esse movimento: **se 3 em cada 4 brasileiros preferem empreender, apenas 4% de fato possuem empresas que empregam pessoas**¹.

Um dos grandes motivos para tamanho descompasso é o fato de que

Apesar de serem 1% do total, as empresas de alto crescimento geram quase 50% dos novos empregos do país

empreender no Brasil ainda é tarefa de super-herói. A dificuldade começa no processo de abertura da empresa e só aumenta: encontrar clientes, gerir o caixa, pagar impostos, formar uma equipe. **Não é por acaso que apenas 35 mil empresas (1% do total) do país conseguem crescer acima de 20% ao ano por três anos seguidos**. Os empreendedores precisam dedicar seus esforços àquilo que é produtivo, mas para isso o ambiente deve oferecer as condições e recursos capazes de transformar sonhos grandes em negócios de alto impacto. **Se atualmente esse 1% de empresas brasileiras gera cerca de 50% dos novos empregos**², um ambiente melhor para empreender pode ampilar ainda mais a quantidade e o impacto das empresas de alto crescimento no país.

O desafio de criar um plano local de desenvolvimento de empreendedorismo é gigante, dada a complexidade e interdependência do ambiente brasileiro. Por mais que o Governo Federal pense a nível nacional em iniciativas de fomento ao empreendedorismo, a maioria dos recursos necessários está disponível local ou regionalmente. Essa realidade trás para o papel de protagonista o formulador de política pública regional e muitas outras instituições como bancos, mídia e universidades. Todos

precisam trabalhar em conjunto, não apenas apoiar.

O ponto de partida está em identificar as principais forças e gargalos da região para que o formulador e as organizações de apoio possam agir de forma precisa. Para isso, todos precisam conhecer bem os desafios dos empreendedores e os indicadores que refletem o ambiente empreendedor, assim como entender a relação entre esses indicadores.

Como será possível observar nas próximas páginas, **este relatório é um primeiro exercício para entender o ambiente e os dados que ajudam a retratar a dinâmica empreendedora de 14 capitais brasileiras**. A metodologia robusta recebeu atenção especial para garantir que as análises e conclusões deste estudo sirvam de apoio na formulação de políticas públicas e na definição da estratégia de organizações que atuam diretamente no ecossistema empreendedor, e que acreditam no poder transformador do empreendedorismo e se dedicam a esta causa.

¹Empreendedores Brasileiros 2013, Endeavor Brasil.

²Estatísticas de Empreendedorismo 2011, Endeavor/IBGE.

INTRODUÇÃO

AO ESTUDO

O estudo tem como objetivo analisar o ecossistema empreendedor de um grupo de capitais brasileiras, para apontar aquelas que possuem condições mais propícias para o desenvolvimento de empresas e mostrar como ainda podem evoluir.

A.

FRAMEWORK PARA AVALIAÇÃO DO AMBIENTE EMPREENDEDOR

Para a construção do índice e análise do ambiente empreendedor das capitais brasileiras, a Endeavor Brasil elaborou um *framework* adequado à realidade das cidades do país e em sintonia com as ferramentas utilizadas por organizações internacionais, como a OCDE, e consultorias especializadas. A seleção dos critérios considerou o universo

de micro, pequenas e médias empresas, sem se restringir a nenhum setor específico. O *framework* está estruturado a partir de sete pilares, ou determinantes, que formam os rankings temáticos do relatório e são a base do índice final de capitais. Os detalhes do *framework* são apresentados na seção metodológica do relatório.



B.

PROPORCIONALIDADE E TAMANHO DAS CIDADES

Esta primeira edição do índice inclui apenas capitais brasileiras, mais comparáveis entre si do que com os demais municípios do país. Mas o tamanho das cidades analisadas varia consideravelmente. Para reduzir a distorção, causada pelo tamanho da população ou da economia das cidades, os dados utilizados na análise foram ajustados para refletir o desempenho proporcional das capitais em cada

indicador. Os indicadores foram calculados de maneira cuidadosa e em função da natureza do dado. Em geral, apresenta-se o desempenho das cidades em cada indicador pelo número total de empresas da cidade, população ou PIB, dentre outros exemplos. Ainda que de maneira imperfeita, este Índice compara as cidades descontando a diferença de tamanho entre elas.



C.

ABRANGÊNCIA GEOGRÁFICA E TEMPORAL DO ESTUDO

Conforme pode ser observado na metodologia, nesta primeira versão do estudo foram incluídas apenas as 14 capitais brasileiras que possuem regiões metropolitanas com mais de 1% das empresas de alto crescimento do Brasil, segundo dados do IBGE³. Ainda que os indicadores incluídos neste relatório possam ser utilizados na avaliação de outras cidades brasileiras, são necessários cuidados e adaptações ao transpor a análise para outros municípios. O estudo traz um retrato das capitais analisadas em um momento do tempo e, portanto, não reflete o seu desempenho histórico. Dessa forma, uma análise do ambiente empreendedor dessas cidades no tempo também requer ajustes e, sobretudo, um esforço de coleta de dados que ultrapassa os objetivos deste relatório.

³Estatísticas de Empreendedorismo 2011, Endeavor/IBGE.

D.

INDICADORES E FONTES DE DADOS

Não existe produção de dados sistemáticos sobre ambiente empreendedor no Brasil e o acesso a informações confiáveis, principalmente a nível local, foi um dos maiores desafios deste projeto. Para coletar e utilizar um conjunto inédito de indicadores sobre as capitais brasileiras recorremos a diversas fontes e, inevitavelmente, tivemos que lidar com os mais diferentes problemas. As principais fontes de dados são bases públicas, cuja publicação acontece por vezes com um ou dois anos de defasagem, como, por exemplo, os dados da Demografia de Empresas, publicada pelo IBGE. Ainda, na falta de indicadores municipais para alguns temas do relatório foram utilizados dados estaduais como substitutos, como aconteceu com o indicador de patentes depositadas no INPI. Por fim, para os casos em que não havia indicadores possíveis em fontes públicas, foram produzidos indicadores próprios ou “proxies” com parceiros institucionais. Isto acontece para os dados sobre cultura empreendedora, cujos dados são baseados em uma pesquisa de campo feita em parceria com o Grupo Troiano (para mais informações, veja pág. 95). O mesmo se passa ao analisar a complexidade burocrática e o acesso a capital de risco, em que se contou, respectivamente, com o apoio da SEDI, uma das maiores empresas no setor e há mais de 20 anos no mercado, e da gestora de recursos Spectra Investments, com estudos na área publicados em conjunto com o Insper Instituto de Ensino e Pesquisa. A seção metodológica contém informações completas sobre todos os indicadores, fontes e formas de cálculo.

Disponibilidade do Indicador	● Indicador Público e Disponível	● Indicador sob domínio de terceiros	● Inexistente Obtida por pesquisa*
#Indicadores	33	6	17
Determinantes	<ul style="list-style-type: none"> • MERCADO • CAPITAL HUMANO • INFRAESTRUTURA • INOVAÇÃO 	<ul style="list-style-type: none"> • ACESSO A CAPITAL • AMBIENTE REGULATÓRIO 	<ul style="list-style-type: none"> • CULTURA

*Pesquisa realizada em parceria com o Grupo Troiano, com 3.917 pessoas entrevistadas nas 14 capitais deste estudo.

COMO LER ESTE RELATÓRIO

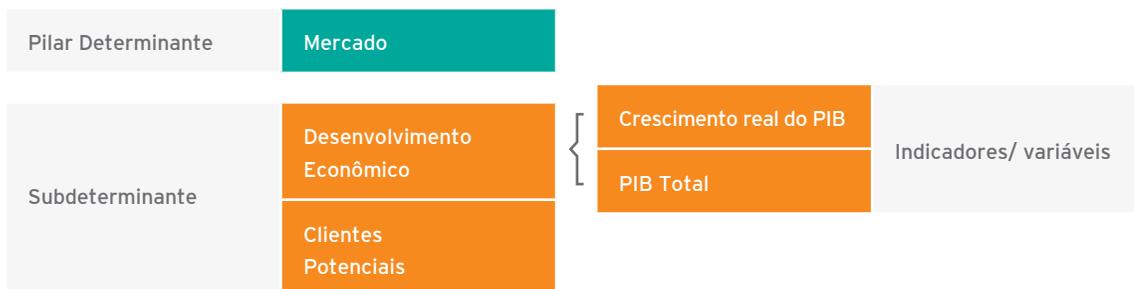
O relatório está dividido em três principais partes:

ÍNDICE DE CIDADES EMPREENDEDORAS [ICE 2014]

Índice final com principais insights e conclusões do estudo

OS PILARES

Para cada um dos 7 pilares temos uma estrutura de análise em 3 níveis:



Os resultados são compostos pelo:

Resultado do
Pilar



2 índices para cada uma das subdeterminantes, em uma tabela com seus respectivos indicadores

Tempo de Processos

Cidade	Índice de Tempo de Processos	Tempo para abrir um negocio (em dias)	Tempo para obter o registro de propriedade (em dias)	Tempo para obter o registro de trabalho (em dias)	Taxa de contratação (em %)
Goiânia	80	10	10	10	100
Belem	75	10	10	10	100
Manaus	70	10	10	10	100
Brasilia	65	10	10	10	100
Florianopolis	60	10	10	10	100
Curitiba	55	10	10	10	100
Campinas	50	10	10	10	100
Belo Horizonte	45	10	10	10	100
Vitoria	40	10	10	10	100
Salvador	35	10	10	10	100
Porto Alegre	30	10	10	10	100
Recife	25	10	10	10	100
Sao Paulo	20	10	10	10	100
Rio de Janeiro	15	10	10	10	100
Porto Alegre	10	10	10	10	100

PERFIL DAS CIDADES

Um perfil completo de cada uma das 14 cidades, com seus destaques, pontos de atenção e um exemplo de boas práticas.

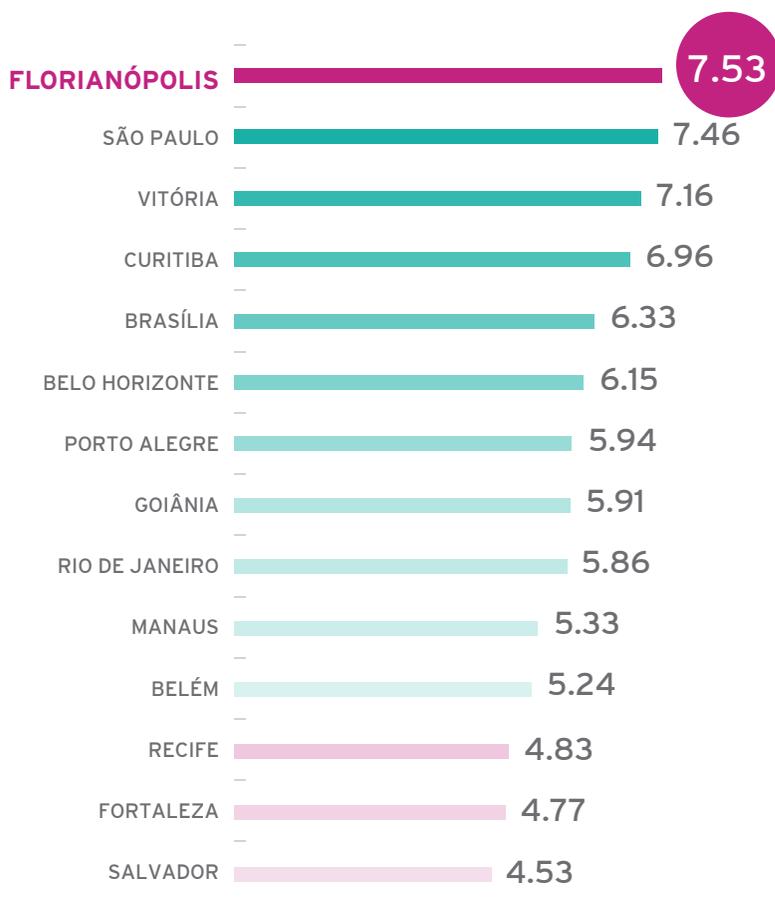
SIGLAS E SEUS SIGNIFICADOS

ANEEL	Agência Nacional de Energia Elétrica	FIPE	Fundação Instituto de Pesquisas Econômicas	PAPPE	Programa de Apoio à Pesquisa em Empresas
B2B	Business to business (empresa para empresa)	GC	Growth Capital	PE	<i>Private Equity</i>
B2C	Business to consumer (empresa para consumidor)	IBGE	Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística	PEA	População Economicamente Ativa
B2Gov	Business to government (empresa para governo)	ICE	Índice de Cidades Empreendedoras	PIB	Produto Interno Bruto
BDMG	Banco de Desenvolvimento de Minas Gerais	ICMS	Imposto sobre Circulação de Mercadorias e Serviços	PINTEC	Pesquisa de Inovação
C&T	Ciência & Tecnologia	IDEB	Índice de Desenvolvimento da Educação Básica	PME	Pequenas e Médias Empresas
CBO	Classificação Brasileira de Ocupações	IES	Instituição de Ensino Superior	PNAD	Pesquisa Nacional por Amostra de Domicílios
CERTI	Fundação Centros de Referência em Tecnologias Inovadoras	INPI	Instituto Nacional de Propriedade Industrial	PROPTEC	Programa de Apoio à Empresas em Parques Tecnológicos
CNI	Confederação Nacional da Indústria	IPTU	Imposto sobre a Propriedade Predial e Territorial Urbana	RAIS	Relação Anual de Informações Sociais
CNJ	Conselho Nacional de Justiça	ISS	Imposto sobre Serviços	SEBRAE	Serviço de Apoio às Micro e Pequenas Empresas
CNPJ	Cadastro Nacional da Pessoa Jurídica	ITBI	Imposto sobre Transmissão de Bens Imóveis	STEM	Science, Technology, Engineering, and Mathematics (Ciência, Tecnologia, Engenharia e Matemática)
CNSeg	Confederação Nacional das Empresas de Seguros Gerais, Previdência Privada e Vida, Saúde Suplementar e Capitalização	JUCEG	Junta Comercial do Estado de Goiás	STN	Secretaria do Tesouro Nacional
DENATRAN	Departamento Nacional de Trânsito	KwH	Quiowatt-hora	TECNOVA	Programa Federal de Apoio a Inovação Tecnológica
DNA	Ácido desoxirribonucléico	LOG	Logaritmo	TJ	Tribunal de Justiça
DNIT	Departamento Nacional de Infraestrutura de Transportes	MCT	Ministério da Ciência e Tecnologia	UFPA	Universidade Federal do Pará
EF	Ensino Fundamental	MDO	Mão de Obra	UFRGS	Universidade Federal do Rio Grande do Sul
EM	Ensino Médio	MEC	Ministério da Educação	UFRJ	Universidade Federal do Rio de Janeiro
ENADE	Exame Nacional de Desempenho de Estudantes	MGE	Médias e Grandes Empresas	UFSC	Universidade Federal de Santa Catarina
FAPEMIG	Fundação de Amparo à Pesquisa do Estado de Minas Gerais	MPE	Micro e Pequenas Empresas	UNB	Universidade de Brasília
FAPESP	Fundação de Amparo à Pesquisa do Estado de São Paulo	MTE	Ministério do Trabalho e Emprego	USP	Universidade de São Paulo
FINBRA	Finanças do Brasil	OCDE	Organização para a Cooperação e Desenvolvimento Econômico	VC	<i>Venture Capital</i>

ÍNDICE DE CIDADES

EMPREENDEDORAS 2014

RESULTADO FINAL



FLORIANÓPOLIS: UM FUTURO PROMISSOR



A primeira colocada no índice geral **tem como pontos fortes os pilares de infraestrutura, capital humano e inovação**, e ainda apresenta resultados consistentes em grande parte dos outros indicadores. Por isso, o estudo aponta a cidade como referência nacional de ambiente de negócios, candidata a ter cada vez mais empresas de alto crescimento no futuro. **O segredo está no planejamento**. Há 30 anos, Florianópolis, uma região com poucas empresas até então, provavelmente não imaginaria atingir um resultado tão expressivo. Mas a análise final apresentada mostra que é possível construir uma cidade com um bom ambiente para empreendedores, e evidencia o papel central do formulador de políticas públicas ao arquitetar um futuro promissor para sua comunidade. **Uma cidade bem sucedida depende do alinhamento econômico, governamental e social**.

O MELHOR AMBIENTE DE NEGÓCIOS PODE NÃO SER O MELHOR PARA TODOS.

O empreendedor deve entender o perfil e as características do seu negócio na hora de avaliar onde abrir sua empresa. Negócios que dependem de muitos investimentos provavelmente se beneficiariam de estar em São Paulo, por exemplo. O *framework* desenvolvido neste estudo estimula empreendedores a pensar nas principais dimensões, evitando que tomem a decisão precipitada de escolher o local em função de uma única variável. Ele também auxilia gestores públicos e instituições de fomento a refletirem onde mais podem contribuir para o desenvolvimento econômico e social das capitais.

GRANDES CIDADES, GRANDES OPORTUNIDADES, GRANDES DESAFIOS.

A força e o dinamismo da economia da cidade de São Paulo garantem a ela a segunda posição no índice final. A cidade com mais primeiros lugares lidera nos determinantes de mercado, acesso a capital e inovação. Mas o estudo revela que, em muitos sentidos, os grandes centros nem sempre oferecem as melhores condições para empreendedores. As grandes proporções influenciam ora a favor, ora contra. Garantir educação de alto nível para a população, custos mais acessíveis e boa qualidade de vida são alguns exemplos das áreas críticas dessas cidades.

A IMPORTÂNCIA DO FOCO EM ASPECTOS CHAVE.

Cidades como Curitiba e Vitória ocupam as primeiras posições em dois dos indicadores com mais peso no estudo - a capital paranaense em infraestrutura e a capixaba, em capital humano. Apesar de não serem grandes destaques em muitos dos indicadores analisados, apresentam resultados sólidos na maioria deles, o que também garante a elas os primeiros lugares no índice final.



O NORTE-NORDESTE CONTA COM A CULTURA EMPREENDEDOORA PARA CRESCER.

As cidades menos desenvolvidas e geralmente mais distantes dos grandes centros são prejudicadas por terem mercados menores, menos acesso a financiamento e uma infraestrutura restrita. Mas essas cidades têm investido na criação de estruturas de apoio a empreendedores, o que reflete diretamente na cultura empreendedora e, conseqüentemente, na sua vontade de empreender. O engajamento e otimismo com empreendedorismo pode ser o combustível necessário para transformar essas regiões.

O DIFERENCIAL DO FUTURO ESTÁ EM INVESTIR NAS PESSOAS.

O estudo mistura indicadores de natureza muito diferente, alguns mais fáceis e rápidos de fortalecer do que outros. No curto prazo, as cidades provavelmente teriam mais facilidade em melhorar seu ambiente regulatório, corrigir volumes de investimento e garantir resultados mais efetivos no incentivo à inovação. Por outro lado, aspectos de cultura e capital humano são mais difíceis de transformar e precisam de mais tempo para serem trabalhados. Embora seja tentador concentrar esforços em aspectos que apresentem resultados rápidos, um bom planejamento requer uma visão de longo prazo.



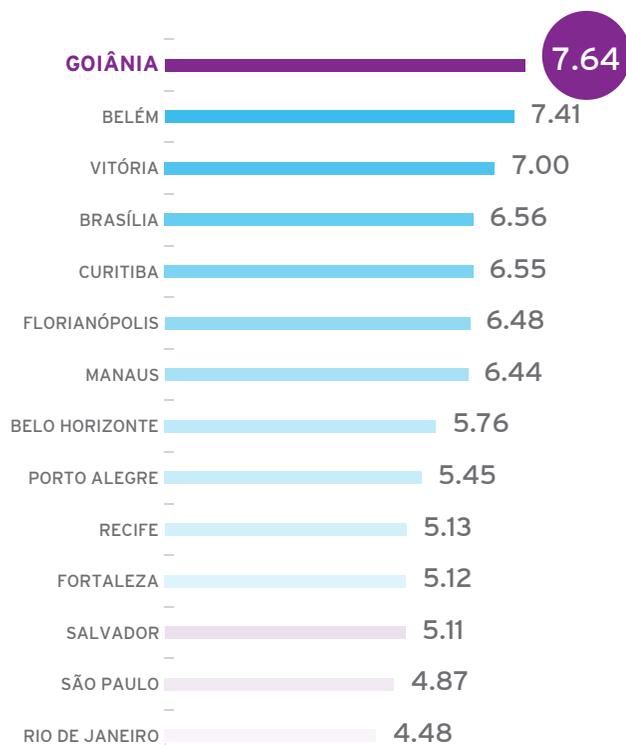


OS PILARES



AMBIENTE REGULATÓRIO

ÍNDICE FINAL



AMBIENTE REGULATÓRIO			
Tempo de Processos		Custo de Impostos	
Tempo para abrir um negócio	Tempo para obter energia elétrica	Imposto efetivo sobre PMEs	Alíquota média IPTU
Tempo para aprovar projetos arquitetônicos	Tempo para obter registros imobiliários		
Taxa de congestionamento dos tribunais de justiça locais			

Desde o primeiro momento, quando resolve abrir uma empresa, o empreendedor tem que identificar os processos necessários para obter o registro do negócio. E muitas vezes ainda espera semanas para conseguir a permissão de operar. Também os que decidem reformar seu negócio devem pedir autorização e fazer as vistorias exigidas, o que demora em média mais de 90 dias nas capitais analisadas neste estudo. Além disso, o empreendedor tem que lidar com a complexidade dos sistemas jurídico e tributário brasileiro. No primeiro caso, muitas vezes são necessários meses ou anos para resolver uma disputa na justiça. Já no

sistema tributário, o imposto pago pelo empreendedor varia em função das diferentes alíquotas, como no caso do ICMS, da substituição tributária e do sublimite do Simples adotado pelo estado.

Esses processos requerem investimento de tempo e dinheiro do empreendedor e por isso o ambiente regulatório é tão importante no contexto de negócios de cada cidade brasileira. Outros aspectos de responsabilidade federal impactam o cotidiano dos empreendedores, como acontece com leis trabalhistas e de importação e exportação. No entanto, por se tratarem de aspectos comuns a todas as

cidades e, portanto, sem variação regional, não estão considerados neste índice de empreendedorismo.

Em resumo, foram analisados dois elementos principais: o tempo dos processos, composto pelo número de dias necessários para abrir um negócio, aprovar projetos arquitetônicos, obter registros imobiliários e conexão à energia elétrica, somados à taxa de congestionamento dos tribunais regionais, e o custo de impostos, medido pelo imposto efetivo sobre as pequenas e médias empresas e o IPTU médio efetivo, medido por meio de simulações de impostos sobre três tipos-padrão de empresas.

Tempo de Processos

Cidade	Índice Tempo de Processos	Tempo para abrir um negócio (em dias)	Tempo para obter energia elétrica (em dias)	Tempo para aprovação de projetos arquitetônicos (em dias)	Tempo para obtenção de registros imobiliários (em dias)	Taxa de congestionamento em tribunais (*)
Goiânia	7.62	32	15	60	15	57.98%
Belém	7.38	55	5	90	71	51.38%
Manaus	7.11	51	5	90	36	58.08%
Brasília	6.40	75	18	60	90	57.19%
Florianópolis	6.23	80	25	90	26	60.53%
Curitiba	6.19	60	5	90	65	62.77%
Belo Horizonte	6.16	55	20	90	75	58.64%
Vitória	6.05	74	8.5	90	70	61.63%
Salvador	5.78	68	30	45	65	65.02%
Fortaleza	5.67	75	5	90	150	57.07%
Recife	5.57	68	7	120	90	61.27%
São Paulo	5.29	36	30	120	63	63.60%
Rio de Janeiro	4.49	100	60	90	52	63.96%
Porto Alegre	4.04	245	17.5	180	53	57.85%
Fonte		SEDI	SEDI	SEDI	SEDI	CNJ
Ano		2014	2014	2014	2014	2013

*Dados estaduais

ABRIR EMPRESA É SÓ O PRIMEIRO PASSO

Nos últimos meses, grande parte das cidades e estados brasileiros têm se dedicado a facilitar a abertura de empresas, algo natural, já que esse é um dos primeiros passos na criação de um negócio. Cidades como Goiânia e São Paulo, que reduziram e unificaram processos, têm colhido resultados e estão entre as mais eficientes no que diz respeito aos primeiros passos burocráticos: hoje são necessários

cerca de 30 dias para abrir um negócio nessas cidades. E se abrir a empresa legalmente é só o primeiro passo, Goiânia detém o primeiro lugar no índice de ambiente regulatório por também ser eficiente nos outros processos avaliados e possuir taxas de impostos abaixo da média das 14 capitais analisadas. Na capital goiana, os impostos, por exemplo, estão entre os mais baixos

Cidades que reduziram e unificaram processos têm colhido resultados e estão entre as mais eficientes no que diz respeito aos primeiros passos burocráticos.

do país, tanto a alíquota efetiva do Simples (de 5,5%, em média), como a do IPTU, de no máximo 1,0% do valor venal de imóveis não-residenciais (o que é quase 40% menos do que a média das 14 capitais).

Já São Paulo tem o desafio de replicar o trabalho feito em reduzir o tempo de abertura de empresas para outros processos, principalmente o de aprovação de projetos arquitetônicos. Além disso, a capital paulista, assim como Salvador, Fortaleza e o Rio de Janeiro, que ocupam as últimas posições neste pilar, tem um agravante que é a alta taxa efetiva de imposto. Segundo o estudo do Sebrae e da CNI, Salvador é a que possui a maior alíquota efetiva do Simples, 8,10%, frente aos 5,2% pré-determinados. A explicação para isso está na adoção da substituição tributária que obriga empreendedores optantes pelo Simples Nacional a recolher, não só a alíquota do Simples, mas também o ICMS da cadeia produtiva, aumentando o imposto efetivo dessas empresas uma vez que elas não conseguem compensar o valor pago.

Outro indicador que merece destaque é o tempo necessário para abrir uma empresa legalmente em Porto Alegre que pode levar mais de oito meses. Isso ocorre principalmente em função do Corpo de Bombeiros local, que após o trágico incidente na Boate Kiss, em 2013, está demorando cerca de 200 dias para fazer as vistas necessárias.

Custo de Impostos

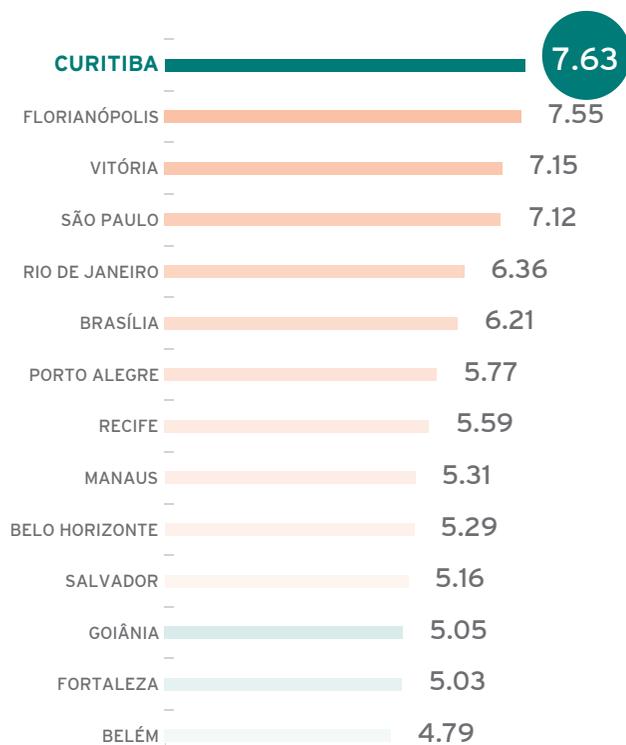
Indicador	Índice Custo de Impostos	Alíquota do imposto efetivo sobre PMEs (*)	IPTU médio efetivo
Vitória	7.57	5.80%	R\$ 5,078.33
Porto Alegre	7.07	5.30%	R\$ 14,116.67
Goiânia	7.05	5.50%	R\$ 12,833.33
Belém	6.91	5.70%	R\$ 12,833.33
Curitiba	6.71	4.70%	R\$ 22,306.34
Florianópolis	6.55	5.60%	R\$ 17,416.67
Brasília	6.51	6.30%	R\$ 12,833.33
Manaus	5.61	7.80%	R\$ 11,550.00
Belo Horizonte	5.45	7.00%	R\$ 19,140.00
Rio de Janeiro	5.03	5.30%	R\$ 35,933.33
Recife	5.01	6.80%	R\$ 25,208.33
Fortaleza	4.9	7.20%	R\$ 23,560.67
São Paulo	4.87	7.30%	R\$ 23,095.05
Salvador	4.76	8.10%	R\$ 18,473.46
Fonte	Sebrae e CNI	Prefeituras municipais	
Ano	2013	2014	

*Dados estaduais.



INFRAESTRUTURA

ÍNDICE FINAL



INFRAESTRUTURA			
Transporte Interurbano		Condições Urbanas	
Densidade das estradas	Nº de voos diretos	Acesso à internet	Tempo de deslocamento
	Distância ao porto mais próximo	Custo de energia elétrica	Taxa de roubos de veículos
		Preço médio do m ²	

Em pleno século 21, é quase lugar-comum dizer que a globalização está presente na vida das pessoas. Com os empreendedores não é diferente. Uma empresa de *e-commerce* pode, por exemplo, importar seus produtos de qualquer país do mundo e revender para qualquer canto do Brasil. Em outro caso hipotético, uma fábrica pode trazer sua matéria-prima do Sul do país, fabricar no Nordeste e distribuir para uma cadeia de franquias do Sudeste. Mas para tudo isso acontecer existe um ingrediente fundamental: infraestrutura. O *e-commerce* precisa ter bom acesso à internet; a fábrica precisa ter uma grande área para instalar seu galpão e energia elétrica

a preços baixos; os produtos que serão revendidos e a matéria-prima fabril precisam chegar, com o menor tempo e custo possíveis, na porta da empresa e, depois, na do cliente. Seja por avião, caminhão, ou qualquer outro meio de transporte. **Quanto melhores forem as condições logísticas, de produção e das comunicações de uma cidade, melhor para os negócios e para a população.**

São esses alguns dos fatores medidos no pilar de infraestrutura deste estudo, somados às condições de vida e dos serviços urbanos das capitais brasileiras. Esses fatores, mais ligados ao dia a dia interno

das cidades, **como é o caso da mobilidade urbana, da segurança e do custo de imóveis, impactam os empreendedores, seus funcionários e clientes.** E ainda encarecem o custo dos negócios e a produtividade das empresas.

Após a análise dos dados, os indicadores selecionados foram divididos em dois grupos: transporte interurbano, que compreende a disposição das rodovias, aeroportos e a distância aos portos; e as condições urbanas, que incluem a segurança, a mobilidade urbana e a conexão via internet, além do custo dos serviços, representado pelas condições imobiliárias e o gasto com energia elétrica.

Condições Urbanas

Cidade	Índice Condições Urbanas	Acesso da população à internet	Preço médio do m ²	Custo da energia elétrica (por kWh)	Tempo de deslocamento casa-trabalho	Taxa de furtos e roubos de veículos
Florianópolis	7.86	76.96%	R\$ 5,175	R\$ 0.28868	27.57%	67.66
Curitiba	7.36	70.93%	R\$ 5,067	R\$ 0.26355	38.18%	88.43
Vitória	7.25	74.46%	R\$ 4,494	R\$ 0.29884	37.74%	88.01
Goiânia	6.86	61.14%	R\$ 2,857	R\$ 0.29350	37.63%	110.95
Brasília	6.18	70.93%	R\$ 8,670	R\$ 0.25647	51.09%	107.31
Manaus	6.17	57.45%	R\$ 3,520	R\$ 0.27685	56.90%	98.60
Porto Alegre	5.83	68.48%	R\$ 4,843	R\$ 0.31257	44.64%	178.93
Belém	5.60	52.76%	R\$ 3,538	R\$ 0.35747	43.07%	91.71
Belo Horizonte	5.47	65.76%	R\$ 5,426	R\$ 0.34700	54.39%	100.44
Recife	5.42	50.25%	R\$ 5,804	R\$ 0.29877	52.36%	89.53
Salvador	5.25	62.15%	R\$ 4,408	R\$ 0.29327	55.25%	208.48
São Paulo	5.23	67.72%	R\$ 7,815	R\$ 0.23844	60.46%	216.56
Fortaleza	5.15	51.43%	R\$ 5,421	R\$ 0.30821	42.91%	171.17
Rio de Janeiro	4.36	64.93%	R\$ 9,937	R\$ 0.32874	64.46%	112.40
	Fonte	Microdados da PNAD (IBGE)	FIPE	Aneel	Microdados da PNAD (IBGE)	Denatran (CNSeg) / Denatran
	Ano	2013	2013	2014	2012	2013

O EQUILÍBRIO TRAZ RESULTADO

Os dados mostram que pouco adianta uma cidade ter ótimos serviços urbanos se tiver uma conexão difícil com outros centros e vice-versa. **Quando o assunto é infraestrutura, o equilíbrio traz resultado.**

É o que mostra Curitiba, primeira colocada no índice de infraestrutura e que não tem nenhum indicador individual na primeira posição. **O segredo de Curitiba é não estar mal colocada em nenhum outro indicador de infraestrutura, ocupando sempre uma das primeiras posições.** A cidade possui um dos melhores índices de mobilidade urbana, segurança e acesso à internet. Possui uma boa

conexão com as outras cidades do Paraná por meio de estradas e é favorecida pela proximidade com o Porto de Paranaguá, um dos melhores do país, situado a menos de 80 quilômetros da capital. E também apresenta o segundo menor custo de imóveis do sul e sudeste, atrás apenas de Vitória. Esses são os fatores que ajudam a levar a capital paranaense para o topo do índice de infraestrutura.

O mesmo equilíbrio de Curitiba pode ser encontrado em Florianópolis e Vitória, segunda e terceira colocadas em infraestrutura. Assim como a capital paranaense, as capitais de Santa Catarina e Espírito Santo estão entre as melhores

avaliadas em cinco indicadores: mobilidade urbana, acesso à internet, segurança e densidade das estradas.

Para entender o valor do equilíbrio é importante observar o Rio de Janeiro. A capital fluminense ocupa o quinto lugar no índice de infraestrutura, principalmente por ser um dos centros mais conectados

do país, mas apresenta grandes desafios no que diz respeito às condições internas. Os empreendedores cariocas podem aproveitar o fato de ter à sua disposição dois dos maiores aeroportos do país (que representam 10% de todos os passageiros das 14 capitais), um grande porto na própria capital e alguns outros nas cidades próximas, que por sua vez estão conectados por

uma das melhores malhas rodoviárias do Brasil, em valores proporcionais. Por outro lado, apesar de ocupar a primeira posição em transporte interurbano, a capital fluminense está na última posição no que diz respeito às condições internas. Apresenta a pior mobilidade urbana, o m² mais caro do país e taxas ruins de segurança, custo da energia elétrica e acesso à internet.

Quanto melhores forem as condições logísticas e a qualidade de vida de uma cidade, melhor para os negócios e para a população.

Transporte Interurbano

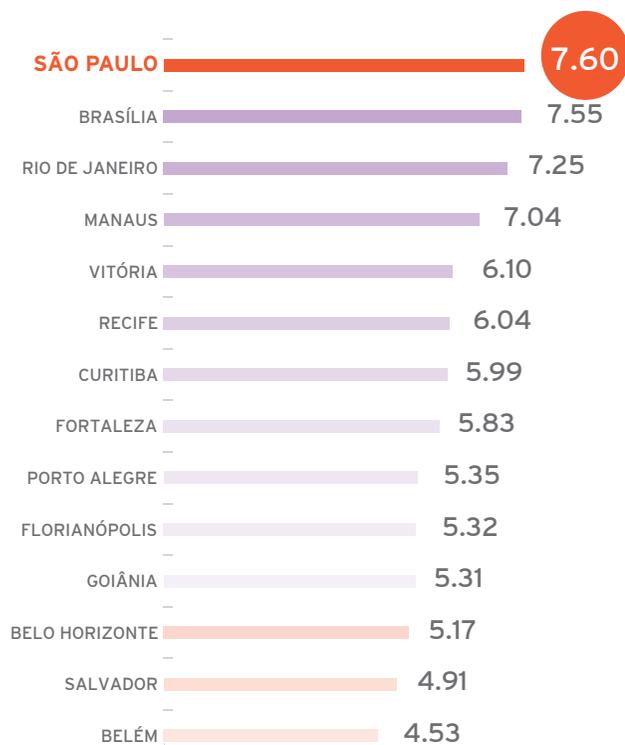
Cidade	Índice Transporte Interurbano	Densidade do transporte rodoviário (*)	Nº de voos diretos por ano	Distância ao porto mais próximo (em Km)
Rio de Janeiro	8.01	0.158	270,573	0
São Paulo	7.93	0.118	493,739	72.6
Curitiba	6.34	0.097	82,455	78
Recife	6.14	0.069	81,824	0
Brasília	6.04	0.143	179,656	1076
Vitória	5.95	0.075	58,504	0
Porto Alegre	5.93	0.039	94,409	0
Salvador	5.87	0.024	107,977	0
Fortaleza	5.84	0.055	66,814	0
Belo Horizonte	5.79	0.039	174,744	437
Florianópolis	5.76	0.073	54,216	83.3
Belém	5.13	0.004	54,008	0
Manaus	5.11	0.001	55,141	0
Goiânia	4.15	0.033	61,847	997
	Fonte	DNIT / IBGE	Infraero e concessionárias	Receita Federal e Google
	Ano	2012	2013	2013

*Dados estaduais.



MERCADO

ÍNDICE FINAL



MERCADO			
Desenvolvimento Econômico		Clientes Potenciais	
Crescimento real do PIB	PIB total	Gasto público por empresa	Renda per capita
		Valor adicionado dos serviços	

Imagine uma cidade com os melhores empreendedores e a melhor mão de obra à disposição, produzindo os produtos ou serviços mais inovadores, e ainda pagando os menores impostos da maneira mais fácil possível. **Se esse empreendedor não tiver para quem vender, tudo isso adianta pouco.** Mesmo considerando a tendência das empresas de avaliar o mercado de forma global e, assim, expandir sua rede de vendas, isso ainda não é verdade para a maioria das empresas brasileiras - dado que apenas 22 mil são

consideradas exportadoras⁴, menos de 1% do total. Também em função das diferenças na infraestrutura das regiões brasileiras, empreendedores que atuam em mercados com maior poder de compra têm vantagens na hora de expandir seus negócios, sem se preocupar com as questões logísticas inerentes a eles.

Por isso, este determinante se dispõe a analisar justamente essa dimensão: o mercado local. Para isso, o primeiro conjunto de indicadores considera o PIB total das capitais

- para dimensionar o tamanho do mercado - e também o crescimento econômico, que impacta as empresas locais e aponta o horizonte do desenvolvimento da cidade. Já o segundo grupo reflete os clientes potenciais das empresas: o consumidor final (B2C) - através da renda per capita -, as empresas (B2B) - medindo a produção do setor de serviços - e o gasto público direcionado aos investimentos e compras dos Governos municipais e estaduais (B2Gov) - afinal, o Governo também pode ser um grande consumidor.

⁴Fonte: Ministério do Desenvolvimento, Indústria e Comércio Exterior (MDIC)

Cientes Potenciais

Cidade	Índice Clientes Potenciais	Renda per capita	Valor adicionado médio dos serviços	Compras públicas totais (por empresa)
Manaus	7.58	R\$ 870.39	R\$ 1,156,736.64	R\$ 263,943.25
Vitória	7.54	R\$ 1,959.55	R\$ 1,227,039.87	R\$ 122,463.76
Rio de Janeiro	7.10	R\$ 1,459.71	R\$ 1,219,010.98	R\$ 146,973.13
Brasília	6.83	R\$ 1,781.11	R\$ 1,172,565.39	R\$ 95,702.43
São Paulo	6.75	R\$ 1,488.53	R\$ 1,260,454.27	R\$ 104,871.51
Porto Alegre	6.11	R\$ 1,941.71	R\$ 798,437.61	R\$ 70,372.15
Curitiba	6.06	R\$ 1,725.30	R\$ 747,068.79	R\$ 74,170.41
Florianópolis	5.50	R\$ 1,719.37	R\$ 591,265.07	R\$ 42,958.81
Belém	5.46	R\$ 747.15	R\$ 955,610.13	R\$ 108,641.23
Belo Horizonte	5.38	R\$ 1,640.43	R\$ 579,870.34	R\$ 71,863.29
Recife	5.07	R\$ 846.04	R\$ 706,259.74	R\$ 122,387.17
Salvador	5.07	R\$ 1,142.67	R\$ 678,399.57	R\$ 88,279.30
Goiânia	4.78	R\$ 1,334.93	R\$ 502,490.73	R\$ 54,559.16
Fortaleza	4.77	R\$ 813.62	R\$ 658,031.15	R\$ 91,458.94
Fonte		Microdados da PNAD (IBGE)	IBGE	FINBRA (STN) / IBGE
Ano		2013	2011	2013

GRANDES CIDADES, GRANDES OPORTUNIDADES.

A cidade de São Paulo tem o 10º maior PIB do mundo, quase meio trilhão de reais, e representa sozinha mais de um décimo de toda a produção do Brasil. O que já seria quase suficiente para garantir à capital paulista o primeiro lugar no índice de mercado. Logo atrás estão Brasília, com o terceiro maior PIB do país e um crescimento médio recente de cerca de 4,0%, além de uma alta renda per capita, e o Rio de Janeiro, com o 2º maior PIB, grandes empresas e um governo com altos investimentos.

Manaus lidera os índices de clientes potenciais por conta da Zona Franca, fato que garante à cidade muitas grandes empresas e potenciais clientes no mercado B2B, além de ter o governo local que mais investe proporcionalmente. Por outro lado, **Recife se destaca principalmente pelo crescimento acelerado do PIB, que superou 6% de crescimento médio real entre 2009 e 2011.**

No outro extremo aparecem cidades menores e que

também tiveram baixo crescimento recente, como Belém e Salvador. Essas cidades apresentam ainda baixo potencial de consumo, especialmente naquele direcionado ao consumidor final (B2C). Seu maior desafio é aumentar a renda local para acompanhar o alto crescimento de outras

cidades do Norte e Nordeste, como Manaus e Recife.

Já Porto Alegre, na 9ª posição, aparece com possibilidades de melhorar suas condições de mercado já no curto prazo. Isso porque a capital gaúcha tem uma renda per capita

relativamente alta (a 2ª maior) e um PIB alto, mas, por outro lado, cresceu pouco nos últimos anos e o governo fez baixos investimentos em relação ao tamanho do mercado. Se alterar esses fatores a tendência é que Porto Alegre melhore muito sua posição no pilar de mercado.

Empreendedores precisam de clientes para vender, seja a população, outras empresas ou o governo.

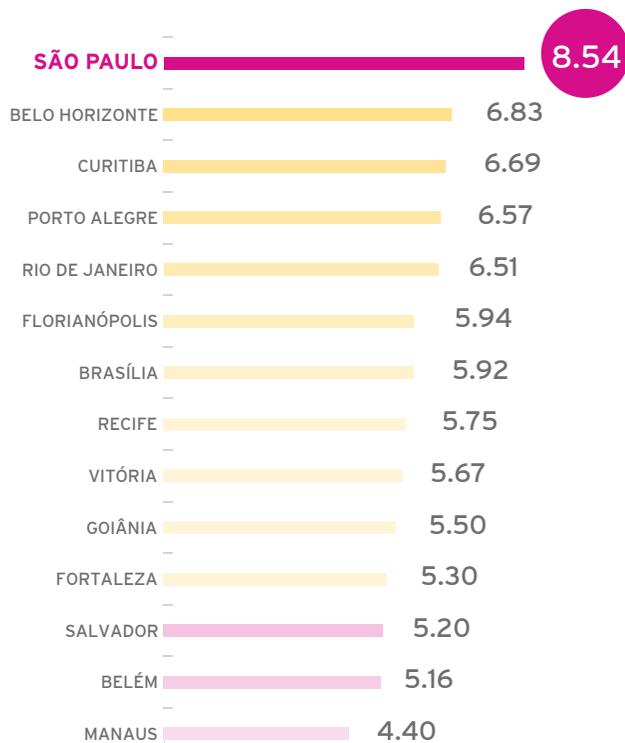
Desenvolvimento Econômico

Cidade	Índice Desenvolvimento Econômico	PIB Total	Crescimento médio PIB Real nos últimos 3 anos
São Paulo	7.51	R\$ 477,005,597.00	2.52%
Brasília	7.37	R\$ 164,482,129.00	4.08%
Recife	7.00	R\$ 33,149,385.00	6.04%
Fortaleza	7.00	R\$ 42,010,111.00	5.62%
Rio de Janeiro	6.67	R\$ 209,366,429.00	2.06%
Goiânia	6.25	R\$ 27,668,222.00	4.66%
Curitiba	5.94	R\$ 58,082,416.00	2.66%
Manaus	5.89	R\$ 51,025,146.00	2.78%
Florianópolis	5.54	R\$ 11,429,916.00	4.61%
Belo Horizonte	5.45	R\$ 54,996,326.00	1.65%
Salvador	5.38	R\$ 38,819,520.00	2.12%
Porto Alegre	4.96	R\$ 45,506,017.00	0.88%
Vitória	4.60	R\$ 28,357,258.00	0.90%
Belém	4.45	R\$ 19,666,725.00	1.21%
Fonte		IBGE	IBGE
Ano		2011	2009-2011



ACESSO A CAPITAL

ÍNDICE FINAL



ACESSO A CAPITAL	
Capital Disponível via Dívida	Acesso a Capital de Risco
Operações de crédito em relação ao PIB	% relativa de VC + GC
	% relativa de PE
	Capital poupado per capita

Quando um empreendedor decide abrir ou expandir uma empresa, uma das primeiras perguntas que ele se faz é “vai dar dinheiro”? Dinheiro é preciso para pagar os funcionários e os impostos, comprar matéria-prima, aumentar uma fábrica, investir em marketing, entre várias outras coisas. **Mas quando a empresa está começando ou crescendo de forma acelerada, o empreendedor nem sempre tem o capital necessário para investir em busca do retorno futuro.** Por isso, a cidade que oferece melhores condições de acesso ao capital é muito melhor para os empreendedores.

E quais são as formas de um empreendedor obter financiamento? Em primeiro lugar, **há os empréstimos e o crédito via contração de dívidas por parte do empreendedor**, hoje a maneira mais comum no Brasil: um banco, seja privado ou público ou até de fomento, empresta dinheiro à empresa mediante o pagamento de juros. **A outra opção é “vender” para um fundo de investimentos ou uma pessoa qualquer uma parte (ações) da sua empresa em troca de recursos**, que então se torna sócio da empresa.

Em função da dificuldade de estimar o capital disponível, o nível de

desenvolvimento do setor foi avaliado utilizando os dados de operações realizadas em dois grandes tipos de investimentos: o capital disponível via dívida, feita através do total movimentado por operações de crédito, e o chamado capital de risco, de *Venture Capital* e *Private Equity* e de pessoas físicas ou jurídicas, sendo estes últimos medidos através da poupança média local e dos depósitos de longo prazo. É importante dizer também que não foram considerados os investimentos específicos para Pesquisa e Desenvolvimento, uma vez que estes já foram consideradas na análise do pilar de Inovação.

Acesso a Capital de Risco

Cidade	Índice Acesso a Capital de Risco	Porcentagem relativa de <i>Venture Capital</i> (*)	Porcentagem relativa de <i>Private Equity</i> (*)	Capital Poucado per Capita
São Paulo	8.30	187%	164.33%	R\$ 28,566.20
Rio de Janeiro	7.48	102%	207.42%	R\$ 17,971.00
Belo Horizonte	6.69	112%	69.51%	R\$ 19,611.71
Vitória	6.60	58%	37.81%	R\$ 32,363.37
Porto Alegre	6.16	34%	0.00%	R\$ 32,554.74
Curitiba	5.94	36%	46.09%	R\$ 19,760.61
Florianópolis	5.92	58%	15.30%	R\$ 20,186.20
Brasília	5.88	9%	39.89%	R\$ 24,191.23
Fortaleza	5.60	42%	48.89%	R\$ 10,309.48
Recife	5.47	35%	22.34%	R\$ 12,535.49
Goânia	5.11	5%	26.93%	R\$ 8,987.04
Belém	5.10	9%	39.20%	R\$ 6,230.44
Salvador	5.07	15%	17.35%	R\$ 7,681.12
Manaus	4.68	0%	0.00%	R\$ 4,040.22
	Fonte	Spectra Investments / RAIS (MTE)	Spectra Investments / RAIS (MTE)	Banco Central / IBGE
	Ano	2014	2014	2014

*Dados estaduais.

A CAPITAL FINANCEIRA DO PAÍS

A imponente Avenida Faria Lima reflete a **predisposição de São Paulo para atrair investimentos: entre 2009 e 2014, mais de 60% de todos os investimentos de *Venture Capital* e *Private Equity* que ocorreram no país se concentraram na região.** Outros 15% foram para o Rio de Janeiro, que aparece em segundo lugar no aspecto Capital de Risco. Apesar de serem cidades com muitas empresas e centros de negócios do país, os investimentos realizados foram proporcionalmente também muito superiores aos de outras regiões. Além de reunir muito do capital de risco investido no país nos últimos anos, a

capital paulista também se destaca pela presença dos bancos como financiadores de dívidas para empreendedores. Em 2013, São Paulo movimentou em operações de crédito 20 vezes mais que o valor total de seu PIB, ou seja, quase R\$ 10 trilhões - 50% a mais do que em todas as outras 13 capitais juntas.

Em seguida, mas bastante atrás de São Paulo, aparecem capitais com um bom equilíbrio entre capital de risco e acesso a dívida, como Belo Horizonte e Curitiba. **As duas movimentaram juntas quase R\$ 2 trilhões em operações**

Quando a empresa está começando ou crescendo de forma acelerada, o empreendedor nem sempre tem o capital necessário para investir em busca do retorno futuro.

de crédito, o que é cerca de 15 vezes os PIBs locais. Além disso, Minas se destaca por ter aproximadamente 13% de todos os investimentos de *Venture Capital* no Brasil, a segunda com mais investimentos desse tipo.

Enquanto o capital de risco ainda se concentra nos grandes centros - algo esperado, dado que esse tipo de investimento é relativamente recente no Brasil - as cidades que obtiveram as últimas colocações neste determinante poderiam melhorar os níveis de investimentos aumentando o montante de crédito para as empresas locais. Além dos tradicionais bancos múltiplos, as agências de fomento e os bancos de desenvolvimento - que não foram considerados por apresentarem montantes pouco representativos para a análise - poderiam ser estratégicos para ajudar a desenvolver os mercados de crédito locais. Fortaleza e Belém, que ocupam a 11ª e a 13ª posições do pilar de acesso a capital, por exemplo, não têm um banco de fomento público regional. Instituições como essas poderiam atuar no espaço não ocupado pelos fundos de investimento, que fizeram só 11 aportes na região nos últimos cinco anos, o equivalente a 2% do total paulista.

Capital Disponível via Dívida

Cidade	Índice Capital Disponível via Dívida	Operações de crédito por município (em relação ao PIB)
São Paulo	8.18	20.51
Curitiba	7.28	15.93
Porto Alegre	6.85	13.77
Belo Horizonte	6.78	13.43
Recife	6.09	9.93
Goiânia	6.01	9.49
Brasília	5.99	9.39
Florianópolis	5.98	9.34
Salvador	5.52	7.03
Rio de Janeiro	5.42	6.53
Belém	5.42	6.51
Fortaleza	5.17	5.24
Vitória	4.82	3.48
Manaus	4.50	1.84
	Fonte	Banco Central / RAIS (MTE)
	Ano	2013



INOVAÇÃO

ÍNDICE FINAL



INOVAÇÃO			
Intensidade de Investimentos		Potencial de Geração de Ideias	
Gastos públicos em C&T	Dispêndios privados em inovação (%)	Pedidos de patentes	Proporção de trabalhadores STEM
		Relacionamento Empresas-IES	Ms e Drs em STEM (Empresas/ Total)

Da luz elétrica ao post-it, dos smartphones aos sofisticados aparelhos médicos, a inovação está constantemente transformando a forma como trabalhamos, nos comunicamos e vivemos. **Por trás das invenções estão líderes e empresas que trabalham para que essas boas ideias cheguem a todos**, e que também dependem delas, cada vez mais, para se manterem competitivas no mercado.

Com esse desafio, muitas empresas têm investido dinheiro em

ambientes internos que estimulem a criatividade, que sejam descontraídos e encorajem a convivência e a troca de ideias entre as pessoas. Mas inovar não depende apenas do empreendedor e da sua equipe, uma vez que é um fenômeno que acontece em rede e, como tal, tem uma grande influência do seu entorno. Por isso, os empreendedores precisam de um ambiente que favoreça a criação e a multiplicação das novas ideias: **pesquisadores e engenheiros altamente capacitados, que interajam com as**

universidades locais, uma boa infraestrutura de laboratórios e centros de pesquisa, além de dinheiro para tirar as ideias do papel.

Com esse contexto em mente, foram analisadas diversas fontes de dados disponíveis e o resultado final são sete indicadores, divididos em dois grandes grupos: capacidade de investimentos, públicos e privados, em ciência e tecnologia (C&T) e potencial de geração de ideias, especialmente o produzido no ecossistema universitário.

Potencial de Geração de Ideias

Cidade	Índice Potencial de Geração de Ideias	Pedidos de patentes (*)	Relacionamento empresas & IES (*)	Mestres e Doutores em STEM (Empresas/Total) (*)	Proporção de trabalhadores em ocupações STEM
Florianópolis	7.96	574	8.07%	3.51%	6.29%
São Paulo	6.95	4189	4.52%	2.26%	4.75%
Belém	6.82	37	28.43%	1.31%	6.47%
Salvador	6.66	279	2.77%	2.01%	7.25%
Vitória	6.33	136	1.70%	2.07%	7.13%
Belo Horizonte	6.29	969	2.52%	1.85%	5.51%
Brasília	6.25	195	6.12%	1.97%	6.04%
Rio de Janeiro	6.23	765	4.69%	1.60%	5.66%
Curitiba	5.86	779	2.31%	1.87%	4.63%
Porto Alegre	5.82	914	3.51%	1.30%	5.20%
Recife	5.00	148	2.37%	1.57%	4.54%
Goiânia	4.71	169	2.02%	1.30%	4.21%
Manaus	4.63	78	5.05%	1.00%	4.74%
Fortaleza	4.50	142	8.05%	1.04%	3.32%
	Fonte	INPI	Dados regionais da PINTEC (IBGE) / RAIS	Plataforma Lattes (MCT)	RAIS (MTE)
	Ano	2012	2011	2013	2013

*Dados estaduais.

IDEIAS E INVESTIMENTOS JUNTOS

São Paulo, Florianópolis e Belém, nessa ordem, são as capitais que apresentam as melhores condições para as empresas inovarem. Elas também estão entre as quatro primeiras capitais em ambos os subdeterminantes: intensidade de investimentos e potencial de geração de ideias.

A capital paulista se destaca principalmente no quesito dinheiro: lá, o Governo do Estado investe em ciência e tecnologia cerca de 4,5% do seu orçamento, ou quase R\$ 8 bilhões, o maior montante, tanto proporcional como

relativo. As empresas paulistas também investem quase 3% em relação às suas receitas, o que representa o 4º maior investimento proporcional entre as 14 capitais analisadas. Por lá também surgem boas ideias, sendo São Paulo o estado que mais detém pedidos de patentes no país, além de também possuir uma das maiores proporções de mestres, doutores e profissionais trabalhando nas áreas ligadas à inovação.

Já Florianópolis tem o maior potencial de multiplicar ideias,

especialmente porque as empresas possuem times preparados para inovar. Cerca de 1 em cada 28 mestres e doutores nas áreas de tecnologia da cidade trabalham nas empresas locais, mais do que o dobro da média das outras capitais. Além disso, a capital catarinense está acima da média em todos os outros indicadores, com destaque também para a proporção de profissionais de ciência e tecnologia, que representam quase 7% de todo o contingente de trabalhadores.

Por fim, **Belém aproveita o fato de ser um polo de pesquisas amazônicas** e coloca as universidades locais à disposição dos empreendedores: cerca de 1 em cada 4 empresas que inovam por lá o fazem em parceria com instituições de ensino, 6 vezes mais que a média das outras 13 capitais.

Entre os aspectos comuns às cidades que obtiveram as piores colocações do índice de inovação, como Manaus e

Fortaleza, faltam profissionais qualificados dedicados à ciência e tecnologia, como mestres e doutores. O melhor exemplo é que, juntas, essas cidades tem apenas 100 destes profissionais trabalhando nas empresas (cerca de 1% do total), apresentando as taxas mais baixas entre as capitais analisadas. Uma das consequências é que falta gente dedicada e capacitada nas empresas locais para gerar inovação, ainda que se realizem investimentos médios.

Empreendedores precisam de um ambiente que favoreça a criação e a multiplicação das novas ideias.

Intensidade de Investimentos

Cidade	Índice Intensidade de Investimentos	Gastos públicos em C&T (*)	Proporção de investimentos privados (em relação às receitas)(*)
São Paulo	8.26	4.51%	2.63%
Belo Horizonte	6.94	1.12%	3.57%
Belém	6.71	1.33%	3.20%
Florianópolis	6.69	2.39%	2.47%
Curitiba	6.69	2.73%	2.24%
Fortaleza	6.08	1.61%	2.38%
Porto Alegre	5.96	0.92%	2.72%
Brasília	5.80	0.97%	2.53%(**)
Manaus	5.60	1.00%	2.30%
Goiânia	5.44	0.87%	2.22%
Rio de Janeiro	5.40	1.33%	1.89%
Vitória	5.15	1.06%	1.82%
Salvador	4.97	1.92%	1.06%
Recife	4.30	0.77%	1.15%
	Fonte	MCT	Dados regionais da PINTEC (IBGE)
	Ano	2012	2011

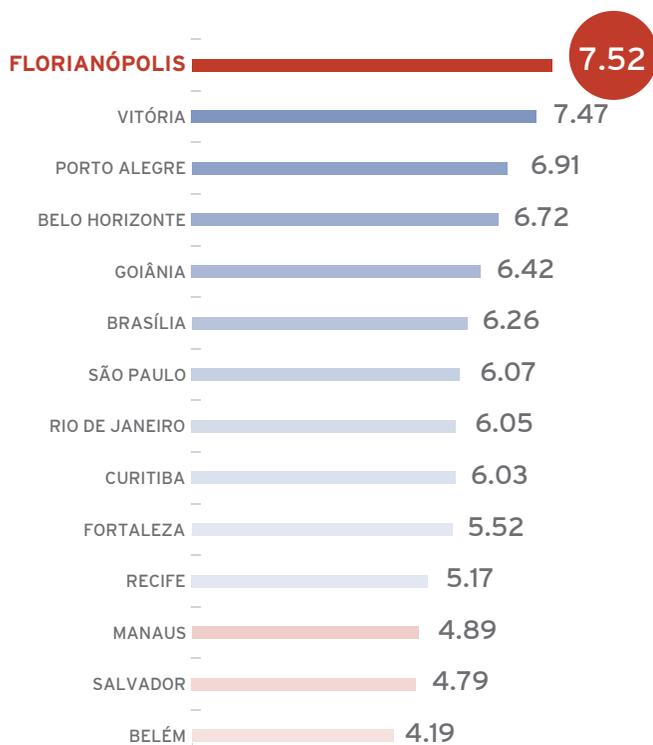
*Dados estaduais.

**Foram utilizados os dados do triênio 2005-2008



CAPITAL HUMANO

ÍNDICE FINAL



CAPITAL HUMANO			
Acesso e Qualidade da Mão de Obra Básica		Acesso e Qualidade da Mão de Obra Qualificada	
% Ensino Fundamental completo	Nota Ideb (E.F.)	% Ensino Superior completo	Total de alunos em cursos qualificados
% Ensino Médio completo	Nota do Ideb (E.M.)	% Matrículados em cursos de alta qualidade	Salário médio dos dirigentes
% Ensino Profissionalizante			

Uma empresa é feita de pessoas e processos. Os processos podem ser copiados, as pessoas não. Por isso, ter um bom time pode ser decisivo para o sucesso e o crescimento de um negócio. **Uma cidade com bons profissionais, com boa mão de obra, será sempre atrativa para o empreendedor que pensa em abrir ou expandir seu negócio.** Isso é ainda mais importante no Brasil, onde o déficit educacional é alto.

O que significa uma cidade ter

capital humano em abundância para os empreendedores formarem seus times? Dependendo do tipo de negócio, uma empresa pode precisar tanto de mão de obra básica - e por isso boas escolas importam - como mão de obra qualificada disponível - o que significa profissionais formados em universidades de alto nível - e acessível. Neste último caso, assumimos que quanto mais alto for o salário de dirigentes, mais difícil será para o empreendedor formar uma boa equipe.

Ter um bom time pode ser decisivo para o sucesso e o crescimento de um negócio.

Acesso e Qualidade da Mão de Obra Qualificada

Cidade	Índice Acesso e Qualidade da Mão de Obra Qualificada	Proporção de adultos menos ensino superior completo	Proporção de matriculados em cursos de alta qualidade	Total de alunos em cursos de alta qualidade	Salário médio de dirigentes
Florianópolis	7.95	32.42%	58.31%	6307	R\$ 4,067.01
Porto Alegre	7.43	28.84%	49.40%	11376	R\$ 5,237.92
Belo Horizonte	6.88	25.94%	30.21%	15620	R\$ 4,753.16
Vitória	6.61	34.73%	33.16%	3618	R\$ 4,381.75
Brasília	6.31	28.06%	21.27%	9443	R\$ 4,700.14
Fortaleza	6.23	14.40%	31.11%	9036	R\$ 2,853.27
Goiânia	6.08	23.72%	21.55%	6003	R\$ 3,331.70
São Paulo	5.81	24.09%	21.62%	39389	R\$ 8,920.42
Rio de Janeiro	5.55	24.59%	17.89%	18973	R\$ 7,604.83
Curitiba	5.47	27.76%	12.01%	7414	R\$ 5,541.98
Salvador	5.41	16.42%	18.58%	7659	R\$ 3,969.85
Recife	5.23	17.38%	17.71%	6283	R\$ 4,177.35
Manaus	4.63	13.75%	12.99%	3941	R\$ 3,498.93
Belém	4.42	13.39%	18.63%	3805	R\$ 4,683.68
	Fonte	Microdados da PNAD (IBGE)	ENADE (MEC)	ENADE (MEC)	RAIS (MTE)
	Ano	2013	2012	2012	2013

AS ILHAS ISOLADAS NA FRENTE

Quando o assunto é gente para trabalhar nas empresas, Florianópolis e Vitória, duas ilhas, se isolam na liderança, respectivamente na primeira e segunda colocação do índice de capital humano. **Juntas, essas capitais detêm cinco primeiros-lugares individuais em um total de nove indicadores**, sendo a maioria deles em relação ao acesso à educação. Só nas duas cidades mais de 80% da população têm ao menos ensino básico - aproximadamente 85% na capital catarinense e 82% na capixaba, enquanto a média das outras 12 capitais analisadas é de 74%.

No ensino superior as diferenças continuam: **34% dos**

vitórienses e 33% dos florianopolitanos estudaram em universidades - frente à média de 20% das demais capitais. Vitória ainda detém o primeiro lugar no quesito ensino profissionalizante, com 16% dos jovens matriculados em cursos desta categoria, taxa três vezes maior do que a média das capitais analisadas.

Mas acesso à educação não é tudo; a mão de obra precisa ter qualidade, outra frente em que as ilhas se destacam. **Florianópolis tem ótimas universidades: quase 60% dos universitários estão inscritos em cursos com notas 4 ou 5 no ENADE** - as notas máximas - enquanto a média é de 23,5%

nas outras cidades consideradas (Vitória alcança 33%).

Nas posições intermediárias aparecem as grandes cidades brasileiras, São Paulo (7ª colocada) e Rio de Janeiro (8ª). Os problemas do eixo Rio-São Paulo são justamente as proporções. Essas capitais apresentam os maiores números absolutos de acesso à educação, ou seja, têm os maiores estoques de estudantes qualificados, e as melhores universidades estão por lá, como a Universidade de São Paulo (USP)

e a Federal do Rio de Janeiro (UFRJ). Mas em função do tamanho desses centros, o ensino de qualidade acaba sendo restrito: aproximadamente 20% dos universitários estão em cursos considerados excelentes, sendo que nas capitais líderes essa taxa é quase o dobro. O resultado é que, para as empresas que conseguem pagar os salários mais altos do país e acessar essa mão de obra altamente qualificada, o eixo Rio-São Paulo é ótimo. Mas, **para muitos empreendedores, enfrentar a concorrência pelos talentos locais pode não ser a**

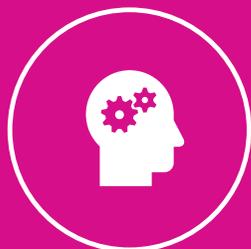
melhor estratégia.

O déficit educacional do Brasil aparece principalmente nas regiões do Norte e Nordeste, as últimas colocadas no ranking de Capital Humano. Praticamente 40% da população dessas regiões não têm sequer o ensino médio completo, e aqueles poucos (15%) que alcançam a universidade encontram cursos nem sempre bons - em Manaus, por exemplo, só 12% das instituições de ensino superior têm notas 4 e 5 no Enade.

Acesso e Qualidade da Mão de Obra Básica

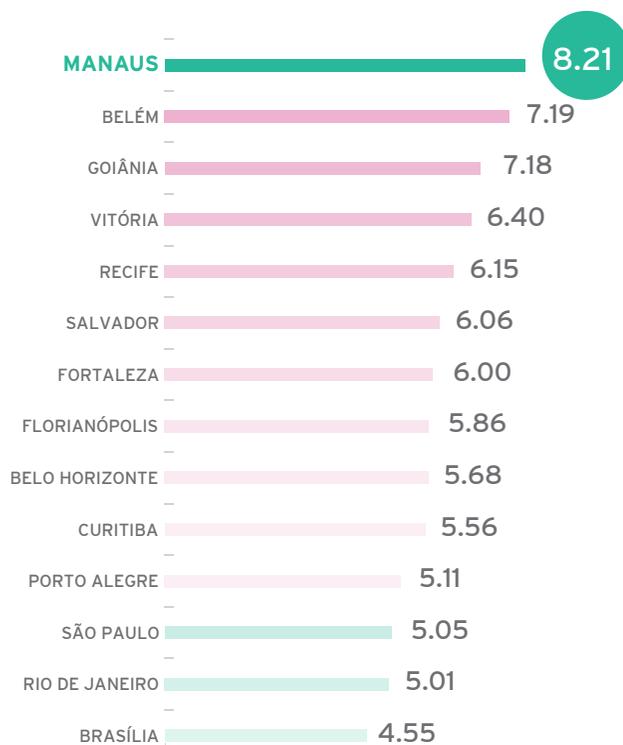
Cidade	Índice Acesso e Qualidade da Mão de Obra Básica	Proporção de adultos com ensino fundamental completo	Nota do IDEB nas 8ª/9ª séries	Proporção de adultos menos ensino médio completo	Nota do IDEB no ensino médio (*)	Proporção de matriculados no ensino profissionalizante
Vitória	7.99	86.11%	4	74.90%	3.8	16.22%
Florianópolis	6.74	82.59%	3.8	69.15%	4.0	4.25%
Goiânia	6.66	79.75%	4.6	63.83%	4.0	2.44%
Curitiba	6.59	80.59%	4.1	63.86%	3.8	6.49%
Rio de Janeiro	6.55	77.22%	4.4	62.10%	4.0	5.43%
Belo Horizonte	6.39	74.98%	4.4	60.19%	3.8	8.06%
São Paulo	6.32	75.52%	4.2	59.16%	4.1	5.86%
Porto Alegre	6.18	75.93%	3.5	62.95%	3.9	8.44%
Brasília	6.16	76.10%	3.9	63.76%	4.0	3.51%
Manaus	5.4	75.66%	3.7	60.49%	3.2	4.16%
Recife	5.3	68.56%	3.5	54.51%	3.8	7.76%
Fortaleza	4.91	69.19%	3.8	52.29%	3.6	2.71%
Salvador	4.44	72.65%	2.9	58.64%	3.0	1.94%
Belém	4.38	73.05%	3.1	54.69%	2.9	2.62%
Fonte		Microdados da PNAD (IBGE)	IDEB (MEC)	Microdados da PNAD (IBGE)	IDEB (MEC)	Censo escolar (MEC) / IBGE
Ano		2013	2013	2013	2013	2012

*Dados estaduais.



CULTURA

ÍNDICE FINAL



CULTURA	
Potencial Empreendedor	Imagem do empreendedorismo
Atitude empreendedora	Importância dos empreendedores para o desenvolvimento do país
Empreendedores de fato	Incentivo ao empreendedorismo na família
	Percepção sobre a presença do empreendedorismo na mídia

Uma das características dos empreendedores é a **postura frente aos riscos, a atitude de desafiar seus medos e a disposição para bancar o sonho de construir uma grande empresa**. Mas isso não é simples. Incentivar o empreendedor frente aos desafios requer apoio externo da família, dos amigos, da mídia e da sociedade, todos importantes nos momentos difíceis e quando o potencial do negócio está em xeque.

Por isso **a cultura empreendedora - ou seja, os comportamentos e as atitudes das pessoas e da sociedade sobre a forma como encaram o empreendedorismo** - é um dos sete determinantes analisados neste estudo. Para obter o grau de desenvolvimento local dessa cultura, **a Endeavor entrevistou, em parceria com o Grupo Troiano, 3.917** pessoas, com abertura estatística para cada uma das 14 capitais analisadas e cuja metodologia completa é

apresentada no final deste relatório.

O Índice de Cultura Empreendedora das capitais brasileiras é medido pelo potencial empreendedor dos cidadãos e a imagem do empreendedorismo na cidade. O primeiro é obtido com base em uma análise do perfil da população e sua proporção para o empreendedorismo. Já a imagem do empreendedorismo avalia o quanto a sociedade é favorável e reconhece seus empreendedores e leva em conta a mídia e a opinião de familiares.

PERFIL DA POPULAÇÃO DA CIDADE

SEGMENTAÇÃO EM 6 PERFIS



NATO



HERDEIRO



MEU
JEITO



BUSCA
DO MILHÃO



IDEALISTA



SITUACIONISTA

X

PROPENSÃO A EMPREENDER DOS 6 DIFERENTES PERFIS



34%

NATO

34%

HERDEIRO

31%

MEU
JEITO

29%

BUSCA
DO MILHÃO

27%

IDEALISTA

18%

SITUACIONISTA

A BASE PARA COMEÇAR

Em geral, as capitais das regiões Norte e Nordeste apresentam as condições menos favoráveis ao empreendedorismo. Elas detêm as últimas posições em grande parte dos índices específicos. Mas, se existem desafios em outras áreas, a base para começar um trabalho de fomento ao empreendedorismo é muito boa: a cultura empreendedora da região atinge os maiores níveis do país. Não só as capitais têm as maiores proporções de perfis mais empreendedores, como a percepção da população frente ao empreendedorismo é mais positiva que a média.

Especialmente dois fatores chamam a atenção. Primeiro, a população dessas regiões, principalmente em Belém, **é a que mais credita o desenvolvimento do país aos empreendedores**, próximo a 70%. Os meios de comunicação parecem ter um papel importante nesse cenário, em que cerca de **60% da população relata ver matérias e entrevistas na mídia em geral** - um exemplo de como isso ocorre é apresentado na nossa análise sobre Manaus, na página 68.

No extremo oposto, habitantes das capitais onde o

setor público é especialmente presente, como Brasília, ou aquelas com concentração de grandes empresas, como São Paulo e Rio de Janeiro, tendem a enxergar os empreendedores como “menos relevantes para o desenvolvimento nacional”. Estas são as únicas cidades onde menos de 53% da população os reconhecem como “principal responsável pelo progresso do país”.

Em alguns casos, como Brasília, 15% consideram que “empreendedores são pessoas que exploram seus funcionários”. Nesse sentido, campanhas na mídia (que também têm baixa percepção), como as realizadas em Manaus e Belém, podem ser importantes para transformar a cultura local. Elas aproveitaram exemplos de sucesso que “deram certo do jeito certo”.

Parte da cultura empreendedora são os comportamentos e as atitudes das pessoas e da sociedade sobre a forma como encaram o empreendedorismo.

Potencial Empreendedor

Perfis por capital	Índice Potencial Empreendedor	NATO	SITUACIONISTA	MEU JEITO	HERDEIRO	BUSCA DO MILHÃO	IDEALISTA
Manaus	8.17	15.1%	17.8%	15.1%	7.9%	35.5%	8.6%
Goiânia	7.45	15.0%	21.0%	10.5%	8.5%	32.5%	12.5%
Belém	6.89	17.8%	25.7%	10.9%	6.9%	28.7%	9.9%
Salvador	6.50	9.7%	27.0%	18.0%	9.0%	26.0%	10.3%
Fortaleza	6.39	13.0%	28.6%	13.0%	9.6%	24.6%	11.3%
Recife	6.10	11.3%	29.0%	15.3%	8.3%	24.3%	11.7%
Vitória	6.00	14.4%	32.0%	12.4%	9.8%	22.2%	9.2%
Rio de Janeiro	5.64	11.2%	31.5%	14.4%	6.9%	24.8%	11.2%
Florianópolis	5.55	10.4%	29.9%	13.4%	6.0%	22.9%	17.4%
Brasília	5.31	11.6%	31.8%	10.6%	6.3%	23.5%	16.2%
Belo Horizonte	5.20	12.3%	34.3%	10.8%	5.8%	25.3%	11.8%
São Paulo	5.13	10.2%	33.3%	13.9%	5.7%	24.9%	11.9%
Curitiba	4.98	10.6%	35.2%	13.3%	7.3%	20.6%	13.0%
Porto Alegre	4.68	11.0%	36.2%	12.7%	5.2%	21.7%	13.2%

Imagem do Empreendedorismo

Questões Pesquisadas	Índice Imagem do Empreendedorismo	Na sua visão, qual a melhor definição de empreendedor?			Eu acredito que empreendedores são pessoas que exploram seus funcionários
		Para ser empreendedor, não precisa ter um negócio próprio, basta pensar e agir de forma inovadora	O empreendedor é o empresário. Alguém que tem um negócio próprio, uma empresa. O que ele busca, na verdade, é conquistar um alto padrão de vida	Empreendedor é quem transforma uma ideia em negócio e gera emprego para a população	
Manaus	7.8	38.2%	7.9%	53.9%	9.9%
Belém	7.26	32.7%	9.9%	57.4%	7.9%
Goiânia	6.73	38.5%	6.0%	55.5%	12.0%
Vitória	6.73	39.2%	9.8%	51.0%	9.2%
Florianópolis	6.19	40.8%	10.0%	49.3%	9.5%
Fortaleza	6.19	41.5%	7.3%	51.2%	14.0%
Recife	6.19	36.0%	9.0%	55.0%	9.7%
Salvador	6.19	33.3%	8.7%	58.0%	14.7%
Belo Horizonte	5.66	43.3%	9.8%	47.0%	9.3%
Curitiba	5.66	42.2%	9.0%	48.8%	7.6%
Porto Alegre	5.66	48.6%	8.2%	43.1%	12.2%
São Paulo	5.12	38.8%	8.2%	53.0%	10.0%
Rio de Janeiro	4.58	34.5%	10.4%	55.1%	10.7%
Brasília	4.05	35.1%	9.9%	55.0%	15.6%

	Eu acredito que empreender, na minha cidade, é bastante complicado	Eu acredito que se alguém muito próximo a mim - pais, irmãos, esposo (a) - quisesse empreender, eu acharia difícil apoiar, pela insegurança financeira	Eu tenho visto muitas matérias sobre empreendedores na mídia em geral	Quem mais contribui para o desenvolvimento do Brasil				Eu acredito que o desenvolvimento do Brasil depende muito da iniciativa de empreendedores
				Novos empreendedores	Governo	Empresas internacionais instaladas no Brasil	Grandes empresas brasileiras	
	27.0%	25.7%	67.8%	69.3%	5.0%	10.9%	14.9%	55.9%
	34.7%	24.8%	58.4%	53.8%	4.3%	18.8%	23.3%	63.4%
	32.5%	20.0%	68.5%	53.0%	8.3%	11.3%	27.5%	58.5%
	34.0%	26.8%	69.9%	53.8%	3.0%	18.3%	24.9%	52.9%
	25.9%	21.4%	50.2%	54.2%	6.5%	14.4%	24.9%	58.7%
	29.6%	25.6%	55.8%	56.1%	8.3%	15.0%	20.6%	54.8%
	31.3%	26.7%	56.7%	55.0%	8.5%	14.0%	22.5%	56.3%
	41.3%	26.0%	59.7%	57.9%	1.3%	15.8%	25.0%	54.0%
	27.3%	24.0%	55.8%	57.6%	4.2%	11.5%	26.7%	51.8%
	26.6%	24.3%	51.2%	57.3%	6.0%	12.7%	24.0%	50.5%
	28.9%	25.9%	54.1%	48.6%	5.7%	20.6%	25.1%	55.6%
	37.6%	26.6%	56.5%	54.0%	5.0%	14.3%	26.7%	51.0%
	36.0%	25.8%	52.6%	51.2%	2.0%	23.6%	23.1%	57.8%
	33.1%	28.5%	53.6%	57.5%	7.2%	12.4%	22.9%	53.6%





PERFIL DAS CIDADES

FLORIANÓPOLIS



O POTENCIAL DE FLORIANÓPOLIS

Entre os sete pilares que compõem o Índice de Cidades Empreendedoras 2014, a capital catarinense está entre as duas melhores cidades em três casos: infraestrutura, inovação e capital humano. Esses índices, somados aos resultados equilibrados em outros pilares, garantem a ela o primeiro lugar no índice final.

Florianópolis é líder em capital humano por reunir amplo acesso e qualidade em suas escolas e universidades. **A cidade pode ser considerada um polo com mão de obra capacitada, com mais de 30% da população com diploma de graduação.** Não só a educação é acessível, mas os cursos

também são de qualidade, **com quase 60% dos universitários estudam em instituições com notas máximas (4 e 5) no ENADE** - três vezes acima da média das outras 13 capitais.

As consequências de existirem boas universidades, que estão conectadas às empresas, têm efeito na área de inovação: a cidade tem a maior proporção de pesquisadores trabalhando em empresas - 1 para cada 28 empresas, duas vezes a média das 14 capitais - e que, por sua vez, apresentam bom relacionamento com as instituições de ensino locais - **8,07% das empresas inovadoras dizem se relacionar** com elas. Outro benefício

para os empreendedores são os salários. Mesmo com uma grande proporção de mão de obra qualificada e uma alta renda per capita, a remuneração está abaixo da média das cidades analisadas: **dirigentes em Florianópolis têm um salário médio aproximadamente igual a 45% dos praticados em São Paulo.**

Por fim, Florianópolis também apresenta uma infraestrutura equilibrada, com fácil mobilidade, boa segurança e custos de imóveis e energia elétrica abaixo da média. É também a capital analisada com a população mais ligada à internet, com quase 80% das pessoas conectadas.

O EXEMPLO QUE VEM DE LÁ

A história de Florianópolis com o empreendedorismo e a inovação começou há mais de 50 anos, quando a cidade era apenas o centro administrativo do estado. Em 1962, foi fundada a Universidade Federal de Santa Catarina (UFSC), que, pela falta de professores na região, precisou “importar” doutores de outros países. E, de quebra, eles trouxeram experiências e inovações para as salas de aula e convênios com instituições internacionais. Mas foi só em 1984, depois de voltar do doutorado na Alemanha cheio de ideias, que o professor Carlos Alberto Schneider fundou a Fundação CERTI, com o objetivo de fomentar a criação de tecnologias inovadoras. De lá pra cá, a CERTI ajudou a fundar uma incubadora, um condomínio de empresas (ambos ainda em 1986, quando poucos falavam no assunto) e um Parque Tecnológico (o Tec Alfa, em 1993, um dos primeiros do país). Desde 2002, o sonho de formar um case mundial tem se materializado no Sapiens Parque, outro parque tecnológico, que está sendo construído em uma área de 4,5 milhões de metros quadrados, e que já abriga um fundo de investimentos, diversos laboratórios de pesquisa e um centro de eventos para 5.000 pessoas.

Em Florianópolis, mais de 60% dos universitários estudam em instituições com notas máximas no ENADE.

OS DESAFIOS DA CAPITAL

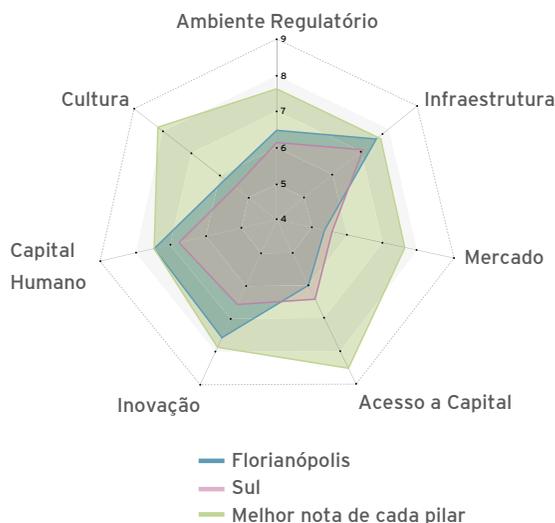
Os empreendedores de lá, se quiserem criar grandes negócios, provavelmente terão de expandir suas empresas para além dos limites da capital. O potencial de consumo em Florianópolis é alto, mas o mercado é restrito, com **o menor PIB das 14 capitais analisadas**. Outro desafio de desenvolver grandes empresas

na cidade está ligado à necessidade de buscar investimentos ao longo do tempo. Florianópolis está abaixo da média em relação à movimentação de crédito a partir de investimentos dos bancos múltiplos. Além disso, **foi realizado apenas um único grande investimento de Private Equity nos últimos cinco anos**, o que seria mais

um indício da necessidade das empresas em expandir nacionalmente.

Soma-se a esses desafios um ambiente regulatório em certos casos moroso, especialmente no que diz respeito a abrir empresas: são quase três meses, em média, para regularizar todos os procedimentos necessários.

	Valor	Posição
 Ambiente Regulatório	6,48	6º
 Infraestrutura	7,55	2º
 Mercado	5,32	10º
 Acesso a capital	5,94	6º
 Inovação	7,55	2º
 Capital Humano	7,52	1º
 Cultura	5,86	8º



SÃO PAULO



O POTENCIAL PAULISTANO

O que não falta em São Paulo é dinheiro. A cidade é o centro do investimento nacional, concentrando **mais de 60% de todas as operações de Venture Capital e Private Equity** observadas nas 14 capitais. Também é responsável por movimentar quase R\$ 10 trilhões em operações de crédito, o que representa 20 vezes o PIB paulistano ou 50%

a mais do que o total movimentado em todas as outras 13 capitais analisadas. Além disso, **o Governo do Estado investe quase 4,5% do seu orçamento no fomento à inovação**, o maior montante proporcional e absoluto.

São Paulo também é o maior centro econômico do Brasil, com o **10º maior PIB**

do mundo⁵ e o 3º maior do país (atrás, naturalmente, do PIB do estado e do nacional). Tem ainda a facilidade em se conectar com qualquer lugar do Brasil e do Mundo: possui os maiores aeroportos do país; a 3ª melhor malha rodoviária entre as capitais analisadas e está a menos de 80 quilômetros do porto de Santos, o maior da América Latina.

OS DESAFIOS DA CAPITAL

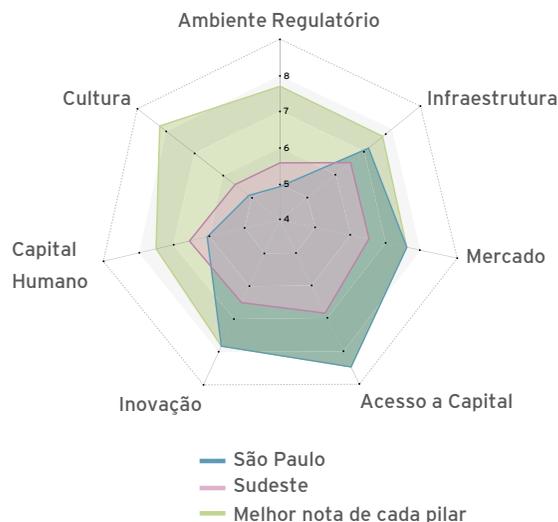
Se, por um lado, a capital paulista tem algumas universidades entre as melhores do país, em termos proporcionais ainda há o desafio de difundir o acesso à educação para uma fatia maior da

população - **hoje, só 24% dos paulistanos têm ensino superior**. Índices que parecem baixos, se comparados aos dos líderes, Vitória e Florianópolis, com mais de 32%. Ao mesmo tempo,

a presença de grandes empresas e multinacionais instaladas na cidade aumenta a demanda por profissionais qualificados. Consequentemente, **o empreendedor local tem muita**

⁵Fonte: PwC (2008), disponível em <http://pwc.blogs.com/files/global-city-gdp-rankings-2008-2025.pdf>

	Valor	Posição
 Ambiente Regulatório	4,87	13º
 Infraestrutura	7,11	4º
 Mercado	7,59	1º
 Acesso a capital	8,53	1º
 Inovação	7,87	1º
 Capital Humano	6,06	7º
 Cultura	5,04	12º



concorrência na hora de contratar mão de obra qualificada, o que aumenta os salários gerais e dificulta o acesso de empreendedores a essa mão de obra.

Embora hoje seja mais fácil abrir uma empresa em São Paulo do que há alguns anos (atualmente são necessários, em média, 36 dias), ainda **são muitos os desafios em seu ambiente regulatório**. Por exemplo, são quase quatro meses para aprovar

um projeto arquitetônico na cidade, taxa inferior somente a Porto Alegre (180 dias). Além disso, os impostos efetivos também são expressivos: **a cidade tem o quarto IPTU mais alto entre as analisadas** - atrás de Fortaleza, Recife e Rio de Janeiro - e um imposto efetivo médio de 7,3% - acima da taxa de 5,2% pré-determinada. Isto acontece, principalmente, porque o Estado de São Paulo adota a substituição tributária em diversos setores do comércio, como de

farmácias, com um imposto médio de 21,58%, prejudicando o imposto efetivo de empresas optantes pelo regime tributário do Simples Nacional.

Mais de 60% de todas as operações de Venture Capital e Private Equity do Brasil aconteceram em São Paulo.

O EXEMPLO QUE VEM DE LÁ

No início de 2013, foi criada a SP Negócios, empresa de economia mista, vinculada à Secretaria Municipal de Finanças e Desenvolvimento Econômico. Seu objetivo é promover investimentos e melhorar o ambiente de negócios na cidade. Uma das primeiras iniciativas conduzidas pela SP Negócios foi a implantação de legislação com incentivos, via IPTU e ISS, para novas empresas instaladas na zona leste e na região central da cidade, com foco especial na área de serviços, tecnologia e aquelas ligadas ao setor cultural. Na zona leste,

a meta da agência é gerar 100 mil empregos.

O órgão tem se dedicado ainda a reduzir o tempo de abertura de empresas, com a meta de chegar a 5 dias nos casos de negócios de baixo risco. Para isso acontecer, o objetivo é reduzir o número total de processos, atualmente de 13, para apenas 4, possibilitando os registros também via internet - o que requer a união de sistemas e o compartilhamento de bancos de dados dos órgãos envolvidos nesses processos.

VITÓRIA



O POTENCIAL DE VITÓRIA

Vitória, junto com Florianópolis e Curitiba, é a **única cidade em que mais de 80% da população têm ao menos ensino fundamental**, 16% dos jovens estão inscritos no ensino profissionalizante - mais de 3 vezes a média das demais capitais - e 34% dos adultos possuem diploma de graduação - entre os universitários, inclusive, um terço deles estuda em instituições com notas 4 e 5 no ENADE, as maiores possíveis.

A capital capixaba tira proveito de seu tamanho e também oferece boas condições urbanas: tem a segunda melhor mobilidade urbana entre as 14 capitais analisadas, 74%

da população está conectada à internet (a média é 64%), uma baixa taxa de roubos e o custo de imóveis está abaixo da média.

Já o mercado local parece dinâmico, apesar de ser menor que o dos grandes centros. Conta inclusive com altos investimentos feitos pelos Governos municipais e estaduais, que impactam no potencial de consumo (B2Gov) da cidade. No mesmo sentido, os outros clientes dos empreendedores locais - a população (B2C) e as empresas (B2B) - também possuem alto poder de compra, com uma das mais altas rendas per capita e a

presença de grandes empresas locais.

Apesar de não ser tão rápido abrir uma empresa na cidade, outros processos, em geral, são realizados com certa eficiência, especialmente a obtenção de energia elétrica, feita em uma semana. **Tampouco os impostos cobrados são altos**, fato demonstrado pelo ITPU (que não ultrapassa 0,4% do valor venal de um edifício) e o imposto efetivo sobre empresas. Neste último caso, entre as causas está o fato de o Estado do Espírito Santo não adotar o sublimite na aplicação do Simples Nacional, ainda que pudesse, legalmente, limitar o teto do Simples para empresas com receitas de até R\$ 1,8 milhão.

O EXEMPLO QUE VEM DE LÁ

O desafio da inovação em Vitória está principalmente ligado aos baixos investimentos. Mas também se relaciona com o potencial de geração de ideias da cidade, que possui poucas patentes e conexões entre instituições de ensino e empresas, apesar de apresentar bom número de pesquisadores em universidades. A Fábrica de Ideias, lançada em junho deste ano, pretende resolver esse desafio: em um espaço de 10.800m², serão oferecidas oficinas de capacitação focadas em tecnologia e economia criativa, haverá uma aceleradora de empreendedores de tecnologia, espaços de trabalho compartilhado e uma agência do governo para facilitar processos burocráticos. O espaço também conta com o Galpão Expocriativo, para grandes eventos, um auditório para 180 pessoas e laboratórios focados na criação de produtos.

Vitória tem alguns dos melhores indicadores de acesso ao ensino, um bom sinal da existência de mão de obra qualificada.

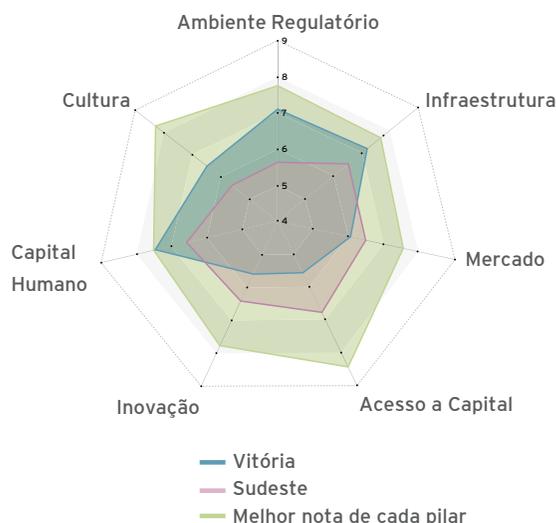
OS DESAFIOS DA CAPITAL

A capital capixaba, como já foi dito, é pequena e seu mercado local também, apesar de ter o maior PIB per capita das capitais analisadas. E ainda preocupa o fato de a cidade praticamente não ter crescido nos últimos anos: entre 2009 e 2011, **o crescimento médio real foi igual a 0,9% ao ano, o segundo pior índice.**

Esses fatores macroeconômicos impactam em outro desafio da cidade: os baixos níveis de financiamento. Tanto os investimentos via dívida como os feitos especificamente em inovação poderiam aumentar: **o Governo do Estado aplica aproximadamente 1% do seu orçamento em Ciência & Tecnologia** e as empresas locais só investem em inovação, em média, mais do que as de Recife e Salvador.

Para melhorar seu nível de inovação a cidade deve investir mais e também estreitar o relacionamento entre empresas e universidades. Apesar de ser referência em educação, Vitória tem o pior indicador sobre a interface universidade-indústria: **apenas 1,7% das empresas que inovam afirmam ter feito isso em parceria com universidades**, quatro vezes menos que a média das outras cidades.

	Valor	Posição
 Ambiente Regulatório	7,00	3º
 Infraestrutura	7,15	3º
 Mercado	6,10	5º
 Acesso a capital	5,67	9º
 Inovação	5,70	10º
 Capital Humano	7,47	2º
 Cultura	6,40	4º



CURITIBA

4^o
LUGAR
NO ICE
2014

O POTENCIAL CURITIBANO

Curitiba é um dos maiores exemplos de mobilidade urbana do mundo, com seu sistema integrado de ônibus, implantado há quase 40 anos. Mas não é só a rede de transporte público que explica seu destaque no determinante de infraestrutura. Na capital paranaense há um nível razoável de **segurança**, os imóveis têm **custos abaixo da média** e grande parte da **população é conectada à internet**. Além disso, Curitiba tem um aeroporto grande, diversas rodovias ligam a capital com outras cidades do estado - também conectando o Sul e Sudeste brasileiro - e o **Porto de Paranaguá**,

um dos mais movimentados do país, está a menos de 80 quilômetros do centro curitibano.

As empresas que desejam inovar e crescer também encontram boas possibilidades de investimento. Depois de São Paulo, o **Governo do Paraná é o que mais investe em Ciência & Tecnologia** e os bancos de lá movimentaram quase R\$ 1 trilhão (o que é mais de 15 vezes o PIB local). Há também a Fomento Paraná, agência de desenvolvimento local, que financiou quase R\$ 700 milhões diretamente para empreendedores da região em 2013.

Por fim, em Curitiba não só a burocracia é menor que a média, mas os impostos também. Já na largada, o empreendedor leva 15 dias a menos que a média das capitais para abrir uma empresa, e o curitibano também sai na frente na hora de obter energia elétrica. **Mas a maior vantagem para as empresas paranaenses é encontrada na carga tributária**, com uma alíquota efetiva de 4,7%, ainda menor que o estipulado pelo Simples (de 5,2%) - lá, os pequenos empreendedores que faturam até R\$ 540 mil anuais têm isenção de ICMS, o mais amplo benefício de isenção oferecido por um estado.

O EXEMPLO QUE VEM DE LÁ

A Fomento Paraná, com sede em Curitiba, financia anualmente cerca de R\$ 700 milhões, sendo a 4ª maior agência de fomento do país. Mais do que oferecer apoio financeiro, a Fomento Paraná incentiva diretamente o crescimento dos negócios do estado. Através das linhas de crédito do Banco do Empreendedor, ligado à agência, à medida que o empreendedor participa de cursos de capacitação e mantém ou expande o número de funcionários do seu negócio, as taxas de juros caem. A iniciativa é boa também para o próprio Banco do Empreendedor que, cobrando taxas que variam entre 0,55% e 1,07%, mantém uma inadimplência mínima, de 0,05% em toda a carteira.

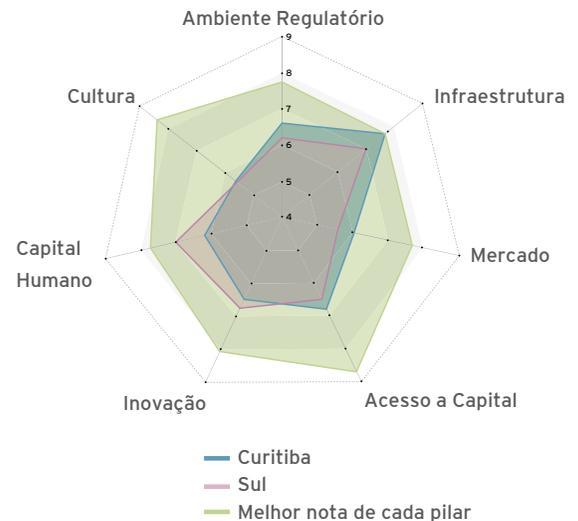
Os empreendedores de Curitiba pagam os menores impostos do país.

	Valor	Posição
 Ambiente Regulatório	6,55	5º
 Infraestrutura	7,63	1º
 Mercado	5,99	7º
 Acesso a capital	6,69	3º
 Inovação	6,32	5º
 Capital Humano	6,03	9º
 Cultura	5,56	10º

OS DESAFIOS DA CAPITAL

Se a população tem um alto poder de consumo, o que garante um bom mercado B2C, outras empresas que operem no modelo B2Gov e B2B podem ter dificuldades: proporcionalmente, os **governos municipais e estaduais investiram 30% menos que a média das 14 capitais e as empresas locais também são 15% menores que a média**. Esses fatores, aliados ao baixo crescimento recente, levam Curitiba a ter somente o 7º melhor mercado entre as capitais analisadas.

Apesar de oferecer boas opções de investimento para inovação, as empresas podem encontrar desafios na hora de gerar novas ideias. São relativamente **poucos os funcionários ligados à área de inovação nas empresas e poucas as empresas que procuram instituições de ensino para inovar** (cerca de 1 em cada 40). Embora o acesso à educação em Curitiba se encontre em níveis acima da média, o desafio está na qualidade da educação. Especialmente no ensino superior, em que as boas universidades são proporcionalmente poucas: **apenas 12% dos universitários estão inscritos em cursos notas 4 e 5 no ENADE**, enquanto a média das capitais é de 26% e nas capitais líderes esse índice ultrapassa 50%. Por fim, o empreendedor também terá que investir mais do que em outras cidades para formar um bom time, já que os salários, em média, só são inferiores aos do eixo Rio-São Paulo.



BRASÍLIA



O POTENCIAL BRASILIENSE

Para o empreendedor local, Brasília representa o segundo melhor mercado do país. **Além de ter o terceiro maior PIB do Brasil, a população local tem alto poder de compra** (apesar da alta desigualdade), com renda per capita média de quase R\$ 1.800,00 por mês. As empresas da capital têm ainda alto

poder para compras intermediárias (B2B), com um **valor adicionado 30% maior que a média** das capitais brasileiras. Ou seja, a cidade está “isolada” no centro do Brasil, mas tem um grande mercado por lá.

Por existir apenas um governo em

Brasília, o Governo Distrital, de certa forma é mais simples gerenciar os processos burocráticos da região. A consequência é que, com exceção do tempo para obter registros imobiliários, **todos os processos analisados no ambiente regulatório são efetuados em prazos inferiores à média** das capitais.

OS DESAFIOS DA CAPITAL FEDERAL

Em Brasília estão nossos deputados federais, senadores, ministros e a Presidente, é onde vivem e trabalham milhares de funcionários

públicos. A cidade criada por Oscar Niemeyer gira em torno do governo. Não é surpresa, então, saber que a **imagem do empreendedorismo não**

é um grande destaque, um dos motivos pelo qual a cidade ocupa a última posição em relação à Cultura Empreendedora. Soma-se a isso o

O EXEMPLO QUE VEM DE LÁ

O Governo do Distrito Federal, em 2011, investiu quase R\$ 4 bilhões, por meio de compras de bens e serviços. Agora, um decreto, aprovado no início de Julho de 2014, determina que ao menos 25% de todas as compras públicas (ou seja, cerca de R\$ 1 bilhão) sejam feitas de micro e pequenas empresas (MPEs). Ainda, a lei (baseada na Lei Geral de Micro e Pequenas Empresas, do Governo Federal) prevê que, nas contratações de até R\$ 80 mil, as MPEs tenham exclusividade na licitação.

E para que realmente as ações propostas sejam efetivadas, o governo tem como próximos passos lançar o portal "Prioriza MPE", já previsto na legislação. O portal servirá como canal de comunicação com os empreendedores, onde serão divulgados os editais e licitações abertos e será feito o acompanhamento das compras públicas e dos resultados. Nele, o empreendedor também poderá se cadastrar como fornecedor da prefeitura, recebendo as newsletters do portal e outras informações sobre o empreendedorismo da região. O Prioriza MPE é uma iniciativa da Secretaria de Micro e Pequenas Empresas do Governo do Distrito Federal e deverá ser lançado no início de 2015.

Além de ter o terceiro maior PIB do país, a população de Brasília tem alto poder de consumo

fato de 15% dos brasilienses considerarem que "empreendedores são pessoas que exploram seus funcionários", enquanto a média das capitais estudadas é de 10%.

Os empreendedores locais também

têm o desafio de encontrar investidores e meios para financiar suas ideias. Se comparado ao tamanho do mercado local, **os bancos fizeram poucos investimentos e empréstimos na capital federal**: foram cerca de R\$ 1,5 trilhões, um montante

inferior a 10 vezes o PIB local - proporcionalmente menos que Porto Alegre, Belo Horizonte e Curitiba, por exemplo. Nos últimos cinco anos também foram feitos apenas dois investimentos de capital de risco, menos de 1% do total nacional.

	Valor	Posição
 Ambiente Regulatório	6,56	4º
 Infraestrutura	6,21	6º
 Mercado	7,55	2º
 Acesso a capital	5,92	7º
 Inovação	6,03	6º
 Capital Humano	6,26	6º
 Cultura	4,55	14º



BELO HORIZONTE



O POTENCIAL DE BELO HORIZONTE

Depois de São Paulo, o principal centro financeiro do país, Belo Horizonte é a capital onde os empreendedores encontram mais alternativas de investimentos. Os **bancos locais movimentaram mais de R\$ 700 bilhões em operações de crédito** - e outros R\$ 4 bilhões foram investidos diretamente em empreendedores através do Banco de Desenvolvimento de Minas Gerais, o maior desse tipo no Brasil. As empresas da região também **receberam mais**

de 80 investimentos de Venture Capital e Private Equity nos últimos cinco anos, o que representa 12% do total nacional, somente atrás de São Paulo e no mesmo patamar do Rio de Janeiro. Provavelmente como resultado disso, as empresas locais são as que mais investem em inovação em termos percentuais - um indício de que a cultura em torno do chamado "San Pedro Valley", o "Vale do Silício" mineiro, favorece de fato a inovação.

O empreendedor também encontra com mais facilidade mão de obra qualificada na cidade. Além de salários bastante abaixo das médias das regiões Sul e Sudeste, a cidade tem muitas universidades com qualidade e isso permite que cerca de **1 em cada 3 universitários esteja matriculado em cursos de alta qualidade**. Belo Horizonte tem ainda a **3ª maior taxa de jovens matriculados no ensino profissionalizante**, o que garante ao empreendedor mais chances de formar uma boa equipe.

OS DESAFIOS DA CAPITAL

Belo Horizonte está a mais de **400 quilômetros do porto mais próximo** e, apesar de Minas Gerais ter quase 23.000 quilômetros de rodovia, a

segunda maior malha rodoviária do país em termos absolutos, o tamanho do estado requer muito mais. Além dos gargalos do transporte

interurbano, internamente Belo Horizonte também tem os desafios das grandes cidades, como **custos altos de imóveis e energia elétrica**,

O EXEMPLO QUE VEM DE LÁ

O Banco de Desenvolvimento de Minas Gerais (BDMG) é o maior banco de desenvolvimento regional do país, com mais de R\$ 4 bilhões financiados. São diversas as linhas dedicadas aos empreendedores, que podem fazer uma simulação prévia no site do banco baseado em suas demandas. Vale citar, especialmente, algumas das linhas de crédito focadas em inovação, que contam com a análise da FAPEMIG (a fundação de amparo à pesquisa estadual) para liberação final do crédito.

Entre as linhas de crédito há a PROPTec, destinada exclusivamente para as empresas instaladas em Parques Tecnológicos. Os empreendedores interessados criam um projeto de pesquisa aplicada a ser financiado, que então é analisado por uma comissão criada pelo BDMG e a FAPEMIG. Se aprovado, o crédito (de até R\$ 2 milhões) tem um ano de carência e até cinco para pagamento total, com uma taxa de juros aplicada inferior a 10,0% ao ano - para efeito de comparação, as linhas tradicionais mais baixas do BDMG têm taxas de 13,98% a.a.

Os bancos em Belo Horizonte movimentaram mais de R\$ 700 bilhões em operações de crédito, um dos maiores montantes, proporcionalmente

e uma mobilidade urbana complexa, em que **quase 55% da população demora ao menos 30 minutos no deslocamento casa-trabalho.**

A capital mineira, ainda que possua o 5º PIB do país, teve um **crescimento real modesto** entre 2009 e 2011 (últimos anos com dados

disponíveis), igual a **1,65% ao ano, a menor taxa da região Sudeste e quase metade da média de 3,08%** das outras 13 capitais analisadas neste estudo. Isso afeta as condições de mercado, especialmente para as pequenas empresas, em geral muito atreladas ao crescimento local, como as do setor de comércio

e serviços. A causa do baixo crescimento do PIB da cidade também pode estar em um desafio de produtividade desses setores, que tiveram o menor valor adicionado médio ao PIB - cerca de 40% abaixo da média das capitais analisadas - e representam quase 70% da produção total da cidade.

	Valor	Posição
 Ambiente Regulatório	5,75	8º
 Infraestrutura	5,29	10º
 Mercado	5,17	12º
 Acesso a capital	6,83	2º
 Inovação	6,72	4º
 Capital Humano	6,71	4º
 Cultura	5,67	9º



PORTO ALEGRE



O POTENCIAL PORTOALEGRENSE

Os pontos fortes de Porto Alegre são alguns dos mais valorizados por empreendedores: impostos baixos, financiamento e mão de obra qualificada. Para os optantes pelo Simples Nacional como regime tributário, o Rio Grande do Sul oferece **isenção do ICMS para empresas com receita de até R\$ 360 mil** e alíquotas reduzidas para aquelas com faturamento abaixo de R\$ 3,6 milhões. A própria capital também oferece alíquotas **reduzidas de ISS**, de 5% para 2%, para setores específicos, como tecnologia da informação, *call centers*, consultorias e serviços de educação de ensino superior na área de tecnologia.

Porto Alegre também é um reduto de boas universidades. Cerca de **50% dos universitários estudam em instituições com cursos bem avaliados pelo ENADE**, como são muitos da UFRGS, da Faculdade de Tecnologia de Porto Alegre e da PUC-RS. As boas universidades não apenas são responsáveis por fornecer mão de obra de qualidade, como também pesquisas aplicadas, que em 2011 e 2012 ajudaram a gerar **mais de 900 patentes no estado, o terceiro maior número**.

Por fim, acesso ao crédito também não parece ser um problema para os empreendedores da cidade. Os **bancos locais movimentaram mais de R\$ 600 bilhões em operações de crédito**, o equivalente a quase 14 vezes o PIB da capital gaúcha. Além disso, o capital poupado em Porto Alegre, superior a R\$ 32 mil per capita, é a média mais alta do país e pode significar boas fontes de investimento especialmente para novas empresas.

Foram quase 1.000 pedidos de patentes no estado, o terceiro maior índice.



O EXEMPLO QUE VEM DE LÁ

Mesmo que não apareça nas primeiras posições do determinante de inovação, Porto Alegre se destaca no potencial de geração de ideias, auxiliando o estado do Rio Grande do Sul a ser um dos que mais produzem patentes no país, atrás de São Paulo e no mesmo nível de Minas Gerais.

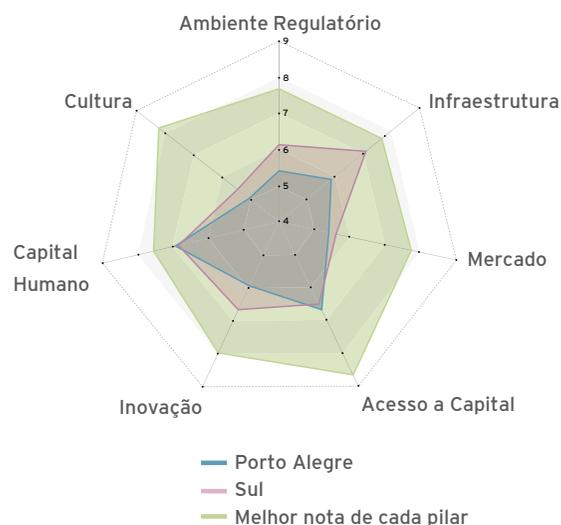
O Tecnopuc, da PUC-RS, fundado na última década, além de ser um dos maiores parques tecnológicos do país, ajuda a explicar esse resultado. O parque tem mais de 50.000m² de área construída e cerca de 120 empresas instaladas (entre elas: Dell, HP, Accenture, Totvs, entre outras), que empregam 6.300 pessoas, sendo metade delas com ensino superior. Além do espaço, os parques abrigam laboratórios, incubadores e agências que facilitam a conexão com empresas e financiam projetos de pesquisadores universitários. Dentro do Tecnopuc funciona também o Escritório de Transferência de Tecnologia, que avalia a invenção e garante a propriedade intelectual, ou seja, auxilia os empreendedores e pesquisadores em todo o processo de obtenção de patentes.

OS DESAFIOS DA CAPITAL

Os gaúchos são famosos por sua forte identidade regional. Em Porto Alegre, mais de 34% da população têm medo de empreender (a média das capitais é 26%). E quase **77% dizem que prefeririam se dedicar menos ao negócio para ter maior qualidade de vida**, acima da média nacional. Essas características culturais podem ter algum efeito sobre o crescimento de negócios, ainda que lá haja a maior densidade de empresas entre as capitais analisadas.

Além do medo de abrir seu negócio, o empreendedor gaúcho também encara desafios nos seus primeiros passos, já que legalizar a abertura da empresa em Porto Alegre é complexo e demorado. Atualmente, **são necessários 245 dias, tempo quatro vezes maior que a média das outras 13 capitais, de 63 dias**. Isso acontece principalmente porque, após o incidente na Boate Kiss, no início de 2013,

	Valor	Posição
 Ambiente Regulatório	5,45	9º
 Infraestrutura	5,76	7º
 Mercado	5,34	9º
 Acesso a capital	6,57	4º
 Inovação	5,87	7º
 Capital Humano	6,91	3º
 Cultura	5,10	11º



o Corpo de Bombeiros passou a ser mais exigente e está demorando cerca de sete meses para oficializar a liberação de um estabelecimento.

Por fim, outro fator limitante é o fato da capital gaúcha ter tido um crescimento recente módico, apesar de ter o 7º maior PIB das cidades brasileiras: entre 2009 e 2011, **Porto Alegre teve crescimento real médio de 0,88% ao ano, o pior resultado entre as 14 capitais brasileiras**.

GOIÂNIA



O POTENCIAL GOIANENSE

Se Goiânia tem muitos desafios a superar, a dura burocracia presente em todo o país não é o maior deles. **A capital goiana tem um ambiente regulatório bastante equilibrado**, com indicadores melhores que as demais capitais analisadas: os impostos estão entre os mais baixos e todos os processos são mais eficientes que a média, a única capital em que isso acontece. Por exemplo, **o tempo de abertura de empresas, de 32 dias**, em média, é o mais baixo do país (a média é de 76 dias). O mesmo

acontece com o tempo para registrar um imóvel, de 15 dias, índice 4 vezes menor que a média das capitais analisadas. Os impostos para empresas também recebem uma série de incentivos, uma vez que o Estado de **Goiás não adota o sublimite do Simples Nacional** (de R\$ 1,8 milhão), permitindo que empresas até R\$ 3,6 milhões se beneficiem. E alguns setores da economia, como empresas do setor de vestuário, por exemplo, recebem ainda o benefício da isenção do ICMS.

A cultura empreendedora da cidade também se mostra muito positiva: **quase 70% da população diz que a mídia local dissemina com constância casos de empreendedores** e os goianenses também apresentam atitudes essenciais ao espírito empreendedor, como otimismo e resiliência.

Goiânia é a capital onde se abre uma empresa mais rápido: 32 dias, em média

O EXEMPLO QUE VEM DE LÁ

Em 2012, a exemplo do que outras capitais já haviam feito, Goiânia implantou o Vapt Vupt Empresarial, um espaço que reúne todos os órgãos responsáveis pelo registro de empresas, que pode ser feito em até 24 horas, dependendo do caso. O que mais chama atenção, no entanto, é o Sistema de Indicadores criado pela Junta Comercial do Estado de Goiás (JUCEG): através do portal da JUCEG, qualquer pessoa pode consultar todos os registros de abertura e fechamento de empresas realizados em qualquer cidade do estado. Com a ferramenta (disponível em: <http://servicos.juceg.go.gov.br/indicadores/>) os usuários também podem fazer filtros pelo tipo de atividade econômica e natureza jurídica, além de datas específicas para consulta.

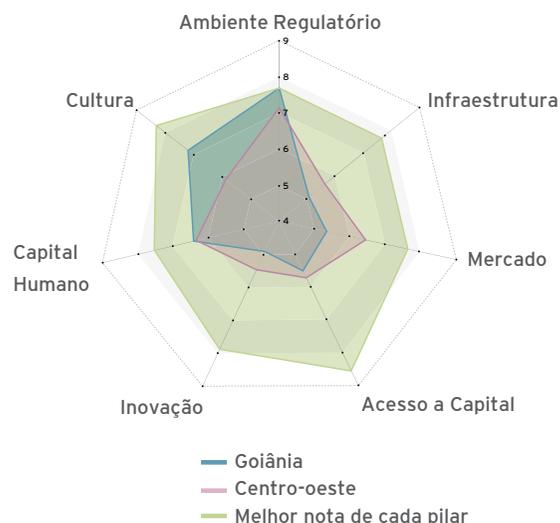
OS DESAFIOS DA CAPITAL

Goiânia está na penúltima posição no pilar de inovação, consequência dos baixos investimentos, tanto de empresas como do Governo, e do baixo potencial de geração de ideias, principalmente pelo baixo nível de relacionamento entre empresas e universidades. O **Governo de Goiás é o segundo que menos investe (0,87% do orçamento)**, apenas à frente de Pernambuco, proporcionalmente. Mesmo as empresas locais, que poderiam ser responsáveis pelos recursos, também apresentam investimentos menores do que a média nacional. As **universidades locais tampouco têm desempenhado um papel de destaque**: a cidade não tem nenhum parque tecnológico, e é onde as empresas menos se relacionam com

instituições de ensino para inovar, à frente de Vitória.

Um fator que talvez explique a baixa inovação é a disponibilidade da mão de obra qualificada da cidade. **Todos os indicadores de acesso à educação estão na média nacional ou abaixo dela - com especial atenção ao ensino profissionalizante, na penúltima posição.** É importante também atentar para a qualidade do ensino, uma vez que a cidade é uma das que menos forma profissionais qualificados em termos absolutos e apenas 22% dos cursos de graduação têm nota máxima no ENADE. A média é 26%, chegando a 50% nos melhores casos, como Florianópolis e Porto Alegre.

	Valor	Posição
 Ambiente Regulatório	7,64	1º
 Infraestrutura	5,05	12º
 Mercado	5,31	11º
 Acesso a capital	5,50	10º
 Inovação	4,91	13º
 Capital Humano	6,42	5º
 Cultura	7,18	3º



RIO DE JANEIRO



O POTENCIAL CARIOCA

O Rio de Janeiro tem o terceiro melhor mercado entre as 14 capitais analisadas. Na Cidade Maravilhosa não só o mercado é grande (tem o 2º maior PIB), como também existe um alto potencial de consumo, no qual se destacam os modelos B2Gov e B2B: **os governos municipais e estaduais do Rio têm o segundo maior gasto público** destinado a investimentos e compras de fornecedores terceirizados, tanto proporcionalmente como em números absolutos, alcançando um total

superior a R\$ 6,5 bilhões. A cidade também concentra empresas grandes, com valor adicionado médio, no setor de serviços, de cerca de R\$ 1,2 milhões - fica atrás apenas de São Paulo e Vitória.

O Rio de Janeiro também é um dos centros mais conectados do país: os empreendedores cariocas podem aproveitar o fato de ter à sua disposição dois dos maiores aeroportos (que representam 10% de todos os voos das 14 capitais), um grande porto na

própria capital e alguns outros nas cidades próximas, que por sua vez estão conectadas por uma das melhores malhas rodoviárias do Brasil, em valores proporcionais.

Por fim, ainda que possa aumentar seu volume de operações de crédito, **dinheiro tampouco é um grande problema no Rio de Janeiro**, dado que, atrás de São Paulo, a cidade é o segundo destino dos investimentos de risco do país, com quase 15% do total.

OS DESAFIOS DA CAPITAL

O principal desafio do empreendedor carioca é ter que lidar com o complexo ambiente regulatório da cidade. O **IPITU local é o mais caro do país** e pode chegar a 2,8% do valor venal do imóvel. Além disso, são quase três meses para abrir uma empresa, outros 60 dias para obter energia - o pior tempo entre todas

as capitais analisadas - e, por fim, os tribunais regionais estão entre os mais congestionados do país, com taxas de 64% de acúmulo.

A Cidade Maravilhosa também é a segunda maior do país e um dos maiores destinos turísticos do mundo. Essa

combinação ajuda a explicar o fato de a cidade ter **o metro quadrado mais caro do país, de quase R\$ 10 mil, em média**. Também como consequência de seu tamanho, tem os maiores problemas de mobilidade do país, em que **65% da população declara demorar mais de 30 minutos para chegar ao**

O EXEMPLO QUE VEM DE LÁ

O Rio de Janeiro recebeu mais de 20% de todos os investimentos de *Private Equity* realizados no Brasil nos últimos cinco anos – cerca de 30 acordos no total. Uma das explicações está na atuação da Rio Negócios, uma das primeiras agências oficiais de atração de investimentos criadas no país. A missão da Rio Negócios é facilitar novos investimentos nas empresas locais através da [1] inteligência de mercado, identificando setores estratégicos para aportes; [2] do acompanhamento entre as empresas e investidores durante a concretização do negócio; [3] da promoção do Rio de Janeiro como celeiro de boas empresas; e [4] de propostas de melhorias no ambiente local de negócios para o Governo.

Um exemplo concreto da promoção de investimentos está na Rio Conferences, que durante todo o período da Copa do Mundo trouxe quase 700 empresas de 27 países, interessadas em investir no Rio, para participar de eventos e almoços de networking sobre temas prioritários para a cidade, como Óleo e Gás, Indústria Criativa e Saúde, entre outros.

O Rio tem o 2º maior PIB do país e conta com grandes empresas e um governo com altos investimentos

trabalho, fatores que prejudicam a posição da cidade no índice de condições urbanas, em infraestrutura.

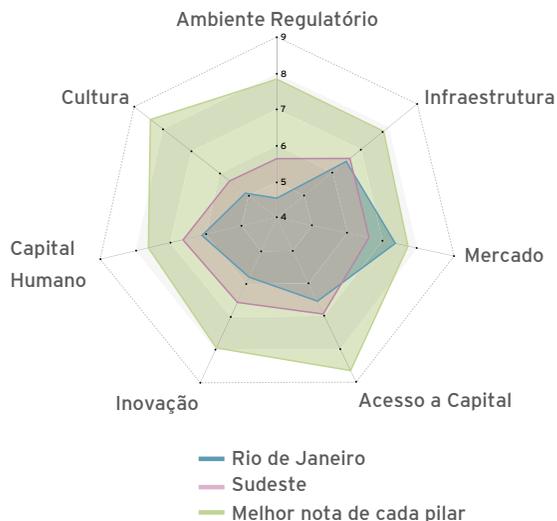
Há também o paradoxo da mão de obra: as ótimas faculdades que existem no Rio formam muitos profissionais bem qualificados, mas a grande demanda faz com que sejam escassos para

muitas empresas, especialmente as pequenas e médias, que devem enfrentar a concorrência da demanda local e pagar **salários quase 60% acima da média** das 14 capitais analisadas.

Ainda, na hora de empreender, aspectos culturais, um dos pontos em que a cidade é pior avaliada,

também têm impacto nos negócios. Chama atenção especialmente o dado que os cariocas são os que menos creditam o desenvolvimento do país aos novos empreendedores, especialmente se comparado à importância do governo e de grandes empresas brasileiras, ambos muito presentes no Rio.

	Valor	Posição
 Ambiente Regulatório	4,47	14º
 Infraestrutura	6,35	5º
 Mercado	7,24	3º
 Acesso a capital	6,50	5º
 Inovação	5,78	8º
 Capital Humano	6,05	8º
 Cultura	5,00	13º



MANAUS



O POTENCIAL MANAUARA

Manaus não está entre os líderes do índice final, mas tem uma boa base para desenvolver seu ambiente de negócios. Para isso pode contar inclusive com o apoio da população: lá, **quase 60% acreditam que os empreendedores são os principais responsáveis pelo desenvolvimento do Brasil**, a segunda melhor taxa, apenas atrás de Belém, entre as cidades pesquisadas. Importante dizer que o governo,

instituições de fomento - como o Sebrae Amazonas - e a mídia local têm um papel relevante nesse sentido e já contam com iniciativas reconhecidas pela população, exemplificadas pelas ações do grupo Amazon Sat.

A renda per capita de Manaus é baixa e a cidade está distante logisticamente de outros centros. Mas os **empreendedores locais podem aproveitar os**

bons mercados nos modelos B2Gov e B2B, uma vez que os Governos Municipal e Estadual são os que mais investem, proporcionalmente, em compras públicas e terceirização, quase 2,5 vezes mais que a média das outras capitais. Há também grandes empresas na cidade, principalmente em função da Zona Franca, que adicionam ao PIB local quase R\$ 1,2 milhões, na média por empresa.

OS DESAFIOS DA CAPITAL

Se há uma visão positiva sobre empreendedorismo em Manaus, deve-se dizer também que a cidade tem grandes desafios. **Dos oito pilares do empreendedorismo, Manaus está nas últimas posições em quatro deles:** Acesso a Capital (14^o), Inovação (12^o), Capital Humano

(12^o) e Infraestrutura (9^o).

Em 2013, entre as analisadas, Manaus foi a capital onde menos se movimentou dinheiro através das operações de crédito bancário, não alcançando R\$100 bilhões, valor que não representa nem 2 vezes o

PIB local - a média nacional é cerca de 10 vezes o PIB em valores movimentados. Também no setor de investimentos de risco, **nos últimos cinco anos não houve sequer uma operação de VC e PE em todo o estado**, única região entre as 14 analisadas onde isso aconteceu. Falta dinheiro

O EXEMPLO QUE VEM DE LÁ

Com mais de 15 anos de atuação e sede em Manaus, os canais Amazon Sat online e de televisão digital mostram a importância dos veículos de mídia na promoção da cultura empreendedora de uma região. Desde 2009, o grupo trabalha a temática do empreendedorismo em diversas frentes, tanto através de conteúdos jornalísticos, como em seus programas de capacitação, criados em parceria com o Sebrae AM. Durante a Semana Global do Empreendedorismo, por exemplo, todos os programas da grade dos canais Amazon Sat tratam da temática de novos negócios e inovação para as empresas da região - que, por sua vez, em certos casos são replicados pela afiliada da Rede Globo local, parte do mesmo grupo controlador. Outra iniciativa de alto alcance que leva conteúdo sobre empreendedorismo para a região é o Portal Amazônia, o mais acessado canal de notícias do norte do país, operado pela Amazon Sat e que também divulga diariamente notícias relacionadas ao empreendedorismo.

Quase 60% da população de Manaus acredita que os empreendedores são os principais responsáveis pelo desenvolvimento do Brasil – a 2ª maior taxa

também para investir em inovação, principalmente do setor público: o Estado despende 1% do seu orçamento em Ciência & Tecnologia, abaixo da média de 1,6%.

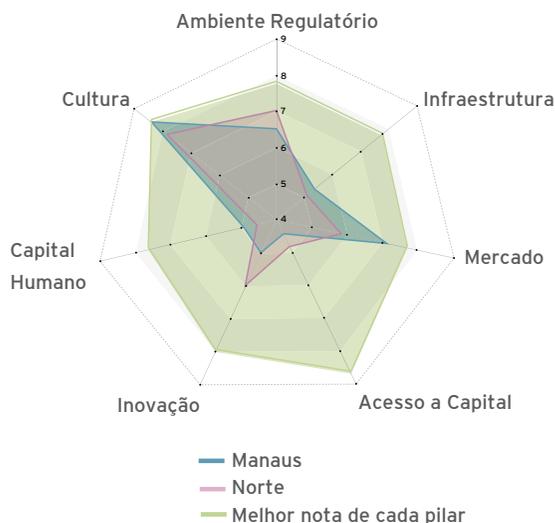
Formar um time capacitado na cidade também pode ser difícil, já que apenas **pouco mais de 10% da população têm ensino superior e a qualidade dos cursos de**

graduação está nos níveis mais baixos entre as capitais analisadas - só 12% dos universitários estão inscritos em cursos bem avaliados no ENADE, quando a média das outras capitais é de 26%.

Por fim, Manaus enfrenta um isolamento logístico: seu porto e aeroporto têm baixo tráfego e o maior estado

do Brasil, o Amazonas, é um dos que tem menos rodovias - apesar de muitos transportes serem feitos nos rios. Ainda, apenas 57% da população tem acesso à internet - a média das capitais analisadas é de 64% - e o tempo de deslocamento da população só é inferior ao de São Paulo e Rio de Janeiro, cidades muito maiores.

	Valor	Posição
 Ambiente Regulatório	6,44	7º
 Infraestrutura	5,31	9º
 Mercado	7,04	4º
 Acesso a capital	4,40	14º
 Inovação	4,96	12º
 Capital Humano	4,89	12º
 Cultura	8,21	1º



BELÉM



O POTENCIAL BELENENSE

A capital paraense, aproveitando o potencial da pesquisa amazônica, pode ser considerada um dos polos de inovação do país. Ainda que o Governo local não invista tanto em inovação, o mesmo não se pode dizer do setor privado: **as empresas só investem menos, proporcionalmente, que as de Belo Horizonte. Mais do que isso, as empresas de Belém impressionam especialmente pela maneira como inovam, investindo em mão de obra e relacionamento com as universidades locais.** Cerca de 1 em cada 14 funcionários das empresas estão ligados à área de inovação (a média é 1 em cada 20). Além disso, de acordo com o IBGE, das 360 empresas que inovam por lá, 102 o fizeram em cooperação com

instituições de ensino - **a maior taxa encontrada e cinco vezes mais que a média das capitais analisadas.**

A forte presença da UFPA, em conjunto com atores locais importantes, como o Sebrae Pará, também colabora para a boa percepção dos belenenses sobre o apoio governamental, atingindo o terceiro maior índice entre as capitais analisadas. Para reforçar a ideia de que o empreendedorismo é visto com bons olhos por lá, a pesquisa em campo mostrou que **35% dos belenenses fizeram cursos de empreendedorismo** e quase 70% consideram que novos empreendedores são os maiores responsáveis pelo desenvolvimento econômico do país, a maior taxa entre

Cerca de 30% das empresas que inovam na região o fazem em parceria com universidades, a maior taxa e cinco vezes mais que a média.

as capitais analisadas.

Outro destaque da cidade está no ambiente regulatório: os impostos (o IPTU e o Simples efetivos) são bastante atraentes, com médias de quase R\$ 13 mil e 5,7%, respectivamente.

O EXEMPLO QUE VEM DE LÁ

Belém é uma das principais capitais da Amazônia, local onde pesquisadores e empresas que querem estudar o mais famoso bioma sul-americano se instalam. Na Universidade Federal do Pará (UFPA), a principal do estado e responsável por 80% da pesquisa amazônica, fica a agência Univesitec, que tem como objetivo justamente fazer a conexão entre empresas e universidades. Para os novos empreendedores, existe uma incubadora, com cerca de 20 empresas, que dá suporte inicial - para participar, é preciso apresentar um projeto de negócio ou pesquisa aplicada. Ao mesmo tempo, para as grandes empresas a Univesitec funciona como ponte entre o mercado e os cientistas da UFPA, principalmente com foco em ciências da saúde, biotecnologia e estudos de identificação de DNA vegetal.

Todas essas empresas podem contar com um banco de patentes, batizado de Vitrine Tecnológica, que expõe as inovações criadas dentro da universidade para que empresas interessadas no licenciamento possam continuar o desenvolvimento da tecnologia e gerar produtos e serviços a partir delas.

OS DESAFIOS DA CAPITAL

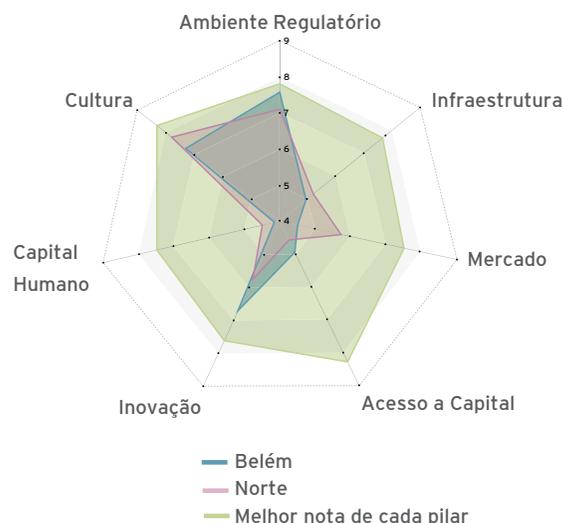
Belém é uma capital de extremos. Se, de um lado, está entre as melhores cidades para empreender em três determinantes (Ambiente Regulatório, Cultura e Inovação), de outro **Belém ocupa as duas últimas colocações nos demais: Infraestrutura (14º), Mercado (14º), Capital Humano (14º) e Acesso a Capital (13º).**

Além de ser difícil chegar à cidade, pois seu aeroporto é pequeno e o Pará tem poucas rodovias, Belém tem outros desafios: possui a energia mais cara entre as analisada e só 53% da população tem acesso à internet, abaixo da média de 63%.

Ao mesmo tempo, o mercado local também não é grande. O governo e as empresas gastam valores acima da média, mas **a renda per capita da região é inferior a R\$ 750,00 e a capital apresenta o 2º PIB mais baixo entre as analisadas**, fator especialmente preocupante porque Belém tem crescido pouco, igual a 1,2% na média entre 2009 e 2011.

Além do custo de mão de obra em Belém não ser tão baixo, achar bons funcionários pode ser difícil. O acesso ainda é limitado, dado que só 13% da população possui ensino superior, e a qualidade tampouco é alta - a cidade tem as piores notas no IDEB e menos de 20% dos universitários estão matriculados em cursos considerados bons pelo ENADE.

	Valor	Posição
 Ambiente Regulatório	7,41	2º
 Infraestrutura	4,79	14º
 Mercado	4,53	14º
 Acesso a capital	5,16	13º
 Inovação	6,90	3º
 Capital Humano	4,19	14º
 Cultura	7,19	2º



RECIFE



O POTENCIAL RECIFENSE

Recife tem só o 10º maior PIB entre as analisadas, mas é a capital que mais cresce: entre 2008 e 2011, **o crescimento médio real foi de 6,04%** - só em 2010 a cidade cresceu quase 13% - frente à média de 2,99% das 14 capitais. A cidade também pode ser considerada um dos “hubs” de conexão no Nordeste: além de ter um porto e uma boa conexão por rodovias com o restante do estado de Pernambuco, **a cidade**

possui um dos maiores e melhores aeroportos do país - o movimento atual é de quase 7 milhões de passageiros/ano, mas a capacidade é de 16 milhões.

Para os empreendedores que estão enfrentando desafios nas outras áreas do ambiente (como inovar ou contratar gente boa, por exemplo), **Recife conta com uma cultura favorável ao empreendedorismo** e com

diversas organizações, como o Porto Digital e o Sebrae Pernambuco, que ajudam a apoiar o crescimento dos negócios. Reforça essa ideia o fato da pesquisa de campo deste estudo ter mostrado que 35% da população recifense diz ter feito algum curso de empreendedorismo e outros **73% dizem que saberiam a quem recorrer se tivessem dificuldades no negócio**, ambos entre os maiores índices do país.

O EXEMPLO QUE VEM DE LÁ

O Recife é famoso por sediar o maior parque tecnológico do país, o Porto Digital, com cerca de 200 empresas ligadas à inovação, nas áreas de tecnologia da informação, comunicação e economia criativa, entre outras. Criado em 2000 como iniciativa dos setores privado, público e da academia, o Porto colabora para melhorar diversas áreas do ambiente empreendedor recifense. Atua principalmente no suporte a negócios, conectando empresas com universidades e na formação de mão de obra capacitada. Neste sentido, um projeto que se destaca é o Programa de Formação de Capital Humano do Porto Digital, cujo objetivo é capacitar os funcionários das empresas instaladas no parque e estudantes de instituições de ensino parceiras. Em 2 anos, o programa capacitou 6.400 pessoas nas áreas de acessibilidade digital, design e multimídia, inovação, empreendedorismo, gestão, inglês e linguagens de programação.

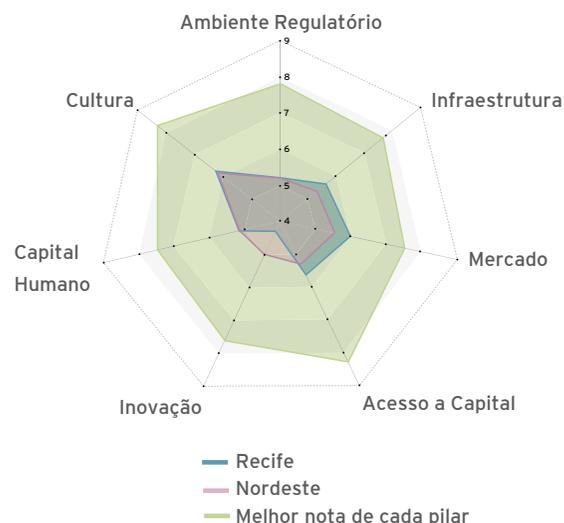
Recife foi a capital analisada que mais cresceu: mais de 6% ao ano entre 2009 e 2011.

	Valor	Posição
 Ambiente Regulatório	5,13	10º
 Infraestrutura	5,59	8º
 Mercado	6,04	6º
 Acesso a capital	5,75	8º
 Inovação	4,42	14º
 Capital Humano	5,17	11º
 Cultura	6,15	5º

OS DESAFIOS DA CAPITAL

Apesar de ser a cidade do famoso Porto Digital, Recife ainda tem desafios no que diz respeito ao fomento da inovação. **O Estado de Pernambuco é o que menos investe em inovação**, com 0,77% do orçamento destinado à promoção de ciência e tecnologia – a mais baixa taxa entre todas as capitais. Também **as empresas apresentam baixos investimentos** nessa área, fato que a coloca na segunda posição entre as capitais com menos investimentos privados em relação às receitas, somente à frente de Salvador. Além dos baixos investimentos, pode estar faltando mão de obra capacitada em Recife, uma vez que os índices de funcionários ligados à área de tecnologia são baixos. Entre as causas disso também está um problema comum às capitais do Norte e Nordeste: a formação nas universidades. **Só 17% têm um diploma de ensino superior**, e, ainda assim, falta também qualidade na graduação, em que apenas 1 em cada 6 cursos são bem avaliados no ENADE, enquanto a média é de 1 para cada 4 cursos nas capitais analisadas.

Não menos importante é a burocracia local, que deve ser observada com atenção: **abrir uma empresa na cidade demora em média quase 70 dias, aprovar um projeto arquitetônico outros 120 dias** (1 mês acima do encontrado no restante do país), o imposto efetivo cobrado alcança 6,8%, também acima da alíquota média pré-determinada de 5,2%, e o IPTU só fica atrás do Rio de Janeiro e de São Paulo.



FORTALEZA

13^o
LUGAR
NO ICE
2014

O POTENCIAL FORTALEZENSE

Fortaleza está distante dos primeiros colocados do Índice de Cidades Empreendedoras, na 13ª posição, mas também apresenta pontos que podem beneficiar seus empreendedores.

Acompanhando o bom crescimento do Nordeste, **Fortaleza foi a segunda capital analisada que mais cresceu entre 2009 e 2011**, com crescimento médio do PIB real de 5,62%, próximo ao Recife (6,04%) e bastante acima da média de 2,98% das 14 capitais. E apesar da renda per capita estar

entre as três mais baixas - pouco acima de R\$ 800,00 - o crescimento da região oferece boas perspectivas para os empreendedores locais.

Mesmo que a educação não seja tão acessível e o estoque de mão de obra qualificada seja baixo, **aqueles que chegam à universidade encontram bons cursos**, o que garante ao empreendedor margem para boas contratações. Outro fator importante neste sentido são os salários mais baixos entre as capitais analisadas

(R\$ 2.863 frente à média R\$ 4.800, aproximadamente, para contratar um dirigente), então o empreendedor pode formar um bom time investindo menos do que em outras cidades.

Fortaleza também apresenta alguns outros bons indicadores, como um bom relacionamento entre universidades e instituições de ensino e a **melhor percepção, por parte da população, sobre a atuação do Governo como apoiador do empreendedorismo**.

OS DESAFIOS DA CAPITAL

São muitos os desafios em Fortaleza, mas provavelmente a dificuldade de obter capital é um dos principais. Especialmente quando busca crédito,

o empreendedor local pode ter problemas: **a cidade tem o terceiro mais baixo nível de operações em relação ao PIB**, à frente apenas de Manaus e

Vitória. O baixo índice de investimentos é visível também por outras fontes de recursos: nos últimos cinco anos, **foram menos de dez operações de**

O EXEMPLO QUE VEM DE LÁ

Em Fortaleza, 46% da população acredita que o Governo apoia os empreendedores - é a maior taxa entre as capitais analisadas (a média é de 34%). Parte dessa percepção provavelmente é fruto do trabalho da Secretaria de Desenvolvimento Econômico da cidade, que, com a diretriz de melhorar o ambiente de negócios local, dividiu o trabalho em duas frentes.

A primeira, focada no apoio às micro e pequenas empresas, é a Coordenadoria de Empreendedorismo e Sustentabilidade de Negócios: o primeiro passo foi criar centros de atendimento espalhados pela cidade, conhecidos como Sala do Empreendedor. Nos espaços, fundados em fevereiro de 2014 e que já atenderam 5.000 pessoas (a meta é de 30.000 até 2016), são disponibilizados cursos de capacitação empreendedora, consultoria técnica (promovida pelo Sebrae) e auxílio na obtenção de microcrédito.

Já a Coordenadoria de Projetos e Desenvolvimento Econômico é responsável pelo levantamento de indicadores sobre o ambiente de negócios de cada bairro, permitindo que a prefeitura decida a respeito de incentivos programados (via isenção de IPTU e ISS). O objetivo é também disponibilizar esses dados para ajudar os empreendedores a escolher onde implantar seu negócio.

Em Fortaleza, aqueles que chegam à universidade encontram bons cursos, o que garante ao empreendedor margem para boas contratações

Venture Capital e Private Equity em todo o estado.

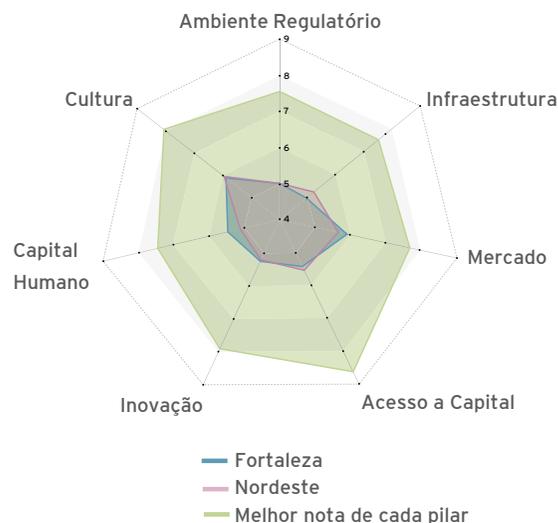
Se por um lado os salários na capital são baixos e há qualidade nos cursos de graduação, o empreendedor pode levar um bom tempo para encontrar mão de obra qualificada, principalmente porque apenas uma

parcela restrita da população tem acesso à educação. A população de **Fortaleza tem os menores níveis de acesso à educação** (somente 52% da população completou o ensino médio), a taxa de graduados (14,4%) é a terceira menor - a média é de 23,2% - e o ensino profissionalizante chega apenas a 2,71% dos jovens,

a 4ª pior taxa.

Por fim, há problemas na infraestrutura interna da capital, em especial a alta insegurança (Fortaleza tem o 4º índice) e o baixa conectividade - apenas metade da população tem acesso à internet, sendo que a média nas 14 capitais é quase 65%.

	Valor	Posição
 Ambiente Regulatório	5,12	11º
 Infraestrutura	5,03	13º
 Mercado	5,83	8º
 Acesso a capital	5,30	11º
 Inovação	5,17	11º
 Capital Humano	5,52	10º
 Cultura	6,00	7º



SALVADOR

14^o
LUGAR
NO ICE
2014

O POTENCIAL SOTEROPOLITANO

Salvador foi a primeira capital do Brasil, principal destino dos portugueses e onde mantiveram a administração colonial por mais de duzentos anos. Depois de quase quinhentos anos, muita coisa mudou, mas a capital baiana continua sendo uma porta de entrada do Brasil. **Salvador tem um importante porto e a cidade é a quinta com mais voos** (nacionais e internacionais) do país, com mais de 100 mil pousos e decolagens em 2013.

Ganham destaque também os investimentos públicos para fomentar a

inovação. **O Governo da Bahia investiu mais de R\$ 600 milhões em 2012**, valor que o coloca na posição de quarto Estado que mais investiu proporcionalmente nessa área (1,92% do orçamento). Fica atrás apenas de São Paulo, Santa Catarina e Paraná. As empresas soteropolitanas são também mais focadas em inovação, se comparado com a média nacional: é a capital do Norte e Nordeste com maior número absoluto de mestres e doutores trabalhando em empresas e também a 4^a maior do país em

números proporcionais. Além disso, **1 em cada 13 funcionários das empresas privadas está alocado em áreas ligadas à tecnologia**, o maior índice entre as analisadas.

Ainda, a população de Salvador tem grandes perspectivas para empreender. Mais de 68% declaram que querem abrir o próprio negócio nos próximos anos, a 4^a maior taxa entre as capitais analisadas, e um dos perfis identificados como de maior propensão a empreender, o Meu Jeito, tem em Salvador a maior proporção.

OS DESAFIOS DA CAPITAL

Salvador tem alguns dos piores índices de educação, especialmente aqueles ligados à qualidade: **a cidade está entre as piores notas no IDEB**, e menos de um quinto dos universitários estuda em bons cursos de graduação, de acordo com o ENADE.

Em relação ao Ambiente Regulatório, há certa morosidade no sistema. A taxa de congestionamento nos tribunais é a maior entre as capitais analisadas e para obter energia elétrica é necessário esperar um mês - procedimento este que é feito em duas semanas, na média das outras capitais.

Além da burocracia, o empreendedor deve também considerar as taxas: **o imposto médio efetivo para empresas no Simples, na Bahia, é de 8,1%, o maior entre as capitais analisadas** - explicado principalmente pela adoção da substituição tributária para diversos produtos.

O EXEMPLO QUE VEM DE LÁ

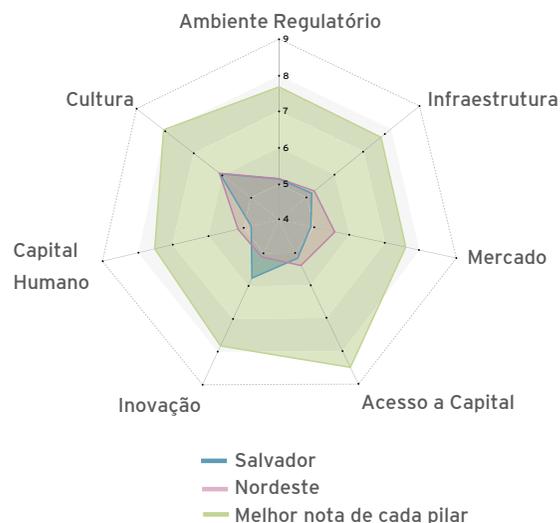
Em 2012, a Finep financiou cerca de R\$ 200 milhões para a inovação em Salvador. Cerca de 10% disso, R\$ 10 milhões, foram destinados para os programas TECNOVA e PAPPE Integração, da Fundação de Amparo à Pesquisa do Estado da Bahia (FAPESB), ambos com o objetivo de estimular o desenvolvimento da inovação em micro e pequenas empresas. O primeiro tem como base o apoio à implantação de incubadoras e o apoio às instituições de ensino, do ensino médio e de pós-graduações, que pretendam iniciar cursos na área de empreendedorismo e inovação. Já o PAPPE Integração, em seu 10º edital, faz investimentos não reembolsáveis para inovação em MPES, tendo aprovado, no último ano, o apoio a 16 empresas (do total de 59 propostas), totalizando mais de R\$ 6 milhões aportados, de até R\$ 400 mil cada.

Outros exemplos de investimentos são os realizados diretamente pelo Governo do Estado, através da FAPESB. Um caso é o Apoio à Inovação Aberta, com recursos de R\$ 5 milhões, que é destinado a empresas baianas (de qualquer porte) que façam parcerias com empresas de outros estados e de fora do país para o intercâmbio de inovações com tecnologia aplicadas em áreas específicas, como nanotecnologia e biocombustíveis. Há também o edital de Cooperação entre empresas e ICT's, em que empresas privadas podem pleitear recursos (de até R\$ 800 mil) para desenvolver projetos em conjunto com universidades e centros de pesquisa do estado.

Outros fatores de atenção, especialmente para os empreendedores que atuam apenas localmente, são as características do mercado de Salvador. A capital, que antes era o centro econômico do nordeste, vem perdendo espaço frente às demais: **entre 2008 e 2011, Salvador cresceu em média 2,1%, enquanto Recife e Fortaleza cresceram 6,0% e 5,6%, respectivamente** - o

PIB da capital do Ceará, inclusive, ultrapassou o da capital baiana em 2009. Por enquanto, a população de Salvador ainda tem a maior renda per capita entre as capitais do norte e nordeste. Mas seu governo já é o que menos investe em compras (B2Gov), proporcionalmente, e o setor de serviços tem acompanhado o desenvolvimento abaixo da média da economia.

	Valor	Posição
 Ambiente Regulatório	5,11	12º
 Infraestrutura	5,16	11º
 Mercado	4,91	13º
 Acesso a capital	5,20	12º
 Inovação	5,78	9º
 Capital Humano	4,79	13º
 Cultura	6,06	6º



O Governo da Bahia investiu mais de R\$ 600 milhões em inovação em 2012, a quarta maior proporção.

E AGORA? COMO USO ESTE RELATÓRIO?

Para formuladores de políticas públicas: o *framework* desenvolvido e todos os dados coletados apresentam uma visão geral dos desafios no ambiente empreendedor das 14 cidades avaliadas. Também trazem exemplos inspiradores e casos de sucesso que podem ser estudados e até copiados em outras regiões. Assim, o estudo traz foco e conhecimento sobre uma área muitas vezes limitada pela falta de diagnósticos qualificados. A análise do comportamento dos dados, realizada como parte da metodologia do estudo, permite ainda entender como os dados estão correlacionados e os fatores mais relevantes para o desempenho dos empreendedores em cada cidade. Com esse conjunto de informações, agrupadas sob a perspectiva do empreendedorismo, os formuladores podem promover ações facilitadoras e atuar em conjunto com outras esferas de governo para aperfeiçoar políticas de impostos e condições de infraestrutura. E ainda implementar outras iniciativas que impactem a atratividade da sua região.

Para organizações que trabalham com o fomento de empreendedorismo: a análise de inter-relação das variáveis, aliada ao perfil de cada uma das cidades, tem um papel importante em ajudar as organizações a entender como elas podem ampliar sua contribuição para o desenvolvimento do empreendedorismo em cada região. O processo de análise e coleta de indicadores também ajuda essas instituições a medirem de maneira mais efetiva o impacto proporcionado pelo seu trabalho. A visão ampliada dos desafios e exemplos de outras capitais facilita ainda o esforço conjunto com formuladores para incentivar melhores práticas de políticas públicas voltadas para o empreendedorismo.

Para empreendedores: ao apresentar uma visão geral de destaques e desafios das cidades, o estudo mostra aos empreendedores as cidades com as melhores condições para seu negócio crescer, dadas as dificuldades e demandas de cada empresa. Ainda, o *framework* tem o relevante papel de apresentar aos empreendedores as variáveis que podem influenciar o desempenho de seus negócios, evitando que esqueçam as mais importantes na hora de decidir por uma região.

Para a mídia: a compilação de dados deste estudo ajuda a mídia a fazer um diagnóstico mais completo das cidades avaliadas e a pautar discussões sobre os desafios do ambiente de negócios em cada uma. Mais do que isso, ao longo dos próximos anos a mídia tem o papel fundamental de cobrar melhorias para os desafios apontados pelo estudo, em conjunto com os empreendedores e a sociedade interessada.

REALIZAÇÃO



A Endeavor é uma das principais organizações de fomento ao empreendedorismo no mundo. Atua na mobilização de organizações públicas e privadas e no compartilhamento de conhecimento prático e de exemplos de empreendedores de alto impacto para fortalecer a cultura empreendedora do país. No Brasil desde 2000, já ajudou a gerar quase R\$ 4 bilhões em receitas anualmente e mais de 20.000 empregos diretos através de programas de apoio a empreendedores; e a capacitar mais de 2 milhões de brasileiros com programas educacionais presenciais e à distância.

www.endeavor.org.br

APOIO



A Bain & Company, presente em 33 países, é líder global em consultoria de negócios, já tendo trabalhado com mais de 4.900 empresas entre multinacionais e companhias privadas e públicas em todos os setores da economia.

www.bain.com.br



A Troiano foi a primeira empresa brasileira com foco em Branding. Temos 21 anos de mercado e já trabalhamos com centenas de marcas. Temos orgulho em manter um ambiente multicultural, com profissionais que, antes de tudo, gostam e entendem de gente e de como construir relações entre pessoas e marcas.

www.troiano.com.br



Com mais de 20 anos liderando o mercado, a SEDI é uma empresa especializada em Assessoria e Consultoria Empresarial no setor de legalização governamental. Foi criada com o intuito de facilitar o dia a dia dos empreendedores e cuidar da regularização de empresas.

www.sedi.com.br



A Spectra é uma gestora especializada em investimentos em Private Equity com grande experiência no segmento no Brasil, e tem como objetivo permitir o acesso a essa indústria, através de fundos de fundos, de forma diversificada e eficiente.

www.spectrainvest.com



Señores é uma agência de publicidade que trabalha com empresas para explorar novos jeitos de se construir marcas, sem compromisso com nenhuma mídia. A agência foi responsável pela criação e o design desta publicação.

www.señores.co

ANEXO 1:

METODOLOGIA

A criação de um ambiente favorável ao crescimento da atividade empreendedora é um tema presente na agenda pública de países em diferentes graus de desenvolvimento econômico, inclusive no Brasil. Empreendedores cumprem um papel relevante como agentes na geração de riqueza, de empregos e da cultura de inovação. Por essas razões, há um consenso sobre a importância das políticas voltadas à promoção do empreendedorismo, sobretudo o incentivo ao empreendedorismo de alto impacto.

Porém, não existe uma estratégia única de sucesso que pode ser adotada por governos nacionais ou locais. A elaboração de políticas voltadas ao empreendedorismo é, antes de tudo, um desafio analítico. Como medir empreendedorismo? Quais são os fatores ambientais determinantes para a expansão da atividade empreendedora? Como diferentes níveis de governo devem contribuir para a melhoria do ambiente de negócios?

Este estudo é a contribuição da Endeavor Brasil, em parceria com a Bain&Company, para a avaliação do ambiente empreendedor em cidades brasileiras e para a elaboração de políticas locais voltadas ao estímulo do empreendedorismo de alto impacto. Em consonância com o debate internacional sobre o tema, a Endeavor desenvolveu um *framework* inédito -- cujos resultados foram apresentados ao longo do relatório -- para a avaliação do ambiente de negócios nos municípios brasileiros. Para a construção do *framework*, foram organizados e coletados um conjunto de indicadores econômicos, institucionais, sociais e culturais de 14 capitais do país. O índice final de capitais e os

rankings de cada um dos sete determinantes apresentados no relatório derivam da aplicação do *framework* para essas capitais. O resultado é um instrumento de avaliação voltado para gestores públicos e organizações de apoio interessadas em gerar impactos na economia de seu município a partir do fomento à atividade empreendedora, assim como para empreendedores que queiram expandir seus negócios e para a mídia, que busca análises e dados qualificados.

O *framework* desenvolvido pela Endeavor Brasil e pela Bain&Company se inspira e se assemelha a dois outros instrumentos de avaliação e diagnóstico do ambiente de negócios: "*OECD/EUROSTAT Framework for Entrepreneurship*" (OCDE, 2007), adequado para comparar países da OCDE; e "*Aspen: Entrepreneurial Ecosystem Diagnostic Toolkit*" (*Aspen Network of Development Entrepreneurs*, 2013), construído a partir do estudo da OCDE e diversos outros, mas com foco em países em desenvolvimento. Ambas as ferramentas tem o propósito de auxiliar formuladores de política a coletar dados e construir indicadores comparáveis entre países.

A elaboração de um modelo para comparação de cidades, ou mesmo de estados ou regiões, requer uma série de adaptações importantes em relação às metodologias e análises existentes. Em primeiro lugar, estados e municípios têm limitações legais sobre quais políticas e legislações podem implementar ou regulamentar. A consequência de tais limitações é que em um mesmo país todos os empreendedores estão sujeitos a condições macroeconômicas

e a restrições legais semelhantes, independentemente da localização de seus negócios. Dessa forma, alguns critérios essenciais na análise de países tornam-se irrelevantes na comparação entre localidades de um mesmo país pela simples ausência de variação. O *framework* deste estudo leva em conta, assim, as especificidades necessárias para a análise de cidades.

Em segundo lugar, há menos produção de dados e indicadores para cidades do que para países. Órgãos oficiais de estatística costumam ser organizações dos governos nacionais e são raros os casos em que todos os municípios de um país coletam exatamente as mesmas informações sobre economia, finanças públicas, população etc. Por isso, quando necessário, o estudo traz variações dos indicadores adotados na comparação entre países, ainda que dentro dos mesmos temas.

Finalmente, além de adaptar o uso de um *framework* desenvolvido para países em cidades, tomou-se o cuidado de adequá-lo à realidade brasileira. Dito de outra forma, os indicadores retratam as questões e problemas relevantes para empreendedores brasileiros em cada um dos temas -- ou determinantes da *performance*, como se verá a seguir. Para isso, também foram consideradas as opiniões de diversos especialistas e parceiros da Endeavor para construir indicadores e encontrar fontes de dados apropriadas para cada um dos tópicos relevantes.

Além de apresentar em detalhes o *framework* desenvolvido pela Endeavor Brasil, na sequência se encontram as fontes de dados, as formas de cálculo dos indicadores e demais critérios adotados na análise.

IMPACTOS, PERFORMANCE EMPREENDEDORA E DETERMINANTES DA PERFORMANCE

O ponto de partida do *framework* da Endeavor Brasil é a separação analítica entre *performance* empreendedora, determinantes da *performance* e os impactos. De acordo com o estudo desenvolvido pela OCDE, impactos são as consequências sociais e econômicas da *performance* empreendedora, e os principais impactos esperados são a criação de empregos, o crescimento da economia, a redução da pobreza e diminuição da informalidade de empresas (OCDE, 2007). Gestores públicos deveriam, por princípio, se preocupar com as consequências da atividade empreendedora e desenhar políticas adequadas para maximizar seu impacto na sociedade. O problema central, porém, é que gestores públicos só podem produzir indiretamente tais impactos. O principal mecanismo é a criação de condições, como um ambiente adequado, que permitam o desenvolvimento do empreendedorismo e a boa *performance* das empresas.

Assim, a noção de *performance* empreendedora é central para este estudo e pode ser compreendida de diversas formas: como intensidade de atividade empreendedora, como desempenho econômico dos empreendedores, ou ainda como a geração de riqueza e/ou empregos pela atividade empreendedora. Na linguagem do *framework* adotado pela Endeavor Brasil, a *performance* empreendedora é resultado de um conjunto de determinantes afetados



pelas decisões dos gestores públicos. A *performance* será discutida adiante.

Performance empreendedora e seus determinantes têm entre si, em tese, uma relação de causa e efeito. Os determinantes congregam, assim, os fatores essenciais que explicam a *performance* empreendedora das cidades brasileiras. No *framework* deste estudo, estes fatores estão organizados em sete determinantes: Ambiente Regulatório, Infraestrutura, Mercado, Acesso a Capital, Inovação, Capital Humano e Cultura. Os sete determinantes, adaptados à realidade brasileira, foram construídos a partir dos estudos adotados como benchmarks -- da OCDE/Eurostat e Aspen Network of Development Entrepreneurs -- e a partir da opinião dos especialistas em diversos temas consultados pela Endeavor.

A expectativa é que cidades capazes de criar boas condições para o desenvolvimento da atividade empreendedora -- ou seja, que produzam determinantes favoráveis -- tenham melhor *performance* no futuro. Portanto, o trabalho de análise deste estudo consiste, na sua essência, em mensurar cada um dos determinantes da *performance*. O ranking final é uma combinação de todos os determinantes com pesos estabelecidos de acordo com as respectivas correlações com a *performance*, como explicado nas próximas páginas. Nenhum dos determinantes, nem a *performance*, são adequadamente representados por um único indicador e, no *framework* elaborado para este estudo, são construídos a partir de grupos de indicadores, ou variáveis. Os indicadores de cada determinante são os parâmetros sob quais gestores públicos e demais atores conseguem atuar para mudar o ambiente de negócios.

PERSPECTIVAS ANALÍTICAS SOBRE EMPREENDEDORISMO E SEUS DETERMINANTES

Os determinantes que compõem o *framework* têm como fundamento a literatura internacional sobre empreendedorismo, políticas públicas e desenvolvimento econômico. Não há um corpo de conhecimento único sobre o tema e há diversas perspectivas sobre empreendedorismo e suas causas. Ainda assim, há consenso de que o nível de atividade empreendedora varia de país para país e, certamente, de cidade para cidade. As explicações são, em geral, de

caráter econômico e social, como veremos adiante. Mais importante do que a natureza das explicações, porém, é o fato de que os determinantes do empreendedorismo estão diretamente associados às escolhas de políticas públicas. Ou seja, é possível influenciar a intensidade da atividade empreendedora por meio de escolhas institucionais, econômicas e políticas. (Hoffmann, Larsen & Oxholm, 2006).

A pluralidade de explicações é resultado das diferentes conceitualizações sobre o que é empreendedorismo e como medi-lo. Parte das explicações para o nível de empreendedorismo é de ordem macro, para as quais as causas do empreendedorismo se confundem com os fatores que explicam o crescimento ou desenvolvimento econômico de países ou regiões. Nesta perspectiva, alguns dos temas convencionais da macroeconomia e da economia internacional estão diretamente conectados às explicações sobre empreendedorismo. O foco de trabalhos desta ordem são as mudanças em indústrias nacionais, no desempenho das firmas em geral ou nos parâmetros básicos da economia. Fatores institucionais e ambientais têm grande peso em trabalhos que adotam essa perspectiva.

Por outro lado, há explicações de ordem micro, cujo foco analítico é o empreendedor individual. Em vez de observar as variações no tamanho das indústrias ou no surgimento de novos negócios, tais trabalhos procuram entender a partir das características de um indivíduo ou de seu entorno as chances de empreender e/ou de gerir um negócio com sucesso. Nas perspectivas sobre o empreendedor individual, a economia é acompanhada com mais frequência de outras disciplinas acadêmicas, tal como a sociologia e a psicologia. As habilidades do empreendedor e a decisão e a motivação para empreender cumprem um papel central nesse tipo de perspectiva.

As explicações intermediárias - que não focam nem na economia em geral, nem no empreendedor individual - por sua vez, tendem a se concentrar na análise de mercados específicos e em sua estrutura. O foco, em geral, são as oportunidades de negócio, as barreiras de entrada e saída e incentivos estruturais em geral. Essa literatura está bastante associada ao conhecimento produzido nas escolas de negócio sobre estratégia empresarial.

Todas as perspectivas se deparam com um desafio complexo: definir empreendedorismo. As alternativas mais comumente encontradas na literatura são aquelas que, de um lado, igualam empreendedorismo a auto-emprego e/ou a pequenos e médios negócios, em contraste a grandes

corporações, ou que tomam a *performance* da economia total como sinônimo do desempenho dos empreendedores. Essas são, em geral, alternativas empíricas à ausência de medidas confiáveis ou regulares sobre a quantidade de empreendedores na economia.

As diferenças analíticas entre as várias perspectivas analíticas sobre empreendedorismo resultam em uma variedade de perguntas, proposições teóricas e hipóteses sobre as causas e determinantes do empreendedorismo. O resultado da ausência de unidade teórica e analítica é, de certa forma, natural e necessário para a produção de conhecimento acadêmico, mas um problema para formuladores de política e analistas. Como definir e formalizar em indicadores a *performance* empreendedora adequada para múltiplas perspectivas? Como comparar a variação da *performance* em cidades a partir de explicações e causas do empreendedorismo de ordem tão variada?

Nesta seção, apresentamos brevemente as fontes, acadêmicas e não acadêmicas, das quais derivam o *framework* desenvolvido pela Endeavor. Em particular, este estudo se beneficia do desenvolvimento, no âmbito da OCDE durante os anos 2000, de um programa voltado à padronização de indicadores de empreendedorismo - *Entrepreneurship Indicators Programme* (EIP) - que congrega a pluralidade de perspectivas sobre o empreendedorismo em ferramentas analíticas e com diversos desdobramentos, como o trabalho desenvolvido pela ANDE recentemente (OCDE, 2007; ANDE, 2013).

O primeiro passo do debate proporcionado pela OCDE é o estabelecimento de uma definição ampla, porém relativamente precisa, dos elementos que compõem o empreendedorismo. Esta mesma definição é adotada pela Endeavor Brasil e pelo IBGE na produção dos relatórios de Estatísticas de Empreendedorismo (Endeavor/IBGE, 2011).

São três elementos:

- Empreendedores: são pessoas, necessariamente donos de negócios, que buscam gerar valor por meio da criação ou expansão de alguma atividade econômica, identificando e explorando novos produtos, processos e mercados;
- Atividade empreendedora: é a ação humana empreendedora na busca da geração de valor, por meio da criação ou expansão da atividade econômica, identificando novos produtos, processos e mercados;

- Empreendedorismo: é o fenômeno associado à atividade empreendedora.

A definição plural de empreendedorismo, com três elementos, resulta na impossibilidade de se adotar um indicador único para medir *performance* empreendedora. O *framework* da Endeavor Brasil acompanha essa definição, apresentando mais à frente a forma como *performance* empreendedora foi operacionalizada para este estudo. Em resumo, seguindo a mesma definição adotada pela OCDE em "*A Framework for Addressing and Measuring Entrepreneurship*" (Ahmad & Hoffmann, 2007), escolheram-se indicadores adequados para capturar a variação da *performance* em diferentes cidades brasileiras. Em geral, os indicadores procuram medir alguma das seguintes dimensões: o desempenho geral das empresas na economia; o percentual da população que opta por empreender; a geração de empregos e riquezas na economia por parte de empreendedores, assim como esquema proposto por Ahmad & Hofmann (2007).

O passo seguinte à conceitualização de empreendedorismo e à mensuração de *performance* consiste em contemplar a heterogeneidade de explicações sobre os fatores determinantes do empreendedorismo em um mesmo instrumento de análise, independentemente da perspectiva analítica - micro, macro ou meso - das quais partem ou das disciplinas acadêmicas das quais se originam. Na ausência de unidade analítica, alguns trabalhos na literatura sobre empreendedorismo e políticas públicas, além dos desenvolvimentos produzidos pela OCDE, oferecem boas sínteses dos fatores essenciais (The Entrepreneurship Ecosystem, The Babson Entrepreneurship Ecosystem Project, Global Entrepreneurship and Development Index, entre outros).

Lundström & Stevenson (2005), que produzem uma lista relativamente completa de fatores determinantes do empreendedorismo, dão destaque a variáveis distribuídas em três níveis: oportunidades, motivação e habilidades. Fatores relativos a oportunidades referem-se basicamente às características de mercado que impactam diretamente nas chances de sucesso de um empreendedor em um determinado mercado. Praticamente todos os principais trabalhos sobre empreendedorismo produzidos nos anos 2000 reconhecem a centralidade de tais fatores para explicar a variação nos níveis de empreendedorismo. Barreiras à entrada, concentração de empresas na indústria, crescimento da economia

e margens de lucro são alguns desses fatores fundamentais. Alguns desses são específicos de cada indústria ou setor da economia, a exemplo de barreiras de entrada. Outros, porém, afetam praticamente todos os empreendedores.

No *framework* deste estudo, tais fatores estão bastante bem representados nos determinantes de Ambiente Regulatório, Infraestrutura, Mercado, concentrados naqueles que não são específicos de nenhuma indústria. No determinante de Ambiente Regulatório estão retratadas as dificuldades burocráticas para a abertura de negócios e os custos dos impostos, que afetam diretamente a capacidade de empreendedores manterem suas empresas e torná-las rentáveis. O determinante de Infraestrutura, por sua vez, está diretamente ligado aos custos envolvidos na manutenção de negócio. As condições urbanas e os custos de cada cidade -- por exemplo, custo do metro quadrado dos imóveis, custos de transporte ou o risco patrimonial resultante de violência urbana -- são fundamentais para a decisão de o empreendedor abrir ou não um negócio. As oportunidades de negócio e o acesso a mercados são também resultado da infraestrutura de cidades. A existência de uma rede adequada de transporte interurbano proporciona maior inserção do empreendedor a novos mercados. Na experiência da Endeavor Brasil com empreendedores, questões relativas às barreiras burocráticas e a ausência de infraestrutura adequada para negócios figuram dentre as queixas mais recorrentes.

As condições básicas da economia, retratadas no determinante de Mercado, influenciam diretamente o potencial empreendedor de um país ou cidade. Há mais oportunidades para empreender em mercados maiores, mais desenvolvidos e em crescimento. Há mais clientes potenciais em locais em que população tem renda maior, governos ou empresas têm mais capacidade de compras. Finalmente, o nível de desenvolvimento e a renda per capita da população também têm impacto indireto no total de empreendedores na economia.

Os determinantes de Ambiente Regulatório e Mercado são comuns aos *frameworks* da OCDE, ANDE e Endeavor Brasil. O primeiro, porém, não considera Infraestrutura entre seus determinantes em virtude de ter sido elaborado para a análise de países desenvolvidos. Seguindo as recomendações do *framework* desenvolvido pela ANDE, incluiu-se neste estudo o determinante de Infraestrutura, adequando o seu uso a cidades.

Se as condições de mercado, do ambiente regulatório e a infraestrutura definem as oportunidades para o empreendedor, o acesso a capital é um fator chave para o surgimento de novos empreendedores e a expansão de negócios. Hoffman (2007) aponta que quase todos os estudos sobre empreendedorismo apontam para o papel essencial do capital disponível a empreendedores. O acesso a capital é particularmente crítico para novos empreendedores e startups, para os quais o risco avaliado de seus negócios dificulta ou aumenta os custos de obter recursos financeiros. Apesar de convencionalmente se assumir que a oferta de capital não deveria ser objeto de política pública, a dificuldade de novos negócios obterem capital em virtude do risco que oferecem torna necessária políticas públicas de financiamento a empresas nascentes.

Inovação é o fator com o qual empreendedorismo está mais intimamente associado, apesar da centralidade das oportunidades de negócio e do papel crucial do acesso a capital para explicar a variação da atividade empreendedora entre países, regiões e cidades. A relação entre ambos é de mão dupla. De um lado, a inovação e o desenvolvimento tecnológico são a força motora do empreendedorismo; de outro, espera-se que os empreendedores sejam os agentes responsáveis pela disseminação da inovação e das transformações nos modelos de negócios. Neste *framework*, o determinante de Inovação contempla a intensidade de investimentos em pesquisa e desenvolvimento por governos e empresas e o potencial de geração de inovação dos atores locais.

As perspectivas sobre o empreendedorismo focadas em indivíduos tendem a apontar para o impacto do nível educacional da população na intensidade da atividade empreendedora. Não somente empreendedores mais escolarizados têm maiores chances de sucesso, como a capacidade de recrutarem pessoas para suas organizações explica parcialmente a capacidade de manter e expandir seus negócios. Perspectivas analíticas centradas nos recursos das organizações costumam dar grande relevância à composição de profissionais e talentos para explicar o desempenho de uma organização (Endeavor Brasil, 2013). Em particular, os empreendedores brasileiros com as quais a Endeavor tem proximidade apontam a escassez de profissionais como um entrave importante à expansão de seus negócios. No *framework* do estudo, acompanhando os demais *frameworks* usados com referências, há um determinante de Capital Humano, para o qual coletamos indicadores relativos tanto à oferta de mão de obra básica e

à escolarização da população das cidades quanto à oferta de profissionais qualificados para o empreendedor.

Os seis primeiros determinantes tratam quase exclusivamente de aspectos objetivos do ambiente de negócios de cada cidade. A maioria refere-se à oferta de pessoas, recursos e oportunidades para o empreendedor. No entanto, a literatura sobre os fatores determinantes do empreendedorismo atribui grande relevância a aspectos culturais que motivam indivíduos a abrirem novos negócios como alternativa profissional. É bastante provável que cidades com condições objetivas semelhantes, mas com culturas empreendedoras distintas apresentem taxas diferentes de empreendedores na população.

CONSTRUÇÃO DOS DETERMINANTES DE PERFORMANCE E PADRONIZAÇÃO DE INDICADORES

Um dos desafios mais importantes na elaboração do ranking é a mensuração dos determinantes. Apesar de podermos definir intuitivamente o que cada determinante representa, criar medidas adequadas para cada determinante é bastante complexo. Como medir se há ou não em uma cidade o acesso a capital para empreendedores? Como medir o ambiente regulatório em um município? Ainda que possamos descrevê-los com precisão, cada determinante contempla mais de um fator relevante para explicar a *performance* empreendedora.

Por exemplo, podemos pensar genericamente no determinante de Inovação como sendo o investimento em pesquisa e a disponibilidade de seus resultados para empresas inovarem. Entretanto, é possível observar e medir somente um conjunto de indicadores: investimento privado em inovação, gasto público em ciência e tecnologia, número de pedidos patentes, e assim por diante. Seguindo a prática de outras ferramentas de análise, produzimos um conjunto de indicadores que quando combinados representam de forma adequada cada um dos determinantes. Ou seja, conforme mencionado anteriormente, nenhum indicador sozinho é suficiente para mensurar um determinante, mas todos os indicadores representam alguns aspectos

relevantes para explicar a *performance* empreendedora.

Dentro de cada determinante, há indicadores que tratam de fatores correlatos entre si e que representam um mesmo aspecto. Dessa forma, os determinantes estão organizados em subdeterminantes, cuja função é organizar os indicadores e racionalizar sua combinação. Há sempre dois subdeterminantes que organizam os indicadores dentro de cada determinante.

Por exemplo, o determinante Ambiente Regulatório é composto pelos seguintes subdeterminantes: “Tempo de processos”, composto pelos entraves à abertura de negócios, obtenção de alvarás etc., e os “Custos de impostos”, em particular aqueles que variam de capital para capital. Certamente há outros aspectos regulatórios no Brasil que afetam empreendedores. Para o *framework*, porém, importam aqueles fatores que variam entre cidades e que podem ser influenciados por gestores públicos locais.

Os indicadores coletados para a construção dos determinantes e aplicação do *framework* são medidos de diversas formas e representam quantidades muito diferentes. Enquanto o indicador “preço do metro quadrado”, no determinante de infraestrutura, é medido em preços correntes (R\$, portanto), o indicador “ensino superior” é apenas uma proporção da população e não tem unidade de medida. Como comparar e agrupar indicadores⁶ tão diferentes?

Para que fosse possível combinar os indicadores nos subdeterminantes, a solução foi padronizá-los em um score com média 0 e desvio padrão 1. Esse é um método convencional e bastante adequado de tornar variáveis provenientes de fontes distintas comparáveis. O score para cada cidade em um indicador é obtido subtraindo-se a média das 14 capitais e dividindo o resultado pelo desvio padrão, conforme a fórmula abaixo:

$$\text{Indicador}_k' = \frac{\text{Indicador}_k - \text{Média (Indicadores)}}{\text{Desv.padr (Indicadores)}}$$

A padronização de indicadores permite somá-los, mesmo que originalmente representem quantidades tão diferentes. A construção de cada subdeterminante é a soma simples de cada um dos indicadores padronizados que o compõem. Por exemplo, dentro do determinante “Infraestrutura”, o subdeterminante “Transporte Interurbano” é a soma das variáveis padronizadas “Densidade das estradas”, “Número de voos

⁶A lista completa de indicadores pode ser encontrada na página 93.

diretos” e “Distância ao porto mais próximo”.

Uma vez somadas as variáveis, é possível aplicar o mesmo processo de padronização de variáveis para o resultado. A padronização dos subdeterminantes evita que, posteriormente, um subdeterminante apresente um valor médio maior que outro pelo simples fato de ser composto por mais variáveis. Entretanto, em lugar de centrarmos os scores na média zero, como fizemos com os indicadores, deslocamos a média do score para 6. Por exemplo, no pilar de “Mercado”, os subdeterminantes “Desenvolvimento Econômico” e “Clientes Potenciais” terão sempre média 6 e desvio padrão 1, com os scores de cada cidade indicando sua posição relativa às demais. Basicamente, deslocar a média para 6 evita que a visualização de um número artificialmente negativo (score abaixo da média) prejudique a interpretação, ao mesmo tempo em que não altera os resultados.

$$\text{Subdeterminante}_x = \text{Indicador}_1' + \text{Indicador}_2' + \dots + \text{Indicador}_k'$$

$$\text{Subdeterminante}_x' = (\text{Subdeterminante}_x - \text{Média}(\text{Subdeterminantes})) / \text{Desv.pad}(\text{Subdeterminantes}) + 6$$

A escolha de somar as variáveis diretamente dentro de um subdeterminante tem consequências. A mais notável é que implicitamente fica assumido que os indicadores têm o mesmo peso dentro de um subdeterminante. Rankings e outras ferramentas de comparação precisam necessariamente adotar um critério arbitrário para pesar indicadores diferentes e combiná-los, mesmo que o critério seja atribuir pesos equivalentes. Uma forma adequada de contornar a arbitrariedade dessa escolha é a avaliação cuidadosa de cada um dos determinantes, subdeterminantes e dos indicadores que os compõem. Em lugar de adotar pesos para as variáveis nesta etapa da análise, optou-se por organizá-los hierarquicamente.

No início da elaboração do estudo foram apontados 380 indicadores. Em um primeiro momento, esses indicadores foram agrupados nos respectivos determinantes e subdeterminantes seguindo as orientações dos *frameworks* existentes e a opinião dos especialistas consultados. No processo de coleta de variáveis, eliminamos aqueles indisponíveis, com erros excessivos de medição ou redundantes e buscamos fontes variadas para as mesmas medidas. Por exemplo, o número de voos diretos para uma cidade e o total de passageiros transportados são medidas bastante semelhantes. Utilizar dois indicadores que, uma vez padronizados, são quase idênticos, seria equivalente

a adotar o dobro do peso para um aspecto específico de um subdeterminante.

Mesmo após a eliminação inicial de indicadores redundantes, é possível que dois indicadores sejam medidas muito parecidas e altamente correlacionadas entre si, ainda que sua definição substantiva seja muito diferente. Então, com um conjunto já reduzido de indicadores, foi produzido para cada determinante uma Análise de Componentes Principais em que se observou como cada indicador se comportava em relação ao outro.

Intuitivamente, a aplicação da Análise de Componentes Principais se assemelha a descobrir todas as dimensões de cada um dos determinantes e criar um componente que representa cada dimensão. Por vezes, um conjunto de dezenas de indicadores pode ser representado por apenas um componente. Por exemplo, podemos imaginar que capital humano tem duas dimensões, qualidade da educação e total da população educada, e que a nota média dos alunos do município no IDEB e o percentual da população que terminou o Ensino Médio estão eventualmente relacionadas a essas duas dimensões. Ao produzirmos a Análise de Componentes Principais, é possível observar como esses dois indicadores estão situados nas dimensões encontradas e decidir se são redundantes, divergentes ou complementares. Com isso, pode-se também avaliar e reconstruir os subdeterminantes, aprimorando as ferramentas existentes nos estudos internacionais e desenhando um *framework* adequado à realidade das cidades brasileiras. Uma explicação mais detalhada da análise de componentes principais é encontrada adiante, quando é analisada aspectos da *performance*.

Construídos os subdeterminantes, o resultado de cada pilar (determinante) resulta da soma simples entre eles e da padronização, novamente com desvio padrão 1 e média 6. Os rankings de cada determinante, apresentados ao longo deste relatório, e os scores de cada capital para um determinante provêm desta última operação. Os subdeterminantes têm sempre o mesmo peso dentro de cada determinante.

$$\text{Determinante}_x = \text{Subdeterminante}_1' + \text{Subdeterminante}_2' + \dots + \text{Subdeterminante}_k'$$

$$\text{Determinante}_x' = (\text{Determinante}_x - \text{Média}(\text{Determinantes})) / \text{Desv.pad}(\text{Determinantes}) + 6$$

O *framework* final, apresentado na página 84, resulta, portanto, de um processo inicial indutivo - com consulta a trabalhos internacionais semelhantes e a especialistas - e de um processo final dedutivo, empiricamente orientado e analiticamente consistente.

É importante notar que, como consequência das transformações das variáveis e padronizações, os valores finais dos determinantes - e, portanto, dos rankings e do índice final - são relativos. Por exemplo, o fato de Curitiba estar posicionada em primeiro lugar no determinante de "Infraestrutura" e ter recebido o valor 7,63 não significa que Curitiba está a apenas 2,37 (ou 10,00 - 7,63) de ter uma infraestrutura perfeita para incentivar a atividade empreendedora. Da mesma forma, Belém não está a 4,79 de ter infraestrutura completamente inadequada para empreendedores. Os valores recebidos pelas cidades nos determinantes indicam somente as posições relativas e o quão distantes da média das 14 capitais cada uma está.

CONSTRUÇÃO DA MEDIDA DE PERFORMANCE EMPREENDEDORA

Performance empreendedora é um conceito abrangente e pode ser definida de diversas maneiras, por exemplo, como geração de riqueza por empreendedores ou como o simples aumento do número de empreendedores e do auto emprego. O desafio de conceitualizar e mensurar *performance* empreendedora é, portanto, semelhante ao de construir os determinantes da *performance*.

Seguindo os *frameworks* de comparação de países, foram coletados indicadores de *performance* que pudessem representar adequadamente três aspectos fundamentais: [1] a intensidade de atividade empreendedora no Brasil, medida tanto pelo número de empreendedores na população ocupada quanto pela criação e sobrevivência de novas empresas; [2] o desempenho econômico dos empreendedores, em particular, do empreendedorismo de alto impacto; e [3] a capacidade de geração de riqueza e/ou empregos pela atividade empresarial. Coletamos diversos indicadores de *performance* e, após eliminar aqueles redundantes ou com problemas de medição, restaram oito variáveis, cujas descrições e fontes são encontradas adiante (página 93).

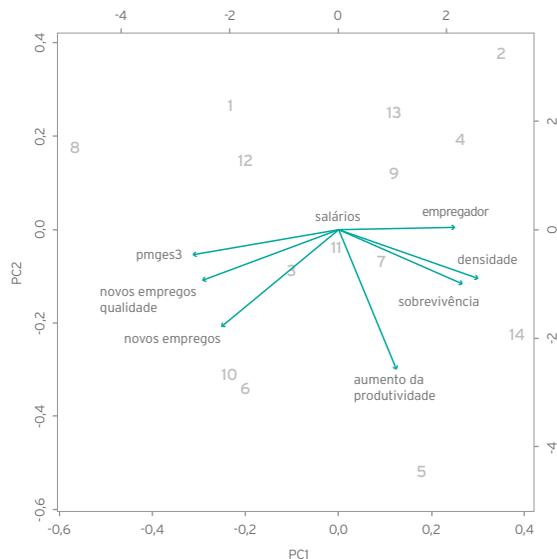
No entanto, os indicadores representam dimensões por vezes bastante distintas da *performance* empreendedora e combiná-los exige cuidado. Em particular, muitas das variáveis de *performance* coletadas têm correlação alta entre si. Por exemplo, o crescimento do número de empresas, a taxa de sobrevivência de empresas pré-existentes e a geração de empregos tendem a ser resultados dos mesmos processos econômicos, e, portanto, a estarem correlacionados, ainda

que sejam medidas bem definidas e diferentes entre si. A Análise de Componentes Principais, já usada para o exame dos determinantes, foi aplicada aos indicadores de *performance* com o propósito de lidar com este problema.

Na Análise de Componentes Principais o objetivo principal é representar um conjunto de muitas variáveis correlacionadas entre si a partir de um conjunto menor de componentes que, por construção, não têm correlação entre si e sem que haja perda informações relevantes presentes nos dados (Bartholomew et al, 2008). Em outras palavras, com esta técnica podemos construir as dimensões - representadas pelos componentes - comuns aos indicadores e representá-los de maneira mais sintética. Se uma parte dos indicadores é fortemente explicada pelo mesmo processo social ou econômico - expansão da economia e do consumo, por exemplo - é provável que encontremos um componente que o represente.

Do ponto de vista técnico, a Análise de Componentes Principais resulta em um conjunto de componentes que explicam, em ordem decrescente de importância, exatamente a mesma variação dos dados explicada pelos indicadores originais. O primeiro componente é o que tem maior poder de explicação da variação e o último, o menor. O gráfico abaixo, proveniente de um exemplo hipotético, ilustra como as variáveis estão arranjadas em torno dos dois primeiros componentes de uma Análise de Componentes Principais.

Exemplo de Ilustração de Análise de Componentes Principais



Para o conjunto de indicadores de *performance* empreendedora escolhidos para este estudo, os três primeiros componentes explicam sozinhos aproximadamente 85% da variação total do conjunto. Ou seja, com a aplicação da Análise de Componentes Principais obtemos três variáveis totalmente não correlacionadas entre si e que resumem de maneira adequada os indicadores de *performance*. A medida final de *performance* adotada na preparação do ranking final, portanto, consiste na combinação simples desses três componentes padronizados:

$$\text{Performance}_x = \text{Componente}_1' + \text{Componente}_2' + \dots + \text{Componente}_k'$$

$$\text{Performance}_x' = (\text{Performance}_x - \text{Média (Performances)} / \text{Desv.pad (Performances)}) + 6$$

Dessa forma, todo o conjunto de variáveis de *performance* é condensado em uma única análise estatística, o que tem a vantagem de prescindir de um *framework* conceitual específico para sua elaboração - o que, diferente dos determinantes, ainda não é amplamente analisado na literatura hoje existente. Vale notar que, para os dados utilizados, o indicador de *performance* empreendedora obtido está altamente correlacionado com um indicador criado a partir da soma simples de todas as variáveis contempladas.

RANKING FINAL DE CIDADES E PESO DOS DETERMINANTES

Um aspecto complexo e controverso na elaboração de rankings é o estabelecimento de pesos para cada um de seus elementos. Há rankings nos quais simplesmente não há pesos para variáveis. Há outros nos quais especialistas são consultados para, com base em sua experiência, estabelecer pesos arbitrários para os indicadores. A decisão adotada para este estudo foi utilizar pesos obtidos a partir das correlações entre *performance* empreendedora e seus determinantes. Os pesos adotados são, portanto, resultado de avaliação empírica. A arbitrariedade fica limitada, assim, à forma de calculá-los e não depende da visão da Endeavor Brasil, de especialistas ou de trabalhos anteriores sobre as relações entre os determinantes e a *performance* empreendedora, ainda que tenham produzido resultados difundidos e defensáveis na literatura.

O pressuposto fundamental desta operação é que há uma relação causal entre *performance* empreendedora e seus

determinantes. Esse é o ponto de partida do *framework* da Endeavor Brasil e das demais ferramentas adotadas por organizações e consultorias internacionais. Cidades com bom desempenho nos determinantes devem, assim se espera, ter um resultado positivo na *performance* empreendedora.

Idealmente, haveria informações sobre diversas cidades brasileiras e seria possível estimar com mais precisão as relações entre determinantes e *performance* empreendedora. Contudo, ao se escolher apenas 14 cidades, limita-se a capacidade de obter a partir dos dados pesos precisos. Não é possível, por exemplo, aplicar técnicas básicas de regressão linear para estimar coeficientes parciais que representem a relação entre a *performance* empreendedora e suas causas.

Diante da limitação do número de cidades, a opção foi construir pesos diretamente a partir das correlações entre cada um dos sete determinantes apresentados no *framework* e a medida *performance* obtida com os componentes da Análise de Componentes Principais. O risco neste procedimento é obter correlações negativas, entre -1 e 0, ou mesmo pesos nulos, para representar equivocadamente relações que, pelo menos em teoria, deveriam ser positiva.

Na formulação dos pesos para os determinantes, decidiu-se, portanto, construir pesos que variariam sempre entre números positivos, maiores que 1 e menores que 2, e que fossem uma função da correlação com a medida de *performance*. A transformação linear das correlações entre 1 e 2 produz pesos que atendem a estes critérios. O cálculo dos pesos é, assim, bastante simples: subtraímos de cada correlação o menor valor entre todas as correlações e dividimos o resultado pela diferença entre o maior e o menor correlação, segundo a fórmula abaixo:

$$\text{peso} = \text{corr}(\text{determinante}, \text{performance}) - \min(\text{corr}) / \max(\text{corr}) - \min(\text{corr})$$

Os pesos obtidos dessa forma são números racionais e, na maior parte dos casos, contém diversas casas decimais. Como as correlações são estimadas com dados de poucas cidades, é indesejável ter pesos que podem, por exemplo, variar demasiadamente entre anos. Para tornar os pesos mais estáveis e, conseqüentemente, reduzir a sensibilidade do ranking, optou-se ao final por limitar os pesos a apenas três valores possíveis -- 1, 1,5 e 2 -- obtidos por uma

DETERMINANTES

	AMBIENTE REGULATÓRIO	INFRAESTRUTURA	MERCADO	ACESSO A CAPITAL	INOVAÇÃO	CAPITAL HUMANO	CULTURA
Correlação (+1)	1,159	1,326	0,791	1,175	1,224	1,518	0,614
Peso final	1,5	2,0	1,0	1,5	1,5	2,0	1,0

regra de arredondamento convencional. O gráfico acima reporta os pesos de cada um dos determinantes.

As notas das capitais no índice final, apresentado na página 16, consistem na soma das notas dos determinantes ponderados pelos pesos obtidos com o procedimento acima, que em seguida são uma vez mais padronizados com média 6 e desvio padrão 1.

$$ICE_x = Det1_x * peso1 + Det2_x * peso2 + \dots$$

$$ICE_x' = (ICE_x - Média(ICE)) / Desv.pad(ICE) + 6$$

Por fim, é importante ressaltar que os pesos aplicados neste ano aos determinantes serão mantidos constantes, ao menos, nos próximos três anos - com a ressalva de que análises futuras sobre os valores encontrados serão sempre refeitas. Além de evitar oscilações indesejáveis, em função da amostra relativamente pequena (de 14 capitais), esse procedimento garante que ações tomadas por governos, gestores públicos e organizações de apoio tenham influência no longo prazo e não alterem o foco e impacto das medidas.

INDICADORES, FONTES E FORMAS DE CÁLCULO

Determinante Ambiente Regulatório

Subdeterminante Tempo de processos

- **Indicador** Tempo para abrir um negócio (em dias)

Forma de cálculo

Tempo total, medido em dias, necessário para abrir uma empresa, de acordo com os órgãos responsáveis, sendo considerados os seguintes processos: arquivamento de ato (Junta Comercial); emissão de CNPJ (Receita Federal); emissão de inscrição estadual (Governo do Estado); alvará de funcionamento (Prefeitura); licença do corpo de bombeiros (Polícia Militar).

Fonte SEDI - Ano 2014

- **Indicador** Tempo para obter energia elétrica (em dias)

Forma de cálculo

Tempo médio, medido em dias, necessário para obter energia de baixa e alta tensão, de acordo com a concessionária local.

Fonte SEDI - Ano 2014

- **Indicador** Tempo para aprovação de projetos arquitetônicos (em dias)

Forma de cálculo

Tempo total, medido em dias, necessário para aprovar projetos arquitetônicos e emitir alvará de construção, de acordo com a Prefeitura local.

Fonte SEDI - Ano 2014

- **Indicador** Tempo para obtenção de registros imobiliários (em dias)

Forma de cálculo

Tempo total, medido em dias, necessário para obter registros de imóveis, de acordo com a cartórios e Prefeitura local. Para todas as cidades, foram considerados os seguintes processos: emissões de certidões (Cartório de Imóveis); emissão do ITBI (Prefeitura); escritura, registro do imóvel e averbações entre as partes (Cartório de notas).

Fonte SEDI - Ano 2014

- **Indicador** Taxa de congestionamento em tribunais (*)

Forma de cálculo

Taxa de congestionamento média considerando a efetividade do tribunal no período, levando-se em conta o total de casos novos que ingressaram, os casos baixados e o estoque pendente ao final do período anterior ao período base. Índice médio

entre o Tribunal de Justiça do Estado, o Tribunal Regional do Trabalho e o respectivo Tribunal Regional Federal. Dado estadual.

Fonte CNJ - Ano 2013

Subdeterminante Custo de impostos

- **Indicador** Alíquota do imposto efetivo sobre PMEs (*)

Forma de cálculo

Alíquota do imposto efetivo do Simples Nacional, segundo simulação do Sebrae/CNI, sobre micro e pequenas empresas (com faturamento de até R\$ 3,6 milhões) que operam nos seguintes setores: Indústria (calçados, laticínios, móveis, panificação, material cerâmico, vestuário), Comércio (autopeças, farmácia, material de construção, mercearia, restaurante e vestuário) e Serviços (educação infantil). Dado estadual.

Fonte Sebrae e CNI - Ano 2012

- **Indicador** IPTU médio efetivo (via alíquotas)

Forma de cálculo

Imposto médio do IPTU efetivo em três tipos-parâmetro de empresas para todas as cidades: comércio varejista de artigos do vestuário e acessórios, com espaço de 50 m² e valor venal igual a R\$ 275 mil (setor: comércio); restaurantes e outros estabelecimentos de serviços de alimentação e bebidas, com espaço de 150 m² e valor venal igual a R\$ 825 mil (setor: serviços); confecção de peças de vestuário, exceto roupas íntimas, com espaço de 500 m² e valor venal igual a R\$ 2,75 milhões (setor: indústria).

Fonte Prefeituras municipais - Ano 2014

Determinante Infraestrutura

Subdeterminante Transporte interurbano

- **Indicador** Densidade do transporte rodoviário (*)

Forma de cálculo

Malha rodoviária pavimentada total, no estado, sob jurisdição estadual e federal, em quilômetros; dividido pela área total do estado. Dado estadual.

Fonte DNIT / IBGE - Ano 2012/2010

- **Indicador** Nº de voos diretos por ano

Forma de cálculo

Logaritmo do número total de aeronaves, em pousos e decolagens de voos nacionais e internacionais, nos aeroportos com voos comerciais da região metropolitana do município.

Fonte Infraero e concessionárias - Ano 2013

- **Indicador** Distância ao porto mais próximo (em km)

Forma de cálculo

Logaritmo da distância total, em quilômetros, do ponto central da cidade até o porto com terminal de carga mais próximo.

Fonte Receita Federal e Google- Ano 2014

Subdeterminante Condições urbanas

- **Indicador** Acesso da população à internet

Forma de cálculo

Porcentagem da população do município que acessou a internet nos últimos 3 meses.

Fonte Microdados da PNAD (IBGE) - Ano 2013

- **Indicador** Preço médio do m² (em reais)

Forma de cálculo

Preço médio, por m², de apartamentos residenciais usados - publicado na Revista Exame (Edição 1065 - 14/05/2014).

Fonte FIPE - Ano 2014

- **Indicador** Custo da energia elétrica (em reais por Kwh)

Forma de cálculo

Valor das tarifas residenciais cobradas pelas concessionárias locais e homologadas pela Aneel, em R\$/kWh (reais por quilowatt-hora). Não contemplam tributos e outros elementos que fazem parte da conta de luz, tais como: ICMS, Taxa de Iluminação Pública e Encargo de Capacidade Emergencial.

Fonte Aneel - Ano 2014

- **Indicador** Tempo de deslocamento casa-trabalho

Forma de cálculo

Porcentagem da população do município que declara demorar trinta (30) minutos ou mais para percorrer o trajeto casa-trabalho.

Fonte Microdados da PNAD (IBGE) - Ano 2013

- **Indicador** Taxa de furtos e roubos de veículos

Forma de cálculo

Total de furtos e roubos de veículos no município, para cada 1.000 veículos.

Fonte Denatran (CNSeg) / Denatran

Ano 2013/2014

Determinante Mercado

Subdeterminante Desenvolvimento

Econômico

- **Indicador** PIB Total (log)

Forma de cálculo

Logaritmo do Produto Interno Bruto total do município, em reais.

Fonte IBGE - Ano 2011

- **Indicador** Crescimento médio PIB Real nos últimos 3 anos)

Forma de cálculo

Crescimento médio do Produto Interno Bruto do município, em valores reais (base - deflator nacional), por município, entre 2009 e 2011.

Fonte IBGE - Ano 2011

Subdeterminante Clientes Potenciais

- **Indicador** Renda per capita

Forma de cálculo

Renda total da população do município, dividida pelo número de habitantes, ponderado Índice de Gini -- multiplicado por (1 - (Gini)).

Fonte Microdados da PNAD (IBGE) - Ano 2013

- **Indicador** Valor adicionado médio dos serviços (por empresa)

Forma de cálculo

Valor adicionado bruto a preços correntes dos serviços do município (excluindo administração, saúde e educação pública e seguridade social), dividido pelo total de empresas do município.

Fonte IBGE / RAIS (MTE) - Ano 2011

- **Indicador** Compras públicas médias (por empresa)

Forma de cálculo

Despesas de investimento, e dispêndios na contratação de serviços de terceiros realizados pela Prefeitura, somado às despesas de investimento e dispêndios na contratação de serviços de terceiros realizados pelo Estado, ponderando pela proporção do PIB municipal em relação ao PIB estadual, tudo dividido pelo total de empresas do município. Rubricas selecionadas a partir da FINBRA (em anexo), adotada como proxy de compras públicas.

Fonte FINBRA (STN) / IBGE - Ano 2013/2011

Determinante Acesso a Capital

Subdeterminante Capital disponível via dívida

- **Indicador** Operações de crédito em relação ao PIB)

Forma de cálculo

Valor anual, em reais, das operações de crédito, para pessoas físicas e jurídicas, dos bancos múltiplos com carteira comercial, dividido pelo PIB total do município.

Fonte Banco Central / IBGE - Ano 2013/2011

Subdeterminante Acesso a capital de risco

- **Indicador** Porcentagem relativa de VCs + GCs (*)

Forma de cálculo

Porcentagem relativa dos investimentos de Venture Capital e Growth Capital feitos (X) nos 14 estados, comparada à porcentagem relativa de PMEs (Y) nos 14 estados (X/Y); considerando os deals que ocorreram entre 2009 e 2014. Dado estadual.

Fonte Spectra Investments / RAIS (MTE)

Ano 2014/2013

- **Indicador** Porcentagem relativa de PEs (*)

Forma de cálculo

Porcentagem relativa dos investimentos de Private Equity feitos (X) nos 14 estados, comparada à porcentagem relativa de MGEs (Y) nos 14 estados (X/Y); considerando os deals que ocorreram entre 2009 e 2014. Dado estadual.

Fonte Spectra Investments / RAIS (MTE)

Ano 2014/2013

- **Indicador** Capital Poucado per Capita

Forma de cálculo

Valor médio mensal dos depósitos em poupança e depósitos de longo prazo, de pessoas físicas e jurídicas, dividido pelo número de habitantes do município.

Fonte Banco Central / Censo (IBGE)

Ano 2013/2010

Determinante Inovação

Subdeterminante Intensidade de investimentos

- **Indicador** Gastos públicos em C&T (em % do orçamento total) (*)

Forma de cálculo

Percentual dos dispêndios em ciência e tecnologia (C&T) dos governos estaduais em relação às suas receitas totais. Dado estadual.

Fonte MCT - Ano 2012

- **Indicador** Dispêndios privados em inovação (% das receitas totais) (*)

Forma de cálculo

Dispêndios realizados pelas empresas inovadoras nas atividades inovativas (consideradas as empresas de setores específicos que implementaram produto e/ou processo novo ou substancialmente aprimorado), dividido pelo total das receitas líquidas dessas empresas. Dado estadual.

Fonte Dados regionais da PINTEC (IBGE)

Ano 2011

Subdeterminante IPotencial de geração de inovação

- **Indicador** Pedidos de patentes (*)

Forma de cálculo

Pedidos de patentes depositados, em log dos valores absolutos, segundo o estado do depositantes, em 2011 e 2012. Dado estadual.

Fonte INPI - Ano 2012

- **Indicador** Relacionamento empresas & IES (*)

Forma de cálculo

Percentual de empresas inovadoras do estado (em atividades da indústria e dos serviços selecionados) que implementaram inovações com relações de cooperação com universidades e instituições de pesquisa, com grau alto e médio, no triênio 2009-2011, em comparação com o total de empresas analisadas. Dado estadual.

Fonte Dados regionais da PINTEC (IBGE) - Ano 2011

- **Indicador** Mestres e Doutores em STEM (Empresas/Total) (Lattes) (*)

Forma de cálculo

Número de mestres e doutores residentes com currículo cadastrado na Plataforma Lattes nas áreas de ciências exatas e da terra; ciências biológicas; engenharias; ciências agrárias, ciências da saúde, que trabalham em empresas privadas, em relação ao total de mestres e doutores nessas áreas cadastrados na Plataforma Lattes. Dado estadual.

Fonte Plataforma Lattes (MCT) - Ano 2013

- **Indicador** Proporção de trabalhadores em ocupações STEM

Forma de cálculo

Número de trabalhadores no município ocupando funções ligadas as áreas de ciência, tecnologia, engenharia e matemática, de acordo com critérios definidos internamente a partir da listagem de ocupações (CBO - Classificação Brasileira de Ocupações - em anexo) dividido pelo total de trabalhadores no município..

Fonte RAIS (MTE) - Ano 2013

Determinante Capital Humano

Subdeterminante Acesso e qualidade da MDO básica

- **Indicador** Proporção de adultos com ao menos ensino fundamental completo

Forma de cálculo

Percentual da população do município, com idade igual ou acima de 16 anos, com ao menos ensino fundamental completo.

Fonte Microdados da PNAD (IBGE) - Ano 2013

- **Indicador** Nota do IDEB nas 8o/9º séries

Forma de cálculo

Índice final do IDEB, calculado com base no desempenho escolar dos alunos das escolas

públicas do município.

Fonte IDEB (MEC) - Ano 2013

- **Indicador** Proporção de adultos com ao menos ensino médio completo

Forma de cálculo

Percentual da população do município, com idade igual ou acima de 19 anos, com ao menos ensino médio completo.

Fonte Microdados da PNAD (IBGE) - Ano 2013

- **Indicador** Nota do IDEB no ensino médio (*)

Forma de cálculo

Índice final do IDEB, calculado com base no desempenho escolar dos alunos das escolas públicas e privadas do estado. Dado estadual.

Fonte IDEB (MEC) - Ano 2013

- **Indicador** Proporção de matriculados no ensino profissionalizante

Forma de cálculo

Número médio de matrículas no ensino profissionalizante, entre 2011 e 2013, no ensino médio, concomitante e subsequente, dividido pelo número de habitantes total entre 15 e 19 anos (Censo 2010).

Fonte Censo escolar (MEC) / Censom (IBGE)

Ano 2013 / 2010

Subdeterminante Acesso e qualidade da MDO qualificada

- **Indicador** Proporção de adultos com ao menos ensino superior completo

Forma de cálculo

Percentual da população do município, com idade igual ou acima de 25 anos, com ao menos ensino superior completo.

Fonte Microdados da PNAD (IBGE) - Ano 2013

- **Indicador** Proporção de matriculados em cursos de alta qualidade

Forma de cálculo

Média, entre 2010 e 2012, da porcentagem de alunos inscritos em cursos de IES do município com notas 4 e 5 no ENADE, em relação ao total de alunos inscritos em todos os cursos do município analisados pelo ENADE no ano base.

Fonte ENADE (MEC) Ano 2010 a 2012

- **Indicador** Salário médio de dirigentes

Forma de cálculo

Salário médio de funcionários em cargos de gerência e direção segundo classificação própria a partir da CBO (Classificação Brasileira de Ocupações - em anexo).

Fonte RAIS (MTE) - Ano 2013

Determinante Cultura

Subdeterminante Potencial Empreendedor

- **Indicador** Participação da população em cursos de empreendedorismo

Forma de cálculo

Percentual de respondentes que afirmam "sim" para a questão: "Você já fez algum curso de capacitação sobre empreendedorismo?".

Fonte Endeavor/Troiano - Ano 2014

- **Indicador** Nível de otimismo declarado

Forma de cálculo

Pergunta: "As pessoas ao seu redor, em geral, acham você: pessimista ou otimista" (escala 1 a 7).

Fonte Endeavor/Troiano - Ano 2014

- **Indicador** Nível de autoconfiança declarado

Forma de cálculo

Pergunta: "Na escala de -3 a +3, onde -3 é pouco autoconfiante e +3 é muito autoconfiante, como você se classificaria?".

Fonte Endeavor/Troiano - Ano 2014

- **Indicador** Disposição perante o risco

Forma de cálculo

Pergunta: "Como você se sente com relação a riscos, em geral? (1) Joga-se de cabeça ou (2) Gosta de segurança".

Fonte Endeavor/Troiano - Ano 2014

- **Indicador** Medo do fracasso

Forma de cálculo

Pergunta: "Assinale a alternativa que mais se aproxima do que você sente quando fracassa: (1) Quando eu fracasso, sinto que aprendi uma coisa nova. Levanto, começo de novo e faço diferente, mas insisto; (2) Quando eu fracasso, em geral, repenso e vou buscar outras coisas. Não fico insistindo..".

Fonte Endeavor/Troiano - Ano 2014

- **Indicador** Objetivos de vida

Forma de cálculo

Pergunta: "O que eu mais busco na vida é: (1) Qualidade de vida. Quero ter tempo para mim, para aproveitar a vida, as coisas e as pessoas de quem eu gosto; (2) Ser o melhor que eu puder, sempre. Se eu tiver uma empresa, gostaria de fazê-la crescer muito; se trabalhar numa empresa, gostaria alcançar os mais altos cargos (diretoria, vice-presidência, presidência)..".

Fonte Endeavor/Troiano - Ano 2014

- **Indicador** Preferência por emprego próprio

Forma de cálculo

Pergunta: "Hoje, você preferiria: (1) ser dono do seu próprio negócio; (2) Ser funcionário; (3) Ser consultor/autônomo..".

Fonte Endeavor/Troiano - Ano 2014

- **Indicador** Intenção de empreender (em % da população)

Forma de cálculo

Pergunta: "Você pretende abrir um novo negócio nos próximos 5 anos?" (Sim/Não).

Fonte Endeavor/Troiano - Ano 2014

- **Indicador** População com medo de falir

Forma de cálculo

Percentual de respondentes que concordam parcial ou totalmente com a afirmação: "Eu teria medo de empreender".

Fonte Endeavor/Troiano - Ano 2014

- **Indicador** Propensão a se dedicar ao negócio

Forma de cálculo

Percentual de respondentes que concordam parcial ou totalmente com a afirmação: "Eu estaria disposto a sacrificar uma grande parte do meu tempo de lazer e com a minha família para me dedicar ao meu negócio".

Fonte Endeavor/Troiano - Ano 2014

Subdeterminante Imagem do Empreendedorismo

- **Indicador** Definição de empreendedorismo

Forma de cálculo

Pergunta: Na sua visão, qual é a melhor definição de empreendedor? (1) "Para ser empreendedor, não precisa ter um negócio próprio, basta pensar e agir de forma inovadora"; (2) "O empreendedor é o empresário. Alguém que tem um negócio próprio, uma empresa. O que ele busca, na verdade, é conquistar um alto padrão de vida"; (3) "O empreendedor é aquela pessoa que transforma uma ideia em negócio e gera emprego para a população".

Fonte Pesquisa primária - Ano 2014

- **Indicador** Status do empreendedor

Forma de cálculo

Percentual de respondentes que concordam parcial ou totalmente com a afirmação: "Eu acredito que os empreendedores são pessoas que exploram seus funcionários".

Fonte Pesquisa primária - Ano 2014

- **Indicador** Dificuldade de empreender na cidade

Forma de cálculo

Percentual de respondentes que concordam parcial ou totalmente com a afirmação: "Empreender, na minha cidade, é bastante

complicado”.

Fonte Pesquisa primária - **Ano** 2014

• **Indicador** Incentivo ao empreendedorismo na família

Forma de cálculo

Percentual de respondentes que concordam parcial ou totalmente com a afirmação: “Se alguém muito próximo a mim - pais, irmão, esposo(a) - quisesse empreender, eu acharia difícil de apoiar, pela insegurança financeira”.

Fonte Pesquisa primária - **Ano** 2014

• **Indicador** Percepção sobre empreendedorismo na mídia

Forma de cálculo

Percentual de respondentes que concordam parcial ou totalmente com a afirmação: “Eu tenho visto muitas entrevistas e matérias sobre empreendedores na mídia em geral”.

Fonte Pesquisa primária - **Ano** 2014

• **Indicador** Contribuição dos empreendedores

Forma de cálculo

Pergunta: Quem mais contribui para o desenvolvimento do Brasil? (1) Novos empreendedores; (2) Governo; (3) Empresas internacionais; (4) Grandes empresas brasileiras.

Fonte Pesquisa primária - **Ano** 2014

• **Indicador** “Dependência” de empreendedores

Forma de cálculo

Pergunta: Quanto o desenvolvimento do Brasil depende da iniciativa de empreendedores? (Escala 0 a 6).

Fonte Pesquisa primária - **Ano** 2014

Performance

Subdeterminante Empresas

• **Indicador** Taxa de sobrevivência de empresas

Forma de cálculo

Proporção de empresas cadastradas no município que estavam ativas em 2011 e também 2012.

Fonte Demografia de empresas (IBGE)

Ano 2012

• **Indicador** Crescimento no nº total de PMGÊs

Forma de cálculo

Crescimento percentual, entre 2010 e 2013, do número total de empresas do município com pelo menos 10 funcionários.

Fonte RAIS (MTE) - **Ano** 2010 a 2013

• **Indicador** Porcentagem da população que se considera “empregador”

Forma de cálculo

Porcentagem da população economicamente ativa (PEA) que se considera “empregador”.

Fonte Microdados da PNAD (IBGE)

Ano 2013

• **Indicador** Densidade de empresas

Forma de cálculo

Número total de empresas dividido pela população total do município.

Fonte RAIS (MTE) / Censo (IBGE)

Ano 2013/2010

Subdeterminante IEmpregos

• **Indicador** Geração de novos empregos (percentual)

Forma de cálculo

Expansão do número absoluto de empregos, no percentual entre 2012 e 2013, nas empresas do município.

Fonte RAIS (MTE) - **Ano** 2013

• **Indicador** Proporção de novos empregos qualificados

Forma de cálculo

Crescimento do pessoal ocupado, entre 2012 e 2013, para as classificações ocupacionais específicas segundo classificação própria a partir da CBO (Classificação Brasileira de Ocupações - em anexo)..

Fonte RAIS (MTE) - **Ano** 2013

Subdeterminante Riqueza

• **Indicador** Crescimento dos salários

Forma de cálculo

Crescimento relativo, entre 2012 e 2013, do salário médio dos trabalhadores do município.

Fonte RAIS (MTE) - **Ano** 2013

• **Indicador** Aumento da produtividade média

Forma de cálculo

Aumento, entre 2010 e 2011, da produtividade média (em porcentagem), medida pela função do PIB em relação ao número total de empresas do município.

Fonte IBGE / RAIS (MTE) - **Ano** 2011

ANEXO 2:

METODOLOGIA DA

PESQUISA DE CAMPO

DETERMINANTE

DE CULTURA

PARCERIA:

GRUPO TROIANO

Para conhecer o estudo completo, acesse:

<http://info.endeavor.org.br/os-perfis-dos-empresendedores-brasileiros>

Cidades com as mesmas características no ambiente empreendedor, tais como infraestrutura, condições de mercado, capacidade de inovação, disponibilidade de mão de obra etc., podem, ainda assim, diferir significativamente na intensidade da atividade empreendedora. Um dos fatores para essas diferenças pode estar na cultura de cada cidade. Com o objetivo de mensurar adequadamente a cultura empreendedora das 14 capitais brasileiras, a Endeavor Brasil, em parceria com o Grupo Troiano, produziu uma pesquisa exclusiva sobre este determinante, tratada com mais detalhes neste anexo.

O determinante de cultura representa, de maneira sintética, a propensão cultural de cada uma das capitais para o empreendedorismo. Em outras palavras, a cultura empreendedora de uma cidade indica a frequência maior ou menor na população de características comportamentais e atitudinais que favoreçam o empreendedorismo. Disposição para assumir riscos, expectativa em relação ao trabalho e à vida pessoal, ambição e a percepção sobre o papel dos empreendedores na sociedade são algumas dessas características que variam de cidade para cidade.

Para construir um determinante de cultura empreendedora para as 14 capitais a pesquisa foi realizada em duas etapas: a primeira exploratória (qualitativa) e a segunda, de mensuração (quantitativa). O resultado é um índice numérico utilizado no ranking de cultura a ser “computado” no índice geral de cada capital, considerando o “Potencial Empreendedor” da população e a “Imagem do Empreendedorismo” na cidade.

ETAPA QUALITATIVA: ENTREVISTA COM EMPREENDEDORES

A etapa qualitativa da pesquisa consistiu no levantamento, por meio de entrevistas em profundidade com roteiro semiestruturado, de perfis de empreendedores e na compreensão sobre suas histórias, percepções e desafios. Foram entrevistados 33 empreendedores formais de todo o Brasil, homens e mulheres, em diferentes fases de desenvolvimento de suas carreiras e/ou negócios: pré-empresários, iniciantes, maduros, desistentes, além de empreendedores com alto crescimento, apoiados pela Endeavor Brasil.

Nas entrevistas, foram abordados temas como as características comuns a todos os empreendedores, em contraste

com profissionais que optaram por outras carreiras, estilos de gestão e de liderança e as motivações que levaram cada um a seguir o caminho empreendedor. Em particular o principal foco das entrevistas foram as motivações que levaram os entrevistados a empreender.

A etapa qualitativa teve dois resultados concretos: o fornecimento de subsídios para o questionário da etapa quantitativa e a construção dos perfis dos empreendedores no Brasil. Foi identificada a existência de seis diferentes perfis na sociedade: Nato, Meu Jeito, Situacionistas, Herdeiro, Idealista e Busca do Milhão. Cada um deles possui particularidades na expectativa sobre os próprios negócios, objetivos, valores e estilo de gestão.

No questionário da etapa quantitativa, os seis perfis são tomados como segmentos de empreendedores em cada cidade. A partir da presença de cada um dos segmentos em uma cidade, é possível estimar o potencial empreendedor local. Em conjunto com a propensão a empreender, o tamanho dos segmentos está na base do cálculo do Índice de Cultura, como explicado a seguir.

ETAPA QUANTITATIVA: PESQUISA COM A POPULAÇÃO DAS 14 CAPITAIS DO ESTUDO

Para esta etapa da pesquisa foi elaborado um questionário com 31 perguntas estruturadas. O objetivo do questionário foi obter, para cada entrevistado, o segmento empreendedor ao qual pertencia, sua percepção sobre empreendedores (imagem do empreendedor), eventual experiência como empreendedor e propensão a empreender. As informações coletadas compõem o Índice de Cultura.

O questionário online foi aplicado em 3.917 participantes nas 14 capitais brasileiras selecionadas para o estudo. Em cada cidade há de 100 a 400 participantes, de acordo com a proporção de habitantes. Todos os respondentes têm mais do que 16 anos e residem na cidade em questão. A aplicação da pesquisa ocorreu nos meses de Junho e Julho de 2014.

ÍNDICE DE CULTURA

O Índice de Cultura de cada capital, resultado final desta etapa do estudo, foi calculado por meio de uma

combinação linear de três elementos: S%, P e I, obtidos através de questões constantes no questionário da etapa de mensuração do estudo de nosso trabalho.

S%: O primeiro dos elementos, "S%", representa proporção de cada um dos 6 perfis empreendedores na localidade. O "S%", em cada cidade, foi determinado por meio de uma bateria de questões específicas para discriminar um segmento do outro, ou seja, para classificar cada respondente em um perfil empreendedor.

P: O segundo elemento, "P", é a medida da propensão a empreender de cada segmento, e foi utilizado como peso no cálculo do potencial empreendedor da população de cada cidade. Dessa forma, cada segmento empreendedor possui um "P" correspondente - trata-se, portanto, de uma medida geral do estudo, e, diferentemente de S%, não varia entre cidades.

Como determinar o potencial empreendedor dos diferentes segmentos? Aqui, foram utilizados os aprendizados da etapa exploratória para compor uma equação com 2 variáveis: "Atitude Empreendedora" (A) e, "Empreendedor ou não empreendedor" (E). Detalhadamente :

A "Atitude Empreendedora": na fase exploratória do trabalho, foi apontada a existência de 5 aspectos característicos da "atitude empreendedora": otimismo, autoconfiança, coragem para correr risco, desejo de protagonismo e resiliência. O questionário, na etapa de mensuração do trabalho, contou com perguntas para demonstrar a presença ou não da "atitude empreendedora", somada à iniciativa de já ter realizado alguma atividade de capacitação empreendedora, através de pelo menos um curso relativo a empreendedorismo. Como cada respondente foi classificado em um dos perfis, foi possível calcular a média brasileira da Atitude Empreendedora de cada segmento;

E "Empreendedor ou não empreendedor": medida que reflete, simplesmente, a maior ou menor concentração

de empreendedores de fato (e, em menor escala, mas também considerados, consultores, profissionais liberais e autônomos) em cada segmento e em cada cidade;

Para que os segmentos com mais empreendedores efetivos tivessem maior relevância em comparação aos demais segmentos, as variáveis "A" e "E" não recebem o mesmo peso no cálculo de valor "P", conforme o cálculo abaixo

$$P = (a*0,30) + (e*0,70)$$

I: Por fim, o último elemento do cálculo do Índice de Cultura, "I", traduz a imagem que a população de cada uma das capitais tem da atividade empreendedora e dos empreendedores em si. Trata-se, portanto, de um elemento ligado à cidade e não a um ou outro segmento. Tal como os demais elementos do índice final, o I foi obtido por meio de um conjunto de perguntas específicas presentes no questionário.

Calculados "S%", "P" e "I", pode-se obter o Índice de Cultura da seguinte forma:

$$\sum \{S_i\% \times \overbrace{[(a \times 0,30) + (e \times 0,70)]}^P\} \times I_{cidade}$$

É importante notar que este Índice é um indicador do potencial de interesse e de propensão a empreender em cada cidade. Logo, não necessariamente reflete a real presença de empreendedores em cada região, que pode ser medida de diversas outras formas, mas a possibilidade de o impulso empreendedor se manifestar com mais intensidade, dadas a devidas condições para isso. Em conjunto com os demais determinantes analisados neste estudo, o Índice de Cultura Empreendedora auxilia a entender o desenvolvimento do ambiente empreendedor e a performance empreendedora em cada capital estudada.

ANEXO 3:

PESQUISA COM

PREFEITURAS

Os dados que compõem o ranking de empreendedorismo nas capitais brasileiras têm origem em fontes públicas, empresas parceiras e uma coleta primária em que foram entrevistadas cerca de 4.000 pessoas. Além das fontes principais de pesquisa, foi enviado às Prefeituras Municipais das 14 capitais analisadas neste estudo um questionário com questões sobre: incentivos ao empreendedorismo via compras públicas, isenções para investimentos, acesso a capital de fomento e iniciativas de capacitação e suporte. As respostas, obtidas com Secretarias Municipais entre maio e agosto deste ano, não foram consideradas para o ranking final, mas mostram algumas das iniciativas próprias das prefeituras no que diz respeito ao incentivo ao empreendedorismo, que são resumidas a seguir.

COMPRAS PÚBLICAS

Utilizando mecanismos previstos na Lei Geral de Micro e Pequenas Empresas, recentemente, diversas Prefeituras passaram a prever em suas legislações compras públicas próprias para micro e pequenos empreendedores (MPEs), com licitações exclusivas (com valores totais de até R\$ 80 mil) e percentuais mínimos de compras de MPEs.

No entanto, por mais que estejam previstos em lei, esses mecanismos têm dificuldade em atingir a maioria dos empreendedores, principalmente em razão das complexidades burocráticas dos processos de compras e deficiências

na comunicação de licitações abertas. Ao mesmo tempo, a contabilidade dessas compras ainda é limitada, dado que a quase a totalidade das prefeituras não possui um sistema de avaliação estabelecido.

Nesse sentido, a Prefeitura de Recife e o Governo do Distrito Federal (responsável pela administração de Brasília) dão exemplos de ações que podem ser replicadas. Ambos os governos, após regulamentarem a Lei Geral, estão criando portais de comunicação e cadastramento de fornecedores, que servirão de canais de compras e comunicação de editais, assim como local nos quais as estatísticas de empresas beneficiadas serão divulgadas.

INCENTIVOS PARA INVESTIMENTOS

Assim como acontece com compras públicas, diversas prefeituras preveem benefícios, via isenções sobre os impostos municipais, como o ISS, IPTU e ITBI. Mas os desafios também são bastante similares: pouquíssimas empresas têm acesso aos benefícios e, em geral, os impactos não são medidos.

Além disso, quando as Prefeituras possuem algum tipo de incentivo, geralmente está atrelado ao ISS e é disponibilizado apenas para empresas de algum setor, especialmente ligado à tecnologia e TI, o que, no final das contas, não

representa uma diferenciação para a cidade - apesar de ser um benefício para os empreendedores do setor - uma vez que essa prática é bastante comum.

Ainda que também tenham o desafio de expandir o número de beneficiados, as Prefeituras de São Paulo e de Belo Horizonte possuem programas diferentes do padrão relatado. Na capital paulista, por exemplo, empresas instaladas na zona leste e na região da Estação da Luz - historicamente áreas menos desenvolvidas que outros centros comerciais da cidade - têm isenções no IPTU e ITBI, além de taxas exclusivas no próprio ISS. Já em Belo Horizonte, a Prefeitura oferece o Programa de Incentivo à Instalação e Ampliação de Empresa (PROEMP), que prevê isenções tanto no ISS como no IPTU para empresas inovadoras que expandam suas operações - incentivando o crescimento de empresas - contratando principalmente funcionários com ensino superior.

ACESSO A CAPITAL DE FOMENTO

O microcrédito é o principal instrumento utilizado para facilitar o acesso a capital, relatado por quase todos os governos locais. Esse tipo de financiamento, em geral, tem um alcance significativo tanto em volume investido como em relação ao número de empreendedores apoiados, mas não é necessariamente uma iniciativa da Prefeitura. Algumas prefeituras também expuseram iniciativas de instituições nacionais regionais, como o BNDES e agências de desenvolvimento locais.

Mas existem ações próprias das Prefeituras, como é o caso de Manaus (FUMIPEQ) e Fortaleza (CREDJOVEM) - esta, inclusive, é uma parceria com o BID e é focada em empreendedores jovens, entre 18 e 29 anos, que estudaram em escolas públicas da cidade. Outro caso interessante é encontrado em Curitiba, em que o Banco do Empreendedor, uma iniciativa estadual, diminui suas taxas de juros à medida que o empreendedor se capacita e expande o negócio.

INICIATIVAS DE CAPACITAÇÃO E SUPORTE

Com diferentes iniciativas e impactos, todas as prefeituras relataram ter ações focadas na capacitação empreendedora e no suporte aos negócios, sempre contando com a colaboração de outras organizações. Em geral, o Sebrae local é o principal parceiro das prefeituras, seja em programas de capacitação, incubação ou na realização de "feiras do empreendedor", que ocorrem em quase todas as 14 capitais.

No que diz respeito ao ensino do empreendedorismo, poucas cidades têm disciplinas de empreendedorismo no ensino fundamental (que é responsabilidade das Prefeituras Municipais, quando em escolas públicas). No nível superior as prefeituras tampouco têm iniciativas próprias, por mais que tenham conhecimento de cursos e atividades independentes. Em ambos os casos o cenário pode ser uma boa oportunidade para aproximar o setor público das instituições de ensino.

REFERÊNCIAS

BIBLIOGRÁFICAS

- Ahmad, Nadim. "A Proposed Framework for Business Demography Statistics". OCDE. (2006)
- Ahmad, Nadim & Hoffmann, Anders N. "A Framework for Addressing and Measuring Entrepreneurship". OCDE. (2007)
Disponível em: http://www.oecdilibrary.org/economics/a-framework-for-addressing-and-measuring-entrepreneurship_243160627270
- Arboleda, Pedro; Dassel, Kurt & Grogan, C. Jeffrey. "Paths to Prosperity", Monitor Group. (2009)
Disponível em: http://icma.org/en/icma/knowledge_network/documents/kn/Document/303489/Paths_to_Prosperty
- Aspen Network of Development Entrepreneurs. "Entrepreneurial Ecosystem Diagnostic Toolkit". (2013)
Disponível em: <http://www.aspeninstitute.org/publications/entrepreneurial-ecosystem-diagnostic-toolkit>
- Audretsch, David B. Thurik, Roy, Verheulm Ingrid & Wennekers, Sander. "Entrepreneurship: Determinants and Policy in a European-U.S. Comparison", Boston/Dordrecht/London: Kluwer Academic Publishers, 11-83. (2002)
- Bartholomew, D., F. Steele, I. Moustkaki, & J. Galbraith. "The Analysis and Interpretation of Multivariate Data for Social Scientists", Londres: Chapman and Hall. (2002)
- Endeavor Brasil. "Empreendedores Brasileiros, Perfis e Percepções". (2013)
Disponível em <http://info.endeavor.org.br/relatorio-empreendedores-brasileiros-perfis>
- Endeavor Brasil & IBGE. "Estatísticas de Empreendedorismo". (2011)
Disponível em: <http://info.endeavor.org.br/estatisticas-de-empreendedorismo-2011>
- Endeavor Brasil & Grupo Troiano. "Cultura Empreendedora no Brasil". (2014)
Disponível em: <http://info.endeavor.org.br/os-perfis-dos-empreendedores-brasileiros>
- Hoffmann, A., Larsen, M. & Oxholm, S. "Quality Assessment of Entrepreneurship Indicators", FORA, Copenhagen. (2006)
Disponível em:http://ice.foranet.dk/upload/quality_assessment_of_entrepreneurship_indicators_002.pdf
- Lundström Anders & Stevenson, Lois. "Entrepreneurship Policy Theory and Practices", International Studies in Entrepreneurship, Springer. (2005)
- PwC. "Cities of Opportunity 6". (2014)
Disponível em: <http://www.pwc.com/us/en/cities-of-opportunity/>
- The World Bank. "Doing Business: Measuring Business Regulations". (2013)
Disponível em: <http://www.doingbusiness.org/>
- Thurik, Roy; Uhlaner, Lorraine M. & Wennekers, Sander. "Entrepreneurship and Economic Performance: a Macro Perspective". International Journal of Entrepreneurship Education. (2002)

Ambiente Regulatório. Infraestrutura. Mercado. Acesso a Capital. Inovação. Capital Humano. Cultura. Esses são os sete determinantes que sustentam a atividade empreendedora. Com base em dados que avaliam esses determinantes, o Índice de Cidades Empreendedoras 2014 analisa o ambiente empreendedor de 14 capitais brasileiras.

A partir dos resultados deste estudo, governos e organizações de apoio podem criar planos para desenvolver o empreendedorismo em suas regiões. E empreendedores podem decidir com mais fundamento em que cidades investir.